MAFAGAFO

Nº 02
PARTE 4 DE 4
DEZ/2018

CONTOS E NOVELETAS DE:

ANA RÜSCHE
ANNA FAGUNDES MARTINO
DANTE LUIZ
ISA PROSPERO
LAURO KOCIUBA
MARCOS BERTO
MICHEL PERES
SÉRGIO MOTTA

FICÇÕES RELÂMPAGO DE:

ANDRÉ CANIATO / ADELE LAZARIN / AURYO JOTHA / CLARA GIANNI / CONRADO DE LIMA
NATAN ANDRADE / NINA LADEIA / RAFAEL MARX / VICTOR GERHARDT

ORGANIZAÇÃO: JANA BIANCHI / CAPA: GIOVANNA CIANELLI / DIAGRAMAÇÃO: LEO ALVAREZ

EDITORIAL

O tempo fez sua mágica, quatro meses intensos passaram como um piscar de olhos e já chegamos ao fim de mais uma edição da Mafagafo. Talvez contribua com essa sensação o fato de que o trabalho aqui no Ninho não parou nem por um instante — e 2019 se aproxima com a perspectiva de ainda mais trabalho. Nas nossas redes (*e em uma live que fizemos com o canal Ficções Humanas*) falamos um pouco sobre a restruturação do projeto, que compreende — entre outras mudanças — uma editoria distinta só para as ficções relâmpago, que foram as queridinhas dessa Edição 2. Se você ainda não segue a gente pelo Twitter, Instagram ou Facebook, talvez essa seja uma boa hora pra isso, já que é por lá que vamos anunciar, nos próximos meses, os desdobramentos práticos dessa reformulação.

Mas antes de mais nada, vamos celebrar o arquivo que você tem em mãos? :)

Nessa quarta parte, enfim trazemos a parte final dos oito contos ou noveletas iniciados na parte 1 — assim, caso você tenha esbarrado com a Mafagafo só agora, recomendo que visite o nosso site, faça o download gratuito das outras três partes e leia tudo na ordem antes de conhecer o final das histórias.

Nessa parte também temos outras nove ficções relâmpago: a curiosa "01000011 01101111..." (o título continua, socorro), de André Caniato; "A Floresta Te Mundia", um texto de Auryo Jotha cujo fim é de arrepiar; a interessantíssima e surpreendente "Presente", de Clara Gianni; o instigante "Relatório Operacional Extraordinário nº55", de Rafael Marx; o texto "À Deriva", uma flash curta e potente de Natan Andrade; "Curiosos, Preocupados e Seu Epaminondas", uma inesperada recontagem de mitos proposta por Victor Gerhardt; a cômica "É Que eu Ando de Ônibus", de Conrado de Lima; o angustiante "Quando a Noite Chega", de Adele Lazarin; e a bizarra "Noite Perfeitamente Normal", de Nina Ladeia.

Agora que a edição se encerra, trazendo o fim dos contos e noveletas, é de um valor imenso saber o que você achou dessa edição — o que achou das histórias, mas também do formato. A Mafagafo entra agora em um hiato para reformulação do projeto, e sua opinião pode ajudar a gente a produzir a melhor revista possível!

Deixe um tuíte lá no *@mafagaforevista*, uma mensagem direta no Instagram *@mafagaforevista*, dê um pulo na página do Facebook, *Mafagafo Revista*, ou mande um e-mail pra mafagafochefe@mafagaforevista.com.br.

Se você chegou na Mafagafo por esta segunda edição, visite *mafagaforevista.com.br* pra ler a primeira completa ou pra saber mais sobre nossa proposta. E assine nossa newsletter pra não perder mais informações sobre o futuro da revista — incluindo o próximo edital de submissão. ;)

E claro, compartilhe a palavra — e o link para baixar a revista! — com os seus amigos!

Nós vemos na Edição 3!

Jana Bianchi Mafagafo Chefe & Editora

JANA BIANCHI – Editora-chefe

Jana Bianchi é engenheira, escritora, viajante, editora-chefe da Revista Mafagafo, hostess dos podcasts Curta Ficção e Desafio Ex Machina, colaboradora do jornal satírico Tempos Fantásticos e passeadora de lobisomens. Entre outros, publicou a novela *Lobo de Rua* (*Dame Blanche*), a noveleta independente *Sombras* e o conto "*Analogia*" (Revista Trasgo #09). Pode ser encontrada no site janabianchi.com.br e no Twitter e no Instagram como @janapbianchi.

GIOVANNA CIANELLI – Capa e Ilustração da Capa

Giovanna Cianelli é designer e ilustradora, vive entre Rio de Janeiro e São Paulo. Psicodelia e cultura pop são temas recorrentes em seu trabalho. Nas horas vagas, desenha a HQ da Garota Galáctica.

LEO ALVAREZ – Diagramação

Leo Alvarez é mestrando em Design pela Unesp de Bauru, onde pesquisa a aplicação de design emocional em livros. É um dos responsáveis pelo *Coletivo Luminar*, grupo que realiza ações e atividades ligadas a arte-educação, e também se arrisca na escrita de ficção, mas ainda não criou coragem para mostrar seus mundos fantásticos para os amigos.
E-mail: leo@coletivoluminar.com.br

SUMÁRIO

7 SINOPSES

10 01000011 01101111 01101101 01101111...

13 [NÃO TÃO] PERTO DO FIM

34 A FLORESTA TE MUNDIA

37 ANTIGOS DEMÔNIOS PARA O NOVO MILÊNIO

50 PRESENTE

54 JAVARI

62 RELATÓRIO OPERACIONAL EXTRAORDINÁRIO Nº55

66 CIBERBOCHICHO

77 À DERIVA

79 UM ESTUDO EM MERINO

99 CURIOSOS, PREOCUPADOS E SEU EPAMINONDAS

102 O FANTASMA DO TRÓLEBUS 2100

112 É QUE EU ANDO DE ÔNIBUS

116 INGREDIENTE Nº5

131 QUANDO A NOITE CHEGA

135 DESCONEXÕES TELEPÁTICAS E SEUS ABALOS SÍSMICOS

146 NOITE PERFEITAMENTE NORMAL

150 FICÇÕES RELÂMPAGO - AUTORIAS

(NÃO TÃO) PERTO DO FIM
por Lauro Kociuba

As coisas sempre podem ficar piores, você dizia. Se acho que não podem, é por falta de criatividade minha. Mas dessa vez tá difícil, Helena.
Sete observatórios confirmaram e o alarme já está tocando de meia em meia hora. Previsão de duas semanas e meia. Sei que já trabalhamos com tempo mais apertado, mas hoje em dia eu demoro 15 minutos só pra vestir um calçado. Para mim, todo tempo é curto.
Não temos mais tanto dinheiro, a mão de obra está escassa e, pra completar, os estagiários chegam hoje. Se forem pelo menos metade do que você era, já vai ser muito. Mas pode ser exatamente o que precisamos nesta crise. Disso e de tempo, mas o tempo nunca foi nosso amigo, não é?

Extraído do diário de Carlos

ANTIGOS DEMÔNIOS PARA O NOVO MILÊNIO
por Isa Prospero

Inan não se importaria de passar o resto da vida imortal trabalhando em sua loja de antiguidades mágicas em São Paulo. Mas sua tranquilidade é quebrada quando Gaia, sua cliente preferida, aparece com um objeto misterioso e afirma que alguém está tentando matá-la por ele. Inan logo adivinha quem está atrás do item: o único outro imortal na Terra, que ela odeia e que a odeia de volta. E quando descobre o que exatamente Gaia encontrou, teme que será obrigada a confrontar seu inimigo e repensar sua decisão de nunca usar magia — pelo bem de Gaia e de toda a humanidade.

JAVARI
por Michel Peres

Uma caçadora genética é contratada para encontrar um animal raro nos confins da Amazônia. Durante sua jornada, acaba esbarrando em um segredo em que jamais deveria ter posto os olhos. Agora, entre rios, animais selvagens e chás alucinógenos, ela está prestes a descobrir que os perigos da floresta são maiores do que imaginava.

CIBERBOCHICHO
por Sergio Motta

O cantor Franz Delegarza revolucionou a música tocando acústicos. Em meados século XXII, isso é alguma coisa. Mas bombou mais do que nunca quando foi flagrado ao desligar (para muitos, matar) uma inteligência artificial. O juiz do caso: outra inteligência artificial. Embora eficiente, é sindicalista pelos direitos cívicos das IAs, e a treta está plantada. O julgamento ainda acontece enquanto a polêmica sobre IAs serem consideradas vivas ou não está no Congresso, na boca do povo e nos trending topics. A polêmica do cantor gera reportagens especiais em programas sensacionalistas, hipertextões nas mídias sociais, discussões em chats de família e até shows stand-up de um comediante robô. O ciberbochicho vai dar muito pano pra manga.

UM ESTUDO EM MERINO
por Anna Fagundes Martino

Ninguém desconfiaria do pacato grupo de tricoteiras reunido às quintas no Armarinho Lika: afinal, um bando de velhinhas — e uma doce jovenzinha — não fariam mal a uma mosca. Porém, quando a professora do grupo desaparece, elas são obrigadas a colocar de lado as agulhas para exibir dentes, garras, asinhas e um ou outro truque de mágica.

O FANTASMA DO TRÓLEBUS 2100
por Marcos Berto

Numa São Paulo do futuro verticalizada, condados surgem como micromegalópoles exclusivas dos ricos, militarizadas cidadezinhas particulares dentro de uma cidade maior. Jéssica, uma jovem moradora de fora dos muros de um condado, vive uma quinta-feira quase comum: concorda em entregar pacotes de conteúdo proibido depois da escola, pega carona num veículo centenário e encontra um ser luminoso e etéreo vagando pelos fios que alimentam os antiquados trólebus da cidade. Tudo isso sem deixar que seu coração com marca-passo deixe de bater nessa Terra de Ninguém.

INGREDIENTE Nº 5
por Dante Luiz

Brasília, final dos anos 80. Existe um templo em forma de pirâmide na capital do país que promete responder suas perguntas mais íntimas com um chá especial. Elias não é supersticioso, mas decide ir até lá para descobrir o que aconteceu com sua mãe, que desapareceu durante a ditadura. Ali, encontra quatro pessoas esperando atendimento: Mariza, uma dona de casa que acredita que seu marido é infiel, Karol, uma adolescente irreverente que foi expulsa da escola, Teófilo, um deputado com intenções duvidosas, e Jean, o ex-namorado que Elias mais detesta.

A DESCONEXÃO TELEPÁTICA E SEUS ABALOS SÍSMICOS
por Ana Rüsche

A telepatia foi descoberta. Um grupo farmacêutico estadunidense quer patentear a fórmula do produto da levedura *Saccharomyces telepastorianus*, droga telepática estabilizada em laboratório por William Fredrick Dogde. Entretanto, a levedura foi apropriada por Dogde de uma escola agroecológica mantida por mulheres no interior do Chile — o fermentado, apelidado de "chá", até então era segredo de gerações. Um estudante jura vingança contra o estadunidense: Paco, que raspa a cabeça dos dois lados para que ninguém tenha dúvida de seu coração. A fisioterapeuta brasileira Carol decide largar o emprego e passar férias em Santiago. Mas irá experimentar o Chá e cairá num caldeirão com hackerspaces, cordilheiras, terremotos e lembranças. Afinal, para se entrar em telepatia, é necessário antes compartilhar terríveis vergonhas.

...00100000 01110101 01101101 01100001 00100000 01100110
01100001 01100100 01100001 00100000 01100100 01100101
00100000 01001000 01100101 01101001 01101101 00100000
01100011 01101111 01101110 01110011 01100101 01100111
01110101 01101001 01110101 00100000 01110101 01101101
00100000 01100101 01101101 01110000 01110010 01100101
01100111 01101111 00100000 01101110 01101111 00100000
01101101 01110101 01101110 01100100 01101111 00100000
01110010 01100101 01100001 01101100 00100000 01100101
00100000 01110110 01100101 01101110 01100011 01100101
01110101 00100000 01100001 01110011 00100000 01100001
01100100 01110110 01100101 01110010 01110011 01101001
01100100 01100001 01100100 01100101 01110011 00100000
01100001 01110000 01100101 01110011 01100001 01110010
00100000 01100100 01100101 00100000 01101110 11100011
01101111 00100000 01100110 01100001 01111010 01100101
01110010 00100000 01100001 00100000 01101101 11101101
01101110 01101001 01101101 01100001 00100000 01101001
01100100 01100101 01101001 01100001 00100000 01100100
01101111 00100000 01110001 01110101 01100101 00100000
01100101 01110011 01110100 01100001 01110110 01100001
00100000 01100110 01100001 01111010 01100101 01101110
01100100 01101111

O Lun-Dun DugGar é um especialista em propostas indecentes. Quando ele lhe ofereceu um emprego, ela não soube o que dizer. Sabia que aquela era a pior de todas as propostas, mas, ainda assim, viu-se obrigada a aceitar. Era sua única esperança de sair de lá. O Lun-Dun DugGar, com sua pouca estatura, quarenta ou sessenta anos, dentes impecavelmente brancos e orelhas de abano, foi categórico:

— Andei te observando, Ziko. Você é perfeitamente

qualificada para o serviço! Treinamento é sempre desejável; mas, neste caso, desnecessário. É uma dessas empresas assim, assim.

Ziko riu e fingiu entender, sem coragem de revelar que não sabia o que era uma empresa ou o que significava ser assim, assim. Também não sabia o que era uma entrevista de emprego, então não reparou quando não houve nenhuma.

São Saturnino se estendeu diante dela como uma caverna de tesouros. Era tudo lindo e diferente, apesar dos ônibus noturnos que ainda a sobressaltavam no sono e do anão que vivia no apartamento da frente. Fora isso, estava tudo nos trinques.

Até três semanas depois, quando se viu sem saber o que fazer.

Porque não importava ser perfeitamente qualificada para o serviço se ela não era capaz de resolver aquele problema. Só podia ser impossível! Certamente também o seria para um ser humano. Talvez devesse chamar um. Admitir a derrota era um sinal de força, não era? Não força física, claro — jamais faria isso durante um treinamento contra Akuchi, por exemplo —, mas fibra moral. Alguém havia lhe falado sobre fibra moral, mas quem?

Não havia tempo para perguntas.

— Isso é impossível! — gritou exasperada quando o Lun-Dun DugGar finalmente atendeu o celular, depois de duas tentativas e três toques.

— Mas pelo amor de deus, já tentou falar com ela?

A respiração ficou presa em algum lugar entre o pulmão e as cavidades nasais.

— Falar?!

— Mas claro! Me espanta que você ainda não tenha tentado isso. Vocês falam pelos cotovelos, criatura! Fala com ela!

"Ela" continuou parada diante de Ziko: uma máquina de cerca de três anos de idade, de funcionamento ruidoso e respiração afônica. Ziko se aproximou e colocou a mão sobre o gabinete, sentindo a vibração leve do processador. Menos de um mês antes, não saberia dizer o que significava ser uma

técnica de computadores. Com cuidado, a fada se abaixou e sussurrou um oi rouco em português, sem sucesso. Balançou a cabeça e ajustou o cérebro. O próximo cumprimento saiu em sua própria língua e, num desabafo, a máquina ficou feliz em se abrir para a nova amiga. ●

EQUIPE

LAURO KOCIUBA - Autoria

Lauro Kociuba é escritor independente de fantasia e (recentemente descobriu) ficção científica. Graduando em Letras, utilizou a auto publicação como uma ferramenta para sanar seu imediatismo e pavor de recusas editoriais, e hoje está viciado no Kindle Direct Publishing da Amazon. Conheceu sua esposa pela internet quando ainda era tudo mato, e ensina seu filho a cantar todas as aberturas de Dragon Ball. Tem uma (vaga) esperança de manter menos de cinco projetos literários simultâneos.
E-mail: laurokociuba@gmail.com

VICTOR ALMEIDA - Edição

Victor Almeida é bacharel em Comunicação Social com habilitação em Produção Editorial pela UFRJ e especialista em Publishing Management pela FGV. Atualmente é mestrando do Programa de Pós-Graduação em Tecnologias e Linguagens da Comunicação (PPGTLCOM) da UFRJ e editor freelancer. Dependente químico de café, planeja secretamente um apocalipse muito específico contendo zumbis, robôs gigantes, garrafas de Mineirinho, guaxinins e o extermínio de todas as mangas do mundo.
E-mail: victor.almeida87@gmail.com

RAPHAEL ANDRADE - Ilustrações

Raphael Andrade é designer, artista de história em quadrinhos e ilustrador. Trabalha durante o dia (e às vezes parte da noite também) com publicidade, seu ganha pão até conseguir viver apenas de quadrinhos, e se dedica aos freelas e paixões no restante do tempo. Desenhou, escreveu e letrou diversas histórias para publicações independentes no Brasil, Estados Unidos e Portugal. Colaborador recorrente e responsável por (parte) da linguagem gráfica dos *Tempos Fantásticos*, é apaixonado por café, cachaça com mel, projetos mirabolantes e transporte público.

FINAL

No capítulo anterior…

Suspendemos tudo para um flashback, mas agora chegou a hora de acabar! Camila e seu amigo, um foguete e o alarme que continua tocando…

*****

01 de fevereiro de 2018

— Helena era a melhor de nós. — Carlos segurava uma Polaroid antiga e amarelada nas mãos. Nela, uma versão dele e de Ezequias com quase 40 anos abraçavam uma senhora mais

velha. — Parece que dizem isso pra todos que morrem. Mas, no caso dela, era verdade.

A voz de Carlos estava embargada, mas Camila não ousou comentar. Cabisbaixo, ele continuou em silêncio, com as costas apoiadas no encosto da poltrona do avião.

— Ela entrou no mesmo dia que o Zeca e os dois salvaram o mundo. Mas aquela primeira missão — Carlos respirou fundo e girou a mão no ar, como se procurasse uma palavra — *mudou* algo dentro dela. Ela envelheceu mais rápido que o normal. Muito mais rápido. Meus cabelos ainda estavam começando a ficar grisalhos quando o tempo a levou. Ela deu a vida pelos outros, e parece que o tempo não aceitou isso muito bem. Mas Helena parecia não se importar.

Carlos entregou a foto para que Camila olhasse mais de perto. Ela parecia feliz, e os dois também. Camila devolveu a foto para a mão que esperava, ainda estendida. Os olhos de Carlos pareciam mais velhos e cansados do que as rugas e os cabelos brancos.

— Foi por minha culpa que ela morreu. É claro que foi uma escolha dela, mas fui eu que a mandei para a Sibéria. — Ele tirou os óculos embaçados e os limpou. — Este não é um emprego simples, Micha. E, apesar de ter visto mais do que a maioria das pessoas, não posso dizer que é recompensador. Pode ser a idade, que me come o cálcio e alimenta o egoísmo, mas dar a minha vida pela de todos não me parece mais um negócio tão bom assim.

— Você está vivo, Carlos — disse Camila, e suas lágrimas desviaram a curva do riso nas bochechas. — E pode ser muita coisa, mas não é egoísta. E nem está sozinho.

Ela abriu os braços e eles se abraçaram meio desajeitados no espaço apertado do avião. Depois de alguns instantes, Carlos apoiou as costas na cadeira novamente, respirando fundo.

— Eu não culpo a Clara por ter desistido ontem. Queria que fosse mais pela consciência do trabalho do que por não acreditar, mas não a culpo — continuou ele. — Na verdade, acho que me sinto um pouco aliviado.

— Vai ficar tudo bem, Carlos. Mas acho que você precisa descansar. — Camila reclinou sua poltrona e bocejou para ele, que riu. — Ainda temos algumas horas de voo e não vamos ter muito tempo para descansar lá.

⋆⋆⋆

O piloto agradeceu aos passageiros e os deu boas-vindas à Flórida. Camila acordou Carlos assim que o avião esvaziou. Ela carregou as malas pequenas, sob protesto do colega, e seguiram caminho até o saguão de desembarque.

Não tinham trazido nada além da caixa enorme de fogão, agora com uma embalagem reforçada de madeira e plástico. No Brasil, Ezequias precisou conversar com seu amigo na Infraero para permitir o embarque, e esperavam que não tivessem problemas ali.

Saíram pelas portas automáticas, sem problemas. O desintegrador molecular repousava sobre o carrinho de aeroporto. Carlos terminava de enviar uma mensagem a Ezequias, confirmando a chegada, e Camila xingava as rodinhas da frente que puxavam para a esquerda quando um segurança de terno deteve os dois.

Camila suou frio e condensou dez anos de palavrões num pensamento entre dois fôlegos antes de falar:

— Podemos ajudar?

Ela tentou parecer amistosa. Só depois de alguns instantes percebeu que tinha perguntado em português. Ia repetir a pergunta em inglês quando foi interrompida:

— Acho que sou eu quem deve perguntar isso — respondeu o segurança em um português surpreendentemente razoável, antes de enfiar a mão no paletó. Carlos sabia que não corriam risco no meio do aeroporto, mas isso não o impediu de se preocupar. — Podem me chamar de Bob. Você é Camila, e você… Carlos. Isso? Eu vim levá-los até o Centro.

Ele esticou a mão e ofereceu um cartão para Carlos. A palavra SpaceX brilhava com a aplicação de verniz no cartão.

— Sabe que ainda estava achando meio difícil de acreditar? Dou o braço a torcer, Micha. Mas posso saber como uma adolescente conheceu Elon Musk?

— Jogando WoW — respondeu ela, de forma séria, antes de continuar empurrando o carrinho.

Carlos ergueu as sobrancelhas antes de segui-la.

— Agora ficou mais fácil de acreditar.

***

— Infelizmente, o Sr. Musk não poderá encontrá-los em pessoa. — Bob dirigia o Tesla X enquanto falava com Carlos no banco do passageiro. Camila tinha insistido em ficar atrás: a porta abrindo para cima a encantou. Uma carreta acoplada ao carro trazia o equipamento deles debaixo de uma lona. — O lançamento da Heavy, as reuniões e a imprensa tornam as coisas mais… engessadas. Espero que entendam.

— Bom, eu me surpreenderia em vê-lo aqui — retrucou Carlos. — Claro que entendemos.

— Mas não se preocupem! Estou autorizado a ajudá-los com o que precisarem. — Bob fez uma ultrapassagem e conferiu a carreta pelo retrovisor. — Chegaremos ao Centro Espacial em meia hora. Se quiserem adiantar o assunto, é só falar.

— Nós precisamos colocar o que está dentro daquela caixa — Carlos apontou o polegar para trás — em cima de um meteoro que vai destruir a Terra em uma semana.

— Espera. — Bob arregalou os olhos e virou, preocupado, para Carlos. — Tem que estar lá em uma semana ou vai destruir a Terra em uma semana?

— Estar lá.

— *No problem*. — Bob relaxou as mãos no volante e ultrapassou um caminhão. — Mais alguma coisa?

— Sim. Uma dúvida: nessa viagem, tem como alguma coisa ir… — Carlos hesitou antes de continuar — e voltar?

— Não é nosso objetivo direto. Oficialmente vamos mandar

um manequim e um carro exatamente por isso. Mas podemos pensar em algo especial para vocês, sim. Talvez dê. Por quê?

— Não acho que dê tempo de treinar alguém para operar aquela coisa. — Carlos suspirou, deu de ombros e pegou o celular. — Eu mesmo não entendo ou lembro de todas as modificações que fizemos nela.

— E qual é o seu plano?

Carlos estava terminando de digitar uma mensagem para Ezequias, dizendo que tinha perdido a aposta e estavam mesmo a caminho da SpaceX. Olhou para Camila de relance no retrovisor e respondeu para Bob:

— É meio tarde para eu virar astronauta?

***

Carlos roncava alto. O som ecoava pelo enorme cômodo. Camila estava de pé, ao lado dele, admirando o traje espacial arrumado meio às pressas, grande demais para ele.

Olhou o cronômetro antes de bater com o nó dos dedos no vidro do capacete.

— Estou acordado! — exclamou Carlos, assustado, depois de um ronco mais longo. — Acionar lançamento!

— Você está morto, Carlos. — Camila sentou ao lado dele, na cabine para simulação de aceleração. — A cápsula atingiu o meteoro e explodiu há 10 minutos.

— Merda. Mas eu acabei de fechar os olhos. — Tirou o capacete com esforço e o colocou no colo. Encarou o próprio reflexo distorcido. Tinha parado de pensar se reflexos engordavam anos antes, agora achava que o envelheciam. — Vamos tentar de novo, Micha. Não dá pra desistir.

— Você não é uma criança, Carlos. E ser sutil não é muito comigo. — Camila mostrou a prancheta que segurava para Carlos. — Você passou raspando nos testes físicos, e porque deram uma ajudinha. Eles só queriam ter certeza de que você não ia morrer na decolagem. Mas agora estão preocupados que

você vai morrer aqui. Já fez três vezes seguidas o teste. Levante e vamos até a cantina comer alguma coisa, nem que seja pra mostrar pra eles que você tá bem.

— Eu não sei se eu tô. — Carlos tirou os óculos e coçou os olhos, inspirou fundo e arrumou o bigode. A barba começava a incomodar. — Mas acho que você tem razão. Um café e voltamos para mais uma tentativa.

Ela estendeu a mão e ele sorriu. Ignorando a ajuda, levantou-se da cadeira com esforço, cerrando os dentes. Sentiu dor nos dois primeiros passos. Forçou-se a continuar até a saída da câmara circular de alta gravidade. Escutou os passos de Camila atrás dele e prosseguiu pela porta que dava para a sala de controle.

Bob sorriu e acenou para ele, simpático. Os cientistas que o observavam pela vitrine antes não fingiam esse esforço. Carlos acenou para todos e seguiu para o corredor.

Assim que Camila saiu da sala e fechou a porta atrás dela, Carlos se apoiou no ombro dela.

— Eu tô fodido. — A gargalhada virou tosse e dor devido ao esforço. Preciso de férias. Minhas costas acabaram de declarar que estão de aviso prévio.

— Vem, eu te ajudo. Eles não vão seguir a gente.

Camila apoiou o braço dele sobre o ombro e o ajudou a chegar até a salinha do café.

Salinha do café era uma piada deles. O espaço era maior do que todo o CACAC, um refeitório que vivia cheio de cientistas, estagiários, astronautas e comida. O lançamento próximo deixava tudo ainda mais alvoroçado.

Assim que estavam em frente à porta dupla, Carlos respirou fundo e fez um sinal para Camila, que o soltou. Não podia demonstrar fraqueza em público.

Entrou na sala com o andar mais firme que conseguiu. O corpo colaborou: parecia que a expectativa de café convencia suas juntas a continuarem juntas. Era madrugada, e estava menos cheio. Alguns grupos pequenos estavam espalhados

pelas mesas. Carlos e Camila caminharam até uma das sete máquinas de café para fazer o pedido.

— Com leite e adoçante? — perguntou Camila, enquanto acionava os comandos.

— Expresso, duplo. O açúcar também — respondeu Carlos sem pensar, e encarou a jovem quando ela olhou desconfiada para ele. — Micha… eu mereço.

— Sabe, eu poderia ajudar mais.

A máquina puxou o copo e começou a ronronar, preparando o café dela.

— Conhece alguém com uma máquina de rejuvenescer? — Carlos começou a lutar com as travas das luvas. — Ou consegue convencê-los a me deixar com um despertador? Espera, será que eles conseguem colocar um despertador no meu aparelho auditivo? Isso seria…

— Eu posso te acordar. Lá em cima.

O café ficou pronto e Camila tirou o copo dela. Tentou ganhar algum tempo para ele pensar, tocando os botões para o café do Carlos, cuidando para garantir que viria com mais açúcar.

— Não.

— Posso sim — retrucou ela. — Quando eu apago no ápice da aceleração, é só por noventa segundos. Testamos ontem cedo. É rápido até para os astronautas experientes, o Bob me disse.

— Cacete, Micha. Você não tá falando sério. — Carlos conseguiu soltar a luva direita e a colocou embaixo do braço esquerdo.

— Estou! Se isso é importante o bastante para você se arriscar tanto, precisa de toda ajuda que puder.

— Já disse que não! Você não entendeu? Isso não é um jogo.

— Eu sei disso! Não sou uma criança, Carlos. Sei dos riscos.

— A responsabilidade é toda minha!

— Não precisa ser! — exclamou Camila.

Carlos fraquejou ao tentar dar um passo em direção à Camila. Engoliu em seco e fechou os olhos, tentando ignorar a dor.

— Eu não posso perder mais ninguém, Helena!

Camila não respondeu. Esperou o café terminar de ficar pronto. Carlos continuava com a cabeça baixa. Ela pegou os dois copos e bateu com o cotovelo no braço dele.

— O café vai esfriar. Vamos? — Ela piscou ao ver que ele abriu os olhos. — Você não vai perder ninguém. Estou aqui do seu lado.

***

[Zeca 05/02/18 10:37] Bom dia

[Zeca 05/02/18 10:37] Lazarento. Uma semana aí e não manda noticia

[Velho Chato 05/02/18 11:00] Não enche, Zeca. O foguete sai amanhã. Tá corrido pra caralho aqui.

[Velho Chato 05/02/18 11:00] E aí como tá?

[Zeca 05/02/18 11:02] Tranquilo

[Velho Chato 05/02/18 11:10] Inveja. Tá tudo bem aí sozinho?

[Zeca 05/02/18 11:11] Luan tá aqui. chegou do mercado

[Velho Chato 05/02/18 11:20] Porra, Zeca. É estagiário, não escravo. Ensina alguma coisa pra ele aí.

[Zeca 05/02/18 11:22] Ensinei a fazer csge

[Velho Chato 05/02/18 11:24] Que merda é essa?

[Zeca 05/02/18 11:25] Café. Corretor falhou

[Zeca 05/02/18 11:25] Vou comer alguma coisa lá. Já volto

[Velho Chato 05/02/18 11:30] Seguinte, Zeca. Tenho que te falar um negócio.

[Velho Chato 05/02/18 11:30] Vou ter que ir no foguete.

[Zeca 05/02/18 11:30] O QUE?!

[Velho Chato 05/02/18 11:30] Já fiz o treinamento básico.

[Zeca 05/02/18 11:31] Vai toma no cu. Não faz isso lazarento

[Zeca 05/02/18 11:33] A merda da spacex é cheio de cientista e astronauta. Manda um deles.

[Velho Chato 05/02/18 11:37] Alguém tem que operar a máquina no espaço. Se der alguma merda, não dá pra confiar na programação.

[Velho Chato 05/02/18 11:37] E sabe que essa máquina não tem manual nem treinamento direito, né?

[Zeca 05/02/18 11:38] TEU CU

[Zeca 05/02/18 11:40] TO TE LIGANDO AGORA ATENDE

***

Clara inspirou fundo antes de tocar o interfone. O que a fez apertar os botões foi a maldita pulga do "e se…". Desde que desceu o elevador com Luan naquele dia, ela a sentiu. No entanto, o lado cético começou a crescer e a gritar. E a cada fala e pessoa que entrava naquele lugar, ficava mais difícil de sentir. Quando a conversa foi parar em foguetes e SpaceX, ela aceitou como uma deixa para ir embora. Pediu desculpas a todos e foi embora, pisando na pulga.

Em casa, no silêncio, com a "Clara cética" devidamente controlada, não conseguiu evitar. Depois de três noites mal dormidas e três dias com falta de apetite, decidiu aceitar que ela estava ali.

No final das contas, não foi a mensagem do professor dela que confirmava que era tudo real, nem a coincidência do jornal e a Falcon. Não foi nada disso que a fez decidir tentar acreditar. Foi ela mesma.

Ainda tinha o código, mas não tentou usá-lo. Tocou o interfone.

— CACAC, bom dia. — Uma voz jovem a cumprimentou. — Posso ajudar?

— É a… Clara.

— CLARA! SABIA QUE VOCÊ IA VOLTAR! — gritou a voz no fone. — Ô, seu Ezequias! Eu falei que ela ia voltar! É a Clara!

— Luan?

— Sim! Estou trabalhando aqui agora — respondeu ele com alegria. — Vai descer?

— Eu gostaria. Posso?

— Claro! O Ezequias tá todo feliz aqui que você voltou. — Luan tapou o fone, mas Clara ouviu alguns gritos ao longe. — Ainda se lembra do código?

— Sim. — Ela digitou a sequência.

Clara entrou no elevador e imaginou como começaria a conversa com Carlos e Ezequias, se eles estariam dispostos a falar com ela, e se ela estava disposta a acreditar. Tentou calcular as possibilidades de conversa e de ser tudo verdade. Decidiu estar preparada e aberta para tudo.

Não estava.

As portas do elevador se abriram. Ao som de "Eye of the Tiger", Ezequias caminhava lentamente em uma esteira. Ela não sabia se ele estava ofegante pelo cansaço ou pelo olhar de raiva com que encarava Luan.

— Duzentos metros! — Luan ergueu os braços e bateu palmas. Então desligou a esteira e a música, e entregou uma toalha para Ezequias, que ignorou e deixou caída no chão. — Parabéns!

— Tô com fome — anunciou Ezequias enquanto ligava o aparelho auditivo, depois seguiu para sua poltrona. — Oi, Clara, resolveu acreditar ou esqueceu alguma coisa aqui?

— Resolvi escutar. — Clara entrou enquanto Ezequias aumentava o volume da TV. A SpaceX transmitia a cobertura do evento ao vivo. — O que está acontecendo?

— Seu Carlos pediu pra eu ajudar o Ezequias a se cuidar — respondeu Luan da cozinha. — Caminhada, boa alimentação e tudo mais.

— Ah, tá. Mas eu queria saber sobre isso. — Clara apontou para a TV. — Cadê o Carlos?

— Ele tá no foguete agora — respondeu Ezequias, com a voz baixa.

— *No foguete?* — Ela caminhou até a frente da TV, tentando acreditar. — Ele não é… velho demais?

— Quase todos sabem, mas ninguém acredita no quão perto do impossível é a nossa existência. Um amontoado de improbabilidades bagunçando tudo para que o mundo continue girando. Dia após dia, após dia, após dia. — Ele levantou o chapéu e alisou os cabelos, a voz amarga enquanto falava. — Tenho orgulho de ser uma dessas improbabilidades. Somos a garantia que vocês têm, merecendo ou não. E ele é o que todos nós temos, exatamente o que precisamos, ainda que não acredite. Não conheço ninguém melhor do que esse velho.

— Quer jantar, Clara? — Luan trouxe o prato do Ezequias e apontou para a cozinha com o polegar. — É strogonoff.

— Meio cedo, mas aceito. Obrigada.

Ezequias sentou na poltrona, que Luan posicionou em frente à TV, e levou as garfadas à boca enquanto acompanhava o vídeo.

O jovem veio correndo para junto à Clara, na cozinha.

— Tô tentando distrair ele. — Luan começou a colocar arroz no prato. — Mas tá meio difícil, o lançamento vai começar em umas horas. Seu Carlos e a Mi-chan estão lá. Ele vai ter que ir junto pra operar aquela máquina. Mas volta.

— Volta?

— É — respondeu ele, enquanto colocava a batata-palha por cima do prato. — Parece que deram um jeito. Vamos lá! Me ajuda a animar o Ezequias. Pelo menos ele gosta de strogonoff. Eu só sei fazer… MERDA!

Luan deixou o prato cheio na bancada e correu para o computador. Ezequias estava calmo, mexendo no aparelho auditivo enquanto assistia à transmissão ao vivo. Clara franziu as sobrancelhas e lembrou do alarme ao mesmo tempo em que ele veio, como uma marretada atrás dos olhos. Contou menos de cinco segundos até Luan desligar, mas foi mais do que gostaria.

Ela serviu o próprio prato e pegou o de Luan, levando-os até o sofá maior, ao lado da poltrona do Ezequias. Os três comeram em silêncio. Faltavam vinte minutos para o horário

do lançamento. A TV mostrava a Falcon majestosa, branca contra o céu claro. Três foguetes levariam um Tesla Roadster para além da órbita da Terra, além de servir como carona para um velho que destruiria um meteoro.

O relógio no canto superior estava em contagem regressiva. Não havia esforço para animar Ezequias, fôlegos e marcapasso sincronizados com o pequeno relógio.

Um toque de telefone pareceu tentar tirá-los do transe.

— Atende essa merda, Luan? — pediu Ezequias sem entonação depois do terceiro toque, apontando para o próprio celular, próximo à esteira. — Por favor.

— Tá. — Luan pegou os três pratos vazios e os levou até a pia. Na volta, pegou o celular e olhou para a tela. — Seu Ezequias? É o seu Carlos.

— Quê? — Ezequias saiu do torpor e se virou para Luan. — Ele tá lá no foguete.

— E também tá aqui. — Ele virou a tela e mostrou para Carlos o pedido da chamada de vídeo, a foto do Carlos aguardava que o botão verde deslizasse. — Atendo?

— Atende e me dá isso!

Ezequias balançou a mão esticada.

Luan correu e entregou o celular. Atenderam e esperaram a conexão ser estabelecida. Logo o rosto do Carlos, sorrindo dentro de um capacete espacial, tomou conta da tela.

— E essa barba por fazer, Carlos? Tá ficando descuidado?

Carlos balançou a cabeça em negativa, então bateu com o indicador na lateral do capacete, a luva fazendo um som oco. Depois abriu a boca e falou, sem emitir som nenhum.

“Sem. Microfone.” Carlos fez os sinais e gargalhou, jogando a cabeça para trás.

“Tecnologia. De merda”, respondeu Ezequias, entregando o celular para Luan segurar enquanto fazia os sinais.

“Faz. Melhor.” E os dois gargalharam. “Não sei. Se volto.”

O sorriso morreu no rosto de Carlos.

"Teu cu. Se vira. E volta". Ezequias manteve a calma o quanto pode. "Precisa. Fazer. Café."

O relógio marcava três minutos para o lançamento. Carlos ajeitou o cinto que prendia o macacão e conferiu as amarras. O celular parecia estar preso em algum tipo de painel.

"Medo". Carlos puxava o ar e soprava, o amigo tentava acalmá-lo.

"Cagão". Ezequias conseguiu lembrar do sinal, e iluminou um pouco da sombra de Carlos.

"Na próxima. Você. Vai."

"Vamos. Juntos."

"Feito."

Sorriram um para o outro. Ezequias tentou pensar em sinais que queria dizer. Mas não havia palavras. Talvez, se quisesse xingar a situação, os dedos fariam os sinais sozinhos. Haviam focado os esforços da linguagem em palavrões. Não para despedidas.

"Foda-se."

Os olhares se cruzaram, envergonhando tempo e distância, trazendo mais duas ou três rugas nos cantos dos olhos. E assentiram, ao mesmo tempo, um para o outro.

Entendendo sem entender.

Ignoraram a contagem regressiva — a TV reproduzia o coro dos presentes no lançamento. Todos ansiando pela subida, enquanto os três tentavam segurar o foguete no chão, prendendo o ar.

A imagem tremeu instantes antes da ignição. Na tela, a fumaça abriu seus braços e levantou o foguete em chamas e som, acelerando lentamente no início, como se uma montanha acordasse e tentasse alcançar os céus.

E subiu.

Ezequias não piscou. O olhar de Carlos ia do celular para o painel, a respiração rápida enquanto subia. As costas tensas e a testa franzida.

Na TV a repórter afirmava que o foguete ultrapassava a velocidade do som, em meio aos aplausos do centro de lançamento. No celular, Carlos fechou os olhos devagar e sua cabeça caiu para trás.

Ezequias sabia que isso aconteceria e que ele estava respirando. Era possível ver o movimento, mas gritou mesmo assim, chamando o amigo.

Ele precisava acordar e conferir se tudo estava certo com o aparelho antes de os foguetes propulsores se soltarem. Sua única chance de sobreviver era descer com eles.

Ezequias ousou olhar para a TV. Na base, uma barra avançava para os pontos chave da decolagem. Os dois propulsores auxiliares iriam se soltar em menos de um minuto. Não haveria tempo. Gritou mais uma vez, mas Carlos continuava apagado.

Então uma mão surgiu no ombro do macacão de Carlos. Também uniformizada, agarrou o cinto e tentou avançar, movendo-se lentamente com a aceleração. Ezequias engasgou ao reconhecer o rosto de Camila, que piscou para ele antes de bater com a mão fechada no capacete de Carlos.

— Lazarenta… — sussurrou Ezequias, o rosto travado num sorriso de esperança. — Ela foi mesmo.

Carlos balançou a cabeça e demorou alguns instantes para voltar a si. A boca aberta parecia gritar ao ver Camila. Soltou o cinto e apontou para ela e para uma escotilha que estava no fundo. Os dois balançavam a cabeça em negativa.

Houve gritos pela TV quando os dois foguetes auxiliares se soltaram, e Carlos foi jogado da cadeira com a mudança na propulsão. A mão aberta veio contra o celular e a imagem se apagou.

Ezequias não gritou nem esbravejou. Estava além disso. Desligou o aparelho auditivo, colocou a mão sobre o celular e fechou os olhos.

***

— E agora? — perguntou Clara, enquanto adoçava o café.

— Agora? Eu preciso dormir. — Luan coçou os olhos enquanto mordia uma fatia de pão integral com manteiga. — Tá quase na hora. Vai você ou eu?

Clara olhou o relógio. Cinco para as dez da manhã. A noite tinha sido longa, com ela e Luan alternando a obrigação de desligar o alarme. Ezequias havia ido dormir cedo, logo que chegou a confirmação da perda do terceiro propulsor. Algum erro nos cálculos fez com que caísse rápido demais e sem controle, a alguns metros da plataforma, afundando com as esperanças de sobrevivência de Carlos e Camila.

— Merda — gritou Ezequias da cama, sentando devagar e tirando a máscara de dormir. — Eu vou. Só deixem eu ir no banheiro primeiro.

Clara e Luan pararam de comer e voltaram a tomar o café enquanto esperavam Ezequias. O garoto foi até a pia e encheu mais uma chaleira no fogo. Ezequias já estava no computador quando o alarme soou, desligou e ficou lá por alguns instantes antes de ir à mesa.

— Tem presunto e queijo? — perguntou Ezequias, com as mãos fazendo os sinais sutis.

— Tem sim! Eu pego pra você. — Luan levantou da cadeira e correu para a geladeira.

— Obrigado. — Ezequias correu os olhos pela mesa e pegou uma fatia de pão integral. — Carlos que gostava dessa merda de sete grãos.

Clara o acompanhou, preparando um sanduíche para ela também. Os três comeram em silêncio, depois levaram a louça suja para a pia. Luan preparou outro café, serviu as três canecas e levou para a sala, onde sentaram no sofá.

— A cápsula continua, como programado, em direção ao meteoro. — Ezequias segurou a caneca e suspirou. — A previsão de chegada é de cinco horas.

— E o que a gente faz? — Clara tentava controlar o joelho que teimava em balançar.

— Nada.

— Como assim? E se… não der certo? — Ela evitou dizer algo sobre Carlos.

— Então acabou. — Ezequias esvaziou a caneca de café e ficou de pé. — Uma hora ia acabar. É assim.

— E não vamos avisar ninguém? — Luan se juntou à Clara.

— Pra quê? — respondeu Ezequias. — Você ficaria melhor sabendo que tudo vai acabar? Seria uma pessoa melhor hoje se soubesse que o fim será amanhã? As pessoas amam espalhar o pânico, mas o caos não ama ninguém. Não quero isso nas minhas costas. Se quiserem, estão livres. Eu vou ali acompanhar a cápsula. Não se preocupem com o alarme. Eu cuido dele.

A tarde se foi. Luan e Clara acabaram acompanhando Ezequias ao lado do computador. O gráfico mostrando a trajetória ficava na tela enquanto eles tentavam puxar histórias antigas do CACAC — depois de instantes de resistência, elas fluíram com lágrimas e risos. Tomaram outra rodada de café com pão integral, e Ezequias agradeceu pelo tempo.

Quando o computador acionou o *pop up* da chegada da capsula ao meteoro, os três não piscaram ou falaram. Os trinta últimos segundos se passaram arrastados. O outro contador, o do fim do mundo, marcava em vermelho as três horas que restavam de vida no planeta.

O ponto que simbolizava a esperança encostou como uma pulga sobre o meteoro. E nada aconteceu. A sombra enorme do apocalipse continuou seu caminho para a Terra, inabalável. Os três soltaram o ar e se abraçaram. Ezequias ainda esperou alguns segundos antes de chorar, pela vida, pelo amigo e, por último, pelo emprego, o que trouxe um riso no final do pranto.

— Eu… preciso descansar — disse ele, com a voz embargada.

— Ezequias…

— O mundo vai acabar e eu odeio redundância. — Ezequias interrompeu Luan. — Trabalhei a vida toda evitando os fins, não vou me contradizer logo agora.

— Tá bom. — Clara sorriu. — Obrigada por tudo, mesmo, Ezequias.

Luan abriu os braços e juntou os três.

— Obrigado, mesmo! — disse Luan, e deu um beijo na testa dele.

— Não força. E obrigado por acreditarem… — Ezequias empurrou os dois e apontou para o elevador. — Agora vão, vocês não vão querer passar os últimos momentos com um velho rabugento.

Observou os dois saindo e o elevador fechando as portas, depois seguiu até o fogão. O garoto tinha esquecido a chaleira no fogo. Mal havia desligado o fogão quando o interfone tocou. Desligou a torneira xingando e foi atender.

— Quem é?

— Dobradinha — respondeu Clara.

— O quê?

— No restaurante da minha família, hoje é dia de dobradinha. Por minha conta. — Ela esperou um pouco e reforçou. — Se for pra terminar, que seja de barriga cheia. Por favor?

— É melhor que o strogonoff do Luan?

— Eu tô aqui! — retrucou Luan ao longe.

— Prometo que sim — afirmou Clara.

— Tá, deixa só eu achar meus chinelos. — Ezequias desligou.

No fim das contas, não queria enfrentar o fim sozinho. E não achava que Carlos iria querer isso também. Subiu e os dois já estavam esperando ele entrar no táxi.

Não demoraram para chegar ao restaurante, que estava cheio para uma quarta-feira.

Clara apresentou os pais. A mãe estava no caixa e o pai levava as bebidas e carnes nas mesas. O buffet estava servido e o vapor acabava chamando a todos. Encheram os pratos.

Ezequias abusou da dobradinha e teve que parabenizar o pai de Clara. Engasgou quando foi convidado para vir na próxima quarta-feira.

Voltou devagar para a mesa, lembrando de todos os fins do mundo que evitaram. Era uma quarta-feira quando havia sido contratado. Logo depois de Formosa…

Formosa.

O aparelho.

Ezequias parou e voltou correndo para o pai de Clara.

— Tem como subir no telhado aqui? — perguntou, falhando miseravelmente em não parecer desesperado.

— Tem sim, senhor. Por ali, mas a escada é toda torta. — Ele apontou e Ezequias já apressava o passo. A mão direita tentava acalmar e massagear o quadril enquanto avançava.

— Clara, Luan! — gritou, chamando os dois, que o alcançaram sem esforço. — Acho que vão querer ver isso!

O ar fresco os recepcionou junto com a noite.

— Precisa carregar a máquina — disse, ofegante, enquanto sentava no chão devagar. — Para um buraco grande de terra demorou meio minuto.

— Então, para um meteoro daquele tamanho…

Luan olhou para o céu.

— Pouco mais de duas horas…?

E lá estava. Não havia sido previsto em nenhum jornal. O céu estava repleto de linhas que riscavam a noite. Restos do meteoro que enchiam o coração de Ezequias de orgulho, um véu de luz nas sombras que fazia, mais uma vez, para mais uma vida, tudo valer a pena.

— Ele conseguiu. — Ezequias não secou a lágrima e deixou o riso sair, iluminando ainda mais o céu de Carlos. — Filho da puta. Estamos vivos. Mais uma vez, continuamos improváveis. Acredita agora, menina?

Clara baixou o rosto e estendeu a mão para o idoso.

— Acredito e aceito o emprego, Ezequias.

— Zeca. — Ele sorriu e puxou os dois para um abraço. — Só Zeca.

⋆⋆⋆

— ZECA!

Luan gritou do computador. Estava havia três meses trabalhando naquilo, e só agora estava terminando de catalogar as ocorrências.

— ZECA! CLARA!

Gritou novamente, agora acenando para os dois. Ezequias se aproximou, mostrando o dedo do meio.

— Que merda você quer? — Ezequias parou alguns passos antes e apoiou as mãos nos joelhos. — É bom que seja…

— Uma mensagem! — Luan apontou para o computador.

— E o que tem de especial nisso? — Clara se juntou a Ezequias, encarando Luan.

— Veio de um IP maluco, criptografado para a nossa máquina. Acho que não é da Terra.

— Tá. — Ezequias começou a virar de costas. — E de onde veio então?

— Da SpaceX.

Luan escutou o quadril do Ezequias estalar quando ele se atirou no computador. Pagaria pelo excesso depois, mas o preço era baixo.

Deu dois cliques no arquivo, abrindo a tabela de criptografia. Aplicou o sistema de Carlos, e assim que as notificações de sucesso pipocaram, soube que era do amigo. O arquivo era grande, foram alguns segundos de espera para a decodificação. Os três engoliram seco, e no instante em que Ezequias ia abrir o arquivo, o sistema travou. Então o CACAC foi mergulhado na música familiar do giroflex vermelho, e do alarme que os chamava loucamente para dançar.

Ezequias recusou o pedido e fechou todos avisos de protocolo sem ao menos ler.

O novo fim do mundo entenderia a prioridade na mensagem de um velho amigo.

— Diaaacho! — Apolinário gritava em plena madrugada.

A esposa acordou agarrando-se a dois dos filhos, que dormiam junto dela.

— Que foi?!

— Carregaram o menino. Entraram ‘qui dentro de casa. — Puxou uma pistola velha e uma lanterna de uma gaveta.

Madá acendeu a luz da casa e vasculhou o único cômodo com os olhos. Os dois filhos nos braços. Dois. Um em pé assustado. Três. Uma rede vazia. Três. Vazia?

— Nossa Senhora! — Ela foi atrás do marido, que havia jogado no chão mesmo a corrente da porta e já estava lá fora.

…Com a noite caída, com o frio batendo, o mundo visível era apenas linhas de luz coadas de lá de dentro pelas paredes de madeira. Apolinário corria louco. Ela apertava os filhos menores contra o corpo, enquanto o maiorzinho segurava-lhe a perna. Desceram da casa suspensa. Mais linhas de luz foram riscadas na terra, e aos poucos mais e mais cabeças saíam curiosas.

…Madalena mordeu a boca para segurar os gritos, prendeu-se aos filhos para evitar correr atrás do outro. Os pequenos choravam sem entender o que se passava. Ela chorava por medo. Ficara para trás, alguém tinha que ficar.

Em pé no meio da rua de terra, ela rezou… rezou para que Apolinário encontrasse o filho e o caminho de volta daquela mata fechada.

Ele se perdeu… se encontrou… se perdeu de novo. A floresta estava hostil à presença dele naquela noite. Havia apenas um assovio distante… E silêncio. Nada se movia entre as árvores, apenas elas mesmas.

Apolinário lançava um olhar perdido para os caminhos que se desmanchavam para que outros surgissem no lugar. Os troncos escorregavam diante de seus olhos. Sem emitir um som,

os galhos se quebravam para se colocar em outras posições, e as folhas farfalhavam mudas se ajeitando.

Era como se as árvores sempre estivessem ali, e não lá segundos antes.

Mas um assobio ao longe acusava para onde ele deveria ir, então seguiu… o rumo oposto. Não seria enganado tão fácil assim. Chamava aos gritos pela criatura que carregara seu filho, batia a luz da lanterna em todas as direções. O assovio ficava mais baixo a cada instante como se estivesse ao pé do ouvido.

Apolinário interrompeu os passos. Havia algo em pé logo à frente. Mais alto do que ele. Mais fino. Jogou luz naquilo: um homem de cabelos vermelhos o encarava. Um galho saía da nuca dele, e cobria metade da face com espinhos como a máscara de um fantasma ou como uma mão a erguer os sete dedos para o céu.

— Currupira…! — o temor escapou dos lábios de Apolinário.

Aquilo o observava de maneira cortante… com os dois olhos… os dois olhos no mesmo lado do rosto um em cima do outro, amarelos, predadores, constantes.

O ser aproximou-se. As mãos cobertas por musgo seguravam uma espécie de porrete. Estava pronto pra guerra se fosse o caso: cascas de árvores lhe serviam de armadura protegendo o peito e os ombros. Além disso, por seu braço esquerdo um galho se enroscava cheio de espinhos vermelhos.

De onde Apolinário estava não conseguiria ver, mas não eram apenas galhos enganchados ao corpo do curupira era a planta inteira. As raízes desciam pelas costas infiltrando-se na carne. Alimentando-se, crescendo, protegendo.

O humano apontou a arma contra a criatura. Então, ouviu passos circundando-o. Viu olhos ligeiros sumirem nas trevas.

Eram muitos. Muitos…

O curupira à sua frente se aproximou mais.

— Zam bha! — ordenou.

O humano não entendeu, balançou a cabeça olhando para os outros escondidos nas sombras. Só soube negar e sentir medo. A arma tremia.

Apolinário não teve tempo de ver o curupira erguer a clava, descer o braço em fúria sobre sua cabeça, nem teve tempo de sentir o corpo se elevar alguns centímetros do chão devido ao impacto da queda. Um único golpe. Desmaiou.

***

Apolinário acordou com as mãos embaçadas. Dor de cabeça. Um filete de sangue seco na testa. Andou. O filho? Gritou. Não havia mais sinal dele. Nada! Deixou-se despencar no chão. E assim ficou a mirar aquele nada em seus braços.

…Quando voltou para casa, a vizinhada estava toda na porta.

Apolinário vinha com água nos olhos. Desolado. Os ombros baixos, derrotados.

Madalena vinha com um sorriso escorregadio. O rosto marcado pelas ondas de choro. Segurava no colo o filho de sete meses: o menino sumido.

— Ele tava só escondido. Homi… — A voz embargada. — Tá tudo bem, Apolinário — fungou. — Tá tudo bem.

Ele abraçou o filho com força. Com lágrimas. No entanto, Apolinário sabia que aquele não o era o seu filho de verdade. Não, não era. Aquelas mãozinhas… falsas, os olhos falsos, o choro falso. Uma cópia! Abraçou com mais força sem saber o que fazer dali em diante. Enlouquecer?

Quem acreditaria nele? ●

EQUIPE

ISA PROSPERO - Autoria

Isa Prospero é tradutora e revisora. Escreve no blog literário *Sem Serifa*, é coautora do romance juvenil *Volto quando puder* (2016) e publicou histórias de ficção especulativa na antologia *Mitografias*, na *Superinteressante* e na revista *The Fantasist*, entre outros.

BÁRBARA PRINCE - Edição

Bárbara Prince é formada em Editoração pela ECA-USP e atua há oito anos no mercado editorial. Atualmente, é editora na Aleph, onde trabalha com obras de ficção científica, fantasia e cultura pop. Fala sobre cultura nerd no canal Invasão Bárbara no YouTube e sobre literatura no blog *Sem Serifa*.

DANTE LUIZ - Ilustrações

Dante Luiz é um artista ilhéu que escreve de vez em quando. Ilustrou a capa e os contos da coletânea brasileira *Cantigas no Escuro*, e publicou vários quadrinhos em lugares da gringa, como *Wayward Sisters*, *Gothic Tales of Haunted Love* e *Dates vol. I e II*. Se quiser contatá-lo, é só dar um oi no Twitter: @dntlz.

FINAL

No capítulo anterior…

Inan, Gaia e a caixa aterrissam na China. Gaia explica que as levou com um transportador, uma moeda chinesa criada por um mago que queria se certificar de que a esposa sempre voltaria para casa. Gaia explica que o objeto só leva a pessoa a lugares de origem ou pertencimento. As duas então tentam descobrir o que fazer com a jarra: conversam sobre a validade dos argumentos de Enli e entram numa discussão, até que são interrompidas quando Enli começa a atacar o apartamento. Inan, enfrentando os próprios medos e abrindo-se para a magia e os sofrimentos do seu passado, consegue transportá-las.

***

ESPERANÇA

A viagem é diferente de tudo que ela já experimentou.

Por um momento, Gaia teme que Inan tenha dado um curto-circuito no transportador e as mandado para o meio do oceano ou o céu ou algo assim. Sua cabeça gira, um borrão passando diante dos olhos, e ela os fecha enquanto sente correntes de magia impossivelmente fortes a carregarem como uma folha em um vendaval. Por fim, a pressão diminui nos ouvidos e ela sabe que vai aterrissar. Prepara-se para o baque contra o chão duro.

Mas pousa numa nuvem.

Não, não é uma nuvem. Ela acaricia a superfície com as costas da mão. É um tapete, macio como espuma, mas de um material que ela não reconhece. Gaia pisca algumas vezes e abre os olhos para um teto branco. Elas estão num cômodo amplo, vazio e ensolarado. Ela torce a cabeça e procura a fonte da luz — uma janela de vidro ocupa uma parede inteira. Tateando o chão, Gaia encontra o abafador e suspira aliviada. A outra mão é segurada num aperto frouxo; ela vira a cabeça e vê Inan desacordada.

— Inan! — Ela se senta depressa e se inclina para a outra. A imortal geme alguma coisa e Gaia apoia sua cabeça no colo e acaricia seu rosto. — Você está bem?

Inan abre os olhos devagar.

— Dói — ela diz.

— Eu sei — Gaia sorri. — Na minha primeira vez eu devolvi meu almoço ao mundo. Você está indo bem.

Inan fecha os olhos de novo.

— Deu certo?

— Não sei — ela diz em voz baixa, cautelosa. — Onde deveríamos estar?

Inan estremece por inteiro, parecendo despertar. Ela se desvencilha dos braços de Gaia e senta, olhando ao redor. Gaia

espera, resistindo à tentação de puxá-la de volta. Para um ser imortal, Inan parece mortalmente pálida.

— Não sinto Enli por perto — a maga diz. — O que você fez?

— Usei a moeda. — Elas encontram o transportador no estranho chão de espuma, um ponto cobreado no branco. Inan a pega e respira fundo. — Você disse que ela levava a lugares de origem ou pertencimento. Bem, não lembro de onde vim. Tentar recuperar minha origem seria como lhe pedir que lembrasse da sua primeira respiração. E já morei em muitos locais, mas nunca finquei raízes permanentes. A verdade é que não pertenço a nenhum *lugar*. Mas pertenço…

— …ao tempo — Gaia completa. Ela ri quando entende. — Você nos levou pelo tempo. *Onde* estamos? E *quando*?

Elas se erguem. A enorme parede-janela é o destino mais lógico e elas vão até lá. Do outro lado do vidro, uma paisagem ampla e colorida se descortina. Um rio serpenteia por uma planície, pontilhado de barcos e margeado de árvores. Uma cidade fervilha ao redor: prédios em diferentes níveis reluzem, interligados como a copa de uma árvore, e entre eles passam veículos sobre trilhos invisíveis.

E, ao redor e revestindo tudo, ela sente a magia. Mais forte e viva do que jamais esteve. Como se tivesse mergulhado no mar e estivesse imersa em algo grande demais para ser compreendido.

— Eu só nos transportei pelo tempo — sussurra Inan. — Eu acho. Devemos estar no mesmo lugar de onde partimos.

Gaia não consegue responder. Seu mundo mais uma vez se expandiu, e ela se sente desconectada, a mente vagando em mil direções, a gravidade brincando com o corpo que parece prestes a voar. Ela demora um tempo para lembrar-se do que as trouxe ali e entender o que Inan quer fazer.

— Você vai esconder a caixa no *futuro*.

— Enli não pode encontrá-la se ela não estiver em lugar nenhum — Inan explica. — E assim eu me dou algum tempo para convencê-lo de que, no fim das contas, os humanos

merecem viver. Ainda precisamos encontrar um lugar para deixar a caixa sem que ninguém a abra, mas…

— Isso — interrompe Gaia — é genial.

Inan abre um sorriso radiante. Gaia sente uma força quase mágica impelindo-a para a frente. Ela dá um passo, ergue uma mão ao rosto da outra…

— Bem-vindas.

Elas se viram bruscamente. Uma senhora chinesa de meia-idade as espera do outro lado da sala, vestida num robe bordado como uma sacerdotisa de tempos remotos. A mulher não fala em nenhuma língua que Gaia conheça, mas ela entende as palavras mesmo assim. É desorientador.

A sacerdotisa inclina a cabeça para Inan.

— Senhora, meu nome é Shi. Estávamos à sua espera.

Inan pisca.

— Estavam?

— Claro — Gaia diz. — Inan, você deve ter organizado tudo isso. Não é? — ela pergunta à sacerdotisa.

— Exato. Pela contagem do seu calendário, estamos no ano de 3640. — *Eu morri há muito tempo*, Gaia pensa. É difícil absorver a ideia. Ela não sabe bem o que fazer: quer rir e chorar e sair correndo e ver e conhecer tudo, e sente que seu corpo humano não foi feito para abarcar algo assim. Shi continua: — Quando retornar, a senhora começará a nos preparar para isso. Para receber a caixa.

— É uma jarra, na verdade — Gaia informa. — Erro de tradução.

A sacerdotisa balança a cabeça.

— Ah, não. — Ela aponta para o abafador. — É uma caixa. Podemos? — A sacerdotisa faz um gesto. Gaia pega a caixa e elas seguem Shi para fora da sala branca. Um mundo se bifurca em corredores delirantes de pedras coloridas, reluzentes e estriadas com fios de prata e ouro. Gaia sente a magia correndo por essas veias e sente a vida por trás das paredes: pessoas, dezenas, centenas

delas, mas o caminho que percorrem está vazio. Provavelmente porque aquelas pessoas já sabiam que elas iriam percorrê-lo.

— Eu estou… por aqui? — Inan pergunta a Shi.

— Não devo responder — diz a sacerdotisa. — Ordens suas.

— Provavelmente é melhor — Inan murmura. — E Enli?

— Também não devo dizer.

O destino delas é uma sala circular ampla. Um domo cintilante deixa entrar a luz em raios que cruzam a sala. Há um grupo esperando ali em um semicírculo: pessoas de diferentes origens e etnias e gêneros e vestimentas. Gaia sente a magia emanando delas, como o calor de um fogareiro. Ela deveria se sentir menor. Percebe que seu poder não é nada comparado àquilo. Mas a magia a reconforta, como ser enrolada em cobertores por uma mãe amorosa. É *isso que sou*, ela pensa. *É como estar em casa.*

Um altar espera no centro da sala. Vazio.

Ela olha para a caixa em suas mãos.

— Ela vai ficar a salvo aqui? — pergunta a Shi.

— Isso, senhora, não posso dizer. Não vejo o futuro. — Ela olha para Inan. — Mas há muito tempo estamos nos preparando para defendê-la. Faremos isso da melhor forma que pudermos. E, se o pior acontecer, acreditamos que hoje temos o poder para combater o mal.

Inan assente. Shi olha para Gaia.

— Senhora?

Ela leva um segundo para entender que deve fazer as honras. Espera algum tipo de cerimônia, música ritual ou cântico, mas no fim apenas vai até o altar e deposita a jarra.

— Vocês não precisam do abafador?

— Este prédio é um abafador, senhora.

— Ah.

— Agora a moeda, por favor — diz Shi.

— A moeda? — Gaia pergunta.

— Imagino — Inan suspira — que se voltarmos com

ela, Enli poderia descobrir o que fizemos e seguir o mesmo caminho que eu. Claro que teria que vasculhar *todo* o futuro, o que não seria muito fácil. Mesmo assim, é melhor não arriscar.

— Como vamos voltar sem ela? — Gaia pergunta.

— Suspeito — diz Inan — que eles já resolveram a questão.

Shi sorri em concordância, em seguida se vira para Gaia. Seu sorriso esmaece um pouco.

— Há mais um detalhe.

Gaia olha ao redor. O semicírculo de magos está encarando-a de um jeito estranhamente intenso. Ela se segura para não recuar um passo.

— Eu? Que tem eu?

— Outra medida de segurança — diz Shi.

Inan toca seu braço de leve, a voz baixa e pesarosa.

— Gaia, quando voltarmos… Enli sabe que você estava comigo. Talvez não a machucasse para tirar a informação, mas pode ter outros meios de invadir sua mente. Ele disse que encontrou você por meio da sua colega, não foi?

Gaia engole em seco e examina os magos. De repente, entende que isto não é uma comitiva de recepção — não apenas. Eles estão lá para cumprir um papel. Num instante, o poder daquelas pessoas deixa de ser reconfortante a se torna ameaçador.

— O que vão fazer?

— Tiraremos as lembranças referentes a este lugar — explica Shi.

— Quê? Não, não é justo! — Ela não quer esquecer disso, não quer esquecer que um dia as coisas serão assim: brilhantes e *vivas*. Pelo contrário: quer saber *mais*. Quer olhar pela janela e ver como as pessoas estão vivendo, quer saber se resolveram todos os problemas, se acabaram com as guerras, se são felizes e se aprenderam as lições de uma vez por todas. Mas sempre foi pragmática, e a lógica deles é inquestionável. Ela seria um risco se voltasse para casa com esse conhecimento. Para Inan, pergunta: — Ele não vai conseguir tirar isso de *você*?

— Eu e ele somos iguais, conseguirei me proteger.

— Não tem outro jeito?

Inan hesita e olha para os magos-sacerdotes. Engole em seco e encara Gaia.

— Você pode ficar aqui.

O coração dá um salto, pego de surpresa. Ficar ali. No futuro, onde a magia está viva, onde ela poderia fazer coisas que nunca sonhou ser possíveis… Inan a olha parecendo se preparar para uma notícia ruim. Deve pensar que a oferta é irresistível para Gaia.

E é. Ela tem família. Amigos. Mas também ambições e desejos, e sente que sua época é incapaz de realizá-los. Às vezes ela teme ser implacável demais, e se pergunta agora se seria capaz de abandonar todos que ama para realizar suas vontades. Parte dela está mais que disposta a aceitar a oferta — de malas prontas, preparada para mergulhar em um mundo novo e incrível. Mas outra parte sussurra que isso seria uma traição. Que ela seria covarde. Não foi ela que recriminou Inan por se esconder da vida?

Ao contrário da imortal, ela tem raízes fincadas em uma época. E sua época pode ser terrível, mas também tem potencial. Lá, Gaia encontrou um lugar para si, e talvez possa ajudar outros a fazer o mesmo. Quem pode dizer que o mundo não chegou *aqui* porque, milhares de anos atrás, uma maga resolveu fazer algo de bom?

— Eu vou voltar — ela diz, por fim.

A boca de Inan se abre de modo quase inconsciente. A imortal não encontra palavras.

— Afinal — Gaia emenda, sorrindo —, eu te devo um jantar. Sei lá se sua contraparte nesse milênio ainda se lembra de mim.

— Claro que sim — diz Inan baixinho.

— Prontas? — pergunta Shi.

Gaia olha ao redor uma última vez. Quanto mais se

demorar ali, mais difícil será voltar ao seu próprio tempo. Ela segura a mão de Inan, entrelaçando seus dedos firmemente.

— Não acho que seja necessário — murmura Inan.

— Eu sei.

O mundo rodopia, não do jeito brusco a que ela está acostumada, mas como se ela estivesse boiando num mar plácido. Quando a visão clareia, ela não está no chão. Ela e Inan, as mãos ainda unidas, estão em pé no meio da loja. O influxo de magia a deixa, como ar vazando de um balão. Os sons do mundo lá fora a atingem: os ônibus chacoalhando, as buzinas dos carros, os gritos dos camelôs. Ela voltou para casa.

Gaia olha ao redor, esperando ver Enli surgir de trás de uma pilha de móveis. Mas nada acontece. Ela não sente a presença dele, só a pulsação leve dos objetos. Uma magia quase desbotada, se comparada com o que ela acabou de presenciar.

— Bom — diz ela, engolindo em seco. — Acho que é isso. Ufa. *Rapaz*. Demônios dos sete infernos. Isso realmente aconteceu, hein? — Ela hesita e alisa o cabelo. Ainda está imundo da lama turca, o que parece ter acontecido meses atrás. — Espera. *O que* realmente aconteceu?

Inan morde o lábio. Gaia estreita os olhos. Sua mente está anuviada. Ela tem a impressão de que saíram do seu apartamento chinês há muito tempo, mas não há nada na memória depois que Inan as transportou. Uma sensação de perda a inunda, mas o sentimento não parece ter origem. Ela abre o abafador: está vazio.

— Cadê a jarra? Eu… não estou lembrando de nada.

— Eu sei. Desculpe.

Gaia estreita os olhos.

— Você concordou com isso — Inan diz depressa. — Se eu disser que foi para sua própria segurança, vai se sentir melhor?

Gaia está prestes a protestar contra o que suspeita ter sido uma invasão de sua memória, quando pensa melhor.

— Isso vai tirar o vampiro da minha cola?

— Hm, sim.

— E a caixa está a salvo?

— Você nunca mais vai ter que se preocupar com ela.

— Então tudo bem. Eu acho.

Elas se encaram. Gaia se lembra do último momento delas — ou, pelo menos do último momento de que tem recordação.

— Desculpe por ter brigado com você, antes. Na China. — Ela ri. — A nossa vida é meio louca, né?

— A minha é bem tranquila, na verdade — Inan sorri. — Quando você não chega para bagunçá-la. — Então a imortal pigarreia, parecendo hesitante. — Eu, hã…

— Sim?

— Lembro de você ter me prometido um jantar.

Gaia sorri. Talvez ela não precise de todas as respostas. Talvez possa deixar de lado a imensidão de imortais e armas ancestrais e, por um momento, só aproveitar o que existe diante de si.

— Sabe que toda essa emoção me deixou *morrendo* de fome?

***

Enli aparece dois dias depois. Inan está murmurando incentivos a um criado-mudo que se recusa a abrir suas gavetas. Agora que se permite usar a magia, consegue acessar seus objetos com mais facilidade. As janelas abertas deixam entrar os sons da cidade e o sol corta a loja com raios que formam um tabuleiro de luz.

— O que você fez? — ele pergunta, sem preâmbulos. Estão sozinhos agora, e ele fala em uma língua morta e esquecida, uma língua dura como uma canção de guerra. Inan responde em outra, esta um canto melódico e suave.

— Deixe-me adivinhar: você não consegue encontrar a jarra.

O rosto dele se retorce.

— É questão de tempo.

— Ah, é mesmo.

Os olhos dele faíscam. Inan morde o interior das bochechas e se encosta num armário.

— Sinto muito que suas buscas foram infrutíferas, Enli. Posso fazer uma pergunta?

— Não.

— Por que importa se a magia acabou?

Ele hesita.

— Quê?

— A magia. Você sempre ficou atrás dela, tentando voltar ao passado. Mas se está morta como acha que está, por que insiste? Não seria melhor aceitar o mundo como ele é? Ver o que as pessoas conseguem realizar sem ela?

— Tentar nos misturar na multidão? — Seu tom indica quão ridícula ele acha a sugestão. — Você sempre quis fugir. Se manter longe dos acontecimentos, uma observadora comportada. Como se não fizesse parte do mundo.

A discussão é mais desgastada que uma bota velha. Mesmo assim ela não consegue evitar.

— Só *acho* — ela diz — que não deveríamos influenciar o correr da história, impelir pessoas, incitar *rixas políticas*…

— Não acredito que você ainda não superou a Revolução Francesa. Eu só dei um empurrãozinho, e não deu tudo certo? — Ele faz um gesto de descaso quando ela ergue uma sobrancelha. — Eles sempre dão um jeito de estragar tudo, claro. Mas, afinal, não fui eu quem se meteu nas brigas dos otomanos com os gregos…

— Isso foi um acidente! Eu estava tentando proteger o último manuscrito de Aristóteles. Se *alguém* não tivesse queimado a Biblioteca…

— Calúnias, eu nem estava perto de Alexandria na época!

Ela cruza os braços e eles se encaram, olhares fulminando. Ele é exasperador. De todas as companhias que ela poderia ter ao longo das eras, por que Enli? Se foram criados por algum deus, sem dúvida foi um *trickster* entediado. Ela espera que ele tenha se divertido.

Enli diz:

— Já lhe ocorreu que fomos colocados neste mundo para influenciá-lo?

— Naturalmente. Também me ocorreu o contrário. E, como parecemos ter livre arbítrio, escolhi a não interferência.

— Há um limite para tudo. Você passou o século doze numa *caverna*.

— Eu estava meditando.

— A questão é, e sempre foi, que não podemos nos manter afastados. Somos parte disso. Qualquer que seja a nossa origem, a magia vive em nós. Recusá-la seria tolo. O fato de estarmos aqui, andando, respirando, já muda tudo definitivamente. Teoria do caos: estude uma hora dessas. Volte para a caverna, Inan, ou aceite que é parte do mundo.

— Talvez.

Ele congela, confusão estampada no rosto.

— Quê?

— Eu disse que *talvez* você tenha alguma razão sobre isso. O que *não* significa que concordo com o que estava tentando fazer. Se é para ser parte do mundo, saiba disso, Enli: eu fico do lado dos humanos. E vou protegê-los com o máximo da minha habilidade.

O rosto dele se fecha outra vez. A velha sombra retorna.

— Vou continuar procurando — ele diz, em voz baixa.

— Imaginei. Mas também sei que você não quer fazer isso.

O tom dele é sardônico.

— É mesmo?

— Sei por que quer a jarra, Enli. Porque não quer sujar as mãos. — Ela se desencosta da parede e vai até ele com passos mesurados. — Você é o maior mago do planeta. Tem a capacidade de cometer atrocidades, ou ao menos dar início a elas. Mas não faz isso e eu sei por quê. Não acho que odeie tanto a humanidade quanto diz, não acho que goste mais do que eu da ideia de guerras e sofrimento. Não gosta de violência. Quer uma solução rápida e fácil e que lhe permita não olhar enquanto as pessoas encontram seu fim. Sei que acredita que é a melhor solução. Sei que vai continuar

buscando a jarra. Mas talvez — ela o alerta — eu ainda o convença de que a humanidade tem salvação.

Ele lhe lança um olhar sério e profundo, e Inan se pergunta se seus próprios olhos também parecem poços sem fundo.

— Disso — ele diz calmamente — eu duvido muito.

Ele dá as costas para ela e caminha decidido para a saída, então para de chofre e vira de novo. Devagar. Deliberativo.

— Você está diferente — ele diz, quase uma acusação.

— Eu estou diferente — ela confirma, uma centelha dançando nos olhos. — Descobri que, por mais que alguém cometa os mesmos erros por tanto tempo que pareça impossível fazer algo diferente, a pessoa pode, contra todas as expectativas, mudar. Não é incrível?

Quando Enli a deixa, um pequeno sorriso ilumina o rosto da mulher em sua loja. Ela tem um encontro para o qual se preparar.

I.

Elisa zanzava em frente à janela da varanda havia horas, a anágua arrastando debaixo da bainha do longo vestido azul royal que a mãe planejara junto à modista por meses — e levaria ainda mais meses para pagar. O Modess incomodava. Tentou não encostar o rosto maquiado no vidro ao espiar a alameda escura, por onde não passava vivalma.

Do outro lado do salão, Dalva acenou em sua direção. Mais cedo, puxara seu braço quando Elisa retirara uma das luvas para abanar o rosto. Aquilo não era trejeito de debutante, ralhara a irmã. Ao longe, o pai recebia figurões da Rádio Difusora e colunistas da Folha do Norte, enquanto a mãe coordenava o buffet. Sonhara com aquela festa por anos. O que era aquele aperto no peito?

A mãe culparia Daniel, que chegaria em cima da hora para a valsa da meia-noite, pelo visto. Dalva culparia as regras, as primeiras de Elisa, que calharam de chegar naquela manhã. O pai resmungaria sobre disparates de mulher. Quanto a Elisa, passara o dia tentando lembrar o estranho sonho que tivera antes de acordar com as calças manchadas. A cabeça doía desde cedo.

Justo no grande dia.

Logo uma silhueta esguia alcançou a porta, a casaca em um dos braços, um embrulho amassado no outro. Os cabelos negros, lambidos com gel, brilhavam debaixo do lustre da sala. Atrasou por culpa do zepelin, dissera. Elisa fez cara feia e não encarou Daniel até o início da valsa. Quando finalmente chegara sua vez de tirá-la para dançar, a garota já não se lembrava da raiva. Ele logo a puxou para fora do salão após a dança.

"Não me esqueci de teu presente", sussurrou, encostado na varanda.

"Tratante", riu Elisa. "Não basta o bolo que quase me deste?"

Sob a brisa fria da madrugada, seu rosto corava debaixo do ruge.

Deixou que ele a trouxesse mais perto, e mais perto, e mais perto. Até que a enxaqueca se dissolvesse.

Fechou os olhos.

II.

"Já acabou?! Nem fiquei cinco minutos!"

"Meia hora contada no relógio", resmungou a supervisora do museu interativo. "Se quiser mais, vai ter que pagar".

"Isso tá errado!", Elisa arrancou o VR do rosto, os olhos ardendo. "Tava escrito lá na frente que o pack de simulação era a experiência completa!"

"A simulação do Centro Histórico de 1957 que tu dizes?", a mulher cruzou os braços.

"Claro!"

"Leu errado, então. Essa aí é a versão de teste. O objetivo desse beta é a experiência sensorial do bairro".

"E a *plotline* do Daniel?"

"Coisa de adolescente que não tem o que fazer e hackeia o nosso servidor. A gente até deixa, porque tem que goste. Mas se quiser ficar de beija-beija, vai pagar por fora como todo mundo."

"Mas…"

"Garota, vou pedir que se retire". A funcionária apontou para uma fila considerável ao fim do salão, onde Elisa antes dançara.

"Mas hoje é meu aniversário…!"

"Parabéns. Agora rasga."

Bufando, Elisa ativou o fone auricular na mesma hora.

"Pai, já pode me buscar."

"Gostou do presente?"

"Sei lá." A garota reprimiu um suspiro triste, as bochechas

ainda quentes.

"OK. Dorme lá no pós-VR que o sistema te notifica quando eu chegar."

"Tá." Ativou o auricular em modo soneca e andou até as cabines de recuperação sensorial. Aquela velha da recepção não podia tirá-la dali, podia? Se saísse de uma simulação VR sem uma varredura, sabe-se lá o que aconteceria. Só deu tempo de bocejar pela metade antes de tomar a pílula de segurança e fechar os olhos. "Vem logo".

III.

"Projeção encerrada."

Elisa esperou a descida inteira do visor antes de levantar, como diziam as instruções na porta da sala. Ouvira boatos de gente batendo no vidro até ativar o Modo Bloqueio do esquife, presos no aparelho até a assistência técnica chegar. Já corria um risco tremendo usando um *software* pirata em modelo antigo. Não precisava correr mais outro.

Programações meta-nostalgia eram o sonho de qualquer jovem de sua idade. Com a grana que ganhara de aniversário, não poderia alugar um esquife Nexus 2157 como o das amigas do colégio, conformando-se com o 2099. Os pais gastaram tudo com Dalva um ano antes. Ela adorava tagarelar sobre sua viagem com o Nexus 2155, que simulara com perfeição o visor VR retrô de 2035, que simulara, olha só!, um passeio pelo centro histórico no começo do século XX! Quanto mais projeções dentro de projeções, maior a ostentação.

Saiu da câmara e apanhou o aerobus para casa. Trânsito difícil, ainda mais com aquela maldita enxaqueca. O cara da entrada não disse que aquele Nexus já vinha com pacote de recuperação sensorial embutido? Balela.

Nisso que dá se meter com coisa clandestina, pensou. Elisa engoliu em seco e ligou o modo automático dos auriculares ali mesmo, no busão, aguardando o sono. Suas amigas faziam isso o tempo inteiro. Não tinha problema, tinha?

IV.

"Dor de cabeça? Tenha cuidado, não tome coisa errada! Tome Melhoral, é batatal!"

Elisa acordou com um grunhido. Ao longe, o som estridente do rádio da lavadeira.

Carambolas, que sonho fora aquele?!

"Já acordaste, Elisinha?", exclamou Dalva, da porta do quarto. Elisa franziu a testa. "Papá e mamã estão lá embaixo com teu presente!"

"Juras, mana?". A menina se esforçou para aparentar surpresa. Sabia de cor e salteado todos os bordados do vestido azul royal que usaria naquela noite. Mas não tinha cabeça para pensar naquilo. "Diga pra esperarem, que já desço…"

"Um momentinho! O que é essa mancha no lençol?!"

Dalva correu até a cama de dossel de Elisa e arrancou-lhe as cobertas.

"Não creio!". Seus olhos brilharam. "Elisinha já é moça feita!"

"Quê?"

"Não estás vendo?!". A irmã apontou para os colchões sujos de vermelho. "Desceram!"

"Desceram o quê?"

"As regras, garota! Tuas regras desceram!", berrou Dalva. "Como te sentes?"

"Bem, tive um sonho estranho e não lembro nada. E atacou-me uma enxaqueca dos diabos…!"

"Foi assim comigo! Vem!". Agarrou a mão de Elisa. "Vamos contar a mamã! Elisinha virou mocinha no dia do baile! No dia do baile!" ●

MICHEL PERES - Autoria

Michel Peres é professor, leitor e escritor. Natural de Matozinhos (MG), escreveu poesias que nunca passaram pelo crivo da gaveta e vive a desenvolver a sua mitologia pessoal (divertindo-se bastante com isso). Escreveu para o site *Obvious* e já teve contos publicados no site *Leitor Cabuloso*, *Mitografias* e nas revistas *Trasgo* e *Somnium*.

RODRIGO RAHMATI - Edição

Rodrigo Rahmati nasceu em Uberaba, mas mora em Sorocaba. É revisor e escritor desde 2006 e publicado pela primeira vez em 2016, com contos pela editora Draco e seu primeiro romance *O Arquivo dos Sonhos Perdidos*. Tem vários contos espalhados por aí, em todos os gêneros; coeditor dos contos do site *Leitor Cabuloso* e coorganizador da coletânea anual *Realidades Cabulosas*. Lançou seu segundo romance em 2017, *Nefelibata ou O Fotógrafo*, e pretende viver de literatura (ou ao menos não morrer por causa dela). Revisou o romance *O Templo dos Ventos*, de Marcelo Zaniolo, e a *Antologia Mitografias: Mitos Modernos*.

MAYARA BARROS - Ilustrações

Mayara Barros nasceu em 1992, no Rio de Janeiro. Formada em Jornalismo pela Uerj, é Mestre em Comunicação. Publicou *Caleidoscópio*, pela Editora Illuminare, e os contos *Crystalline* e *Preferida*, como ebook na Amazon. Participou das antologias *Contos de Fada*, *Anjos e Demônios*, ambas da Illuminare; *Valquírias*, da Darda Editora, e Momentum, organizada e editada por Gabriela Martins. Atua como editora-chefe na Revista Avessa desde 2014 e mantém um blog pessoal, *Naive Heart*, desde 2011.

No capítulo anterior…

Acompanhada por uma garota ribeirinha chamada Tekpam, Filipa retoma sua jornada Javari acima, após conseguir um barco com um dos vizinhos de Tekpam. A garota conduz Filipa e Zi até um trecho de matas baixas, quilômetros à frente da cidade de Atalaia do Norte. Os três são recepcionados por um misterioso rapaz, que os observava da margem do rio. O rapaz se apresenta como Fabrício e diz que pode ajudá-los a chegar até os mayorunas (ele mesmo membro dessa tribo). Chegando à aldeia, são recepcionados pelo pai do rapaz, um velho indígena. Ele concorda em ajudar Filipa a encontrar a mariposa-cavalo, mas com uma condição: o droide Zi deve participar da caça.

*****

Sentada na terra, Filipa acompanhava a cena em silêncio, seu rosto iluminado pela fogueira.

O sol havia se posto e as brasas ardiam debaixo do panelão; a única coisa que se escutava era o som de pés descalços movendo ao redor do droide e as palavras soltas de uma língua desconhecida. Era difícil reconhecê-lo por baixo de toda aquela camada de raiz, pigmento e lama.

Ela abriu a garrafa com cuidado, temerosa de atrapalhar o evento à sua frente. Apesar de ter viajado para tantos lugares e ter visto dezenas de rituais, era a primeira vez que se deparava com algo assim. Bebeu da água devagar sem tirar os olhos deles, ciente de que assistia a uma nova espécie de culto da carga.

Usando uma concha de madeira esculpida, o menino tirou da ayahuasca que agora amornava no panelão. Encheu um copo e o entregou ao pai, que soprou a fumaça de um cigarro sobre Zi, suas câmeras movendo-se como olhos de camaleão. O homem despejou sobre o droide a mistura, que escorreu pela crosta de lama seca.

Ele devolveu o copo ao menino, que o encheu novamente, recitando outras palavras, agora em espanhol. Entregou-o ao pai, que aguardava em silêncio; ele aceitou o copo e sorveu devagar seu conteúdo, indo se sentar próximo a Filipa.

Ele respirava forte pela boca, as sobrancelhas tensionadas. Passaram-se longos minutos até a mistura começar a fazer efeito. Ele, então, apoiou as mãos na grama seca e inclinou o corpo para frente, esticando a coluna como um gato; seus ombros e braços tremiam na tentativa de conter o animal que se rebelava em seu ventre. Por uns momentos Filipa pensou que ele fosse vomitar. Mas não; ele simplesmente largou o copo e deitou na terra, aguardando a respiração normalizar. Um galho seco estalou de dentro da fogueira, sombras oscilando na fachada da oca, oriundas do rapaz e das crianças que se aglomeraram perto do panelão.

Filipa olhou para o homem. A fogueira e a noite pareciam acentuar a sua idade, seu corpo como a pele abandonada de uma cobra. Ele abriu os olhos de repente e a encarou; tateou o

chão à procura do copo, apertando-o entre os dedos. Disse algo e ofereceu o copo a Filipa.

— Não, obrigada — ela recusou.

Parecendo descontente, ele ofereceu mais uma vez o copo. Calma, Filipa olhou dele para Fabrício.

— Explique a ele que não vou beber.

O rapaz se aproximou dela, preocupado.

— Filipa, para caçar deve-se beber da ayahuasca.

Ela fez uma expressão de enfado.

— Acordei a vomitar. Meu estômago está um caos. Não vou beber isso.

— Mas é a tradição…

— Imagino que droides não faziam parte da tradição e agora fazem. Pois bem, estou a inserir um novo elemento. — Ela tirou os óculos do bolso lateral da bermuda.

Fabrício olhou intrigado.

— O que é isso?

— Esses óculos possuem visão noturna e termal. Se o teu pai bebe ayahuasca para ver no escuro, vai adorar isto.

O rapaz ajoelhou diante do pai e conversou com ele. O homem olhou para Filipa.

— Vá, experimenta — ela ofereceu os óculos.

Ele os pegou. Colocou-os diante dos olhos e moveu o rosto, os lábios pressionados. Então, como que irritado, arremessou os óculos para longe e murmurou para o filho.

— Meu pai disse que se você não beber, não participa da caça.

Filipa passou a mão no rosto.

— Meu estômago não está bem. Explicaste-lhe isso?

O rapaz deu de ombros, movendo a cabeça na direção do pai.

— Ok — ela começou —, eu preciso apenas das mariposas. Não preciso participar da captura. Será que ele pode trazer algumas para mim?

O rapaz traduziu. O homem balançou a cabeça, parecendo concordar.

— Ele aceitou.

— Ótimo. Então eu fico com os miúdos.

— Certo. — Fabrício pegou o copo e foi até o panelão.

— O que vais fazer?

— Alguém precisa ajudar meu pai — ele disse e apontou para o droide. — Tudo bem se levarmos ele?

— Por quê?

— Meu pai insiste que o homem de pedra participe.

Ela olhou de canto. O velho índio encarava a lua, os olhos vidrados.

— Desde que me tragam as mariposas…

Fabrício assentiu e virou o conteúdo do copo, sentando-se ao lado do pai em seguida. Assim que melhorou, os dois se levantaram e pegaram os instrumentos de caça. Deram a volta na oca, sumindo floresta adentro com Zi.

Filipa virou o rosto. As crianças estavam sentadas ao lado do panelão, encarando ela.

— O que foi? — ela perguntou, lembrando-se, então, que não comera nada desde cedo.

Foi até a oca, onde havia deixado a mochila; voltou trazendo três barras de cereal, entregando uma a cada criança. Ela comeu da sua barra, saboreando o gosto da farinha de grilo. O cheiro amargo e roxo da ayahuasca cobria o ar, misturado ao silêncio, que hora e outra era interrompido pelo som dos mosquitos fritando em seu braço.

Os minutos se passaram.

Foi quando Filipa percebeu algo em sua visão periférica.

Alguma coisa caminhava na mata e ela acreditou ter escutado uma risadinha.

— Ouviram? — perguntou às crianças.

Terminou a barra e caminhou até o local onde o chefe arremessara os óculos. Apanhou eles do chão e os colocou, vendo a floresta arder como um organismo fosforescente. Reconheceu vultos de alguns animais, locomovendo-se como

entidades ectoplámicas, e tentou apurar o ouvido, mas escutou apenas o cochicho das crianças.

De novo a risadinha.

Olhou para trás. O pequeno índio parecia assustado.

Quando voltou o rosto, uma figura saía por entre as árvores, um pequeno homem de fogo que cambaleava, trazendo nas mãos um objeto. Filipa sacou o revólver, acompanhando com atenção seus movimentos.

Ele se aproximou devagar e Filipa percebeu que não era um homem: era um bugio. O mesmo que ela vira um dia antes na floresta. Ele jogou o objeto na direção dela, que rolou como uma bola de boliche. Soltou a risadinha, exibindo a gengiva esverdeada.

Filipa abaixou os olhos. Era um saco sujo e úmido, amarrado com um cipó. Quando olhou para frente, o bugio já havia dado as costas e voltava pra floresta.

Mas que merda é esta, ela pensou, pousando um pé no saco. Havia algo duro ali dentro, duro e arredondado como um coco.

Vencida pela curiosidade, ela se abaixou e retirou o cipó, abrindo o saco. Deparou-se com tufos de cabelo e aquele enorme e deformado nariz bulboso.

Horrorizada, chutou o saco pra longe e, ao fazê-lo, acabou escorregando e caindo na terra.

— Allí, muchachos, allí — alguém gritou.

Eles chegaram em bando. Seis, sete, ela não soube contar ao certo, os corpos quentes e acesos como lava. Traziam armas e facões, e um deles vinha mancando, apoiado numa muleta.

Antes que pudesse se erguer, Filipa sentiu um pé em seu pescoço, enquanto suas mãos eram puxadas para trás. Alguém assoviou por cima das vozes excitadas, um assovio rápido de comando.

O da muleta se aproximou e fez um comentário, algo sobre a perna dela, e Filipa sentiu o fio de um dos facões pousar em sua coxa. Gritando, ela se rebelou, debatendo o corpo.

Nervosas, as silhuetas brilharam ainda mais ao redor dela. Ela trincou os dentes, encarando as silhuetas que foram imediatamente paralisadas por aquele grito horrendo.

De início, Filipa pensou que fosse um bugio ou algum outro bicho, mas era terrível demais, primitivo demais. Era como se todos os animais, todas as plantas, a floresta em si urrasse em aflição e fúria.

Antes que o homem do facão ou qualquer um deles pudesse relaxar, o droide fez seu serviço.

O ar se moveu acima dela e Filipa sentiu a pressão nos pulsos afrouxarem, o sangue espargindo no ar como um fluido radioativo.

Os intrusos logo estavam no chão, regando a terra seca da aldeia com suas entranhas e gargantas abertas, vítimas de lacerações matemáticas.

Estática como um manequim, Filipa viu Zi pousar uma das articulações ao seu lado, as outras pingando o sangue ainda morno.

{Está bem, Filipa?}

Ela demorou a responder. Era a primeira vez que via um Z0x0.000000p-1022 em ação. Moveu lábios e língua, a saliva dando vida à boca e a si mesma.

— Estou.

Ela se ergueu, afastando-se daquela Troia em miniatura. Parados próximos à fogueira, ela viu Fabrício e o pai. O velho índio segurava o pequeno crânio.

O sol entrou pelas frestas da oca e iluminou uma raquete de tênis. Filipa espreguiçou na rede. Seu corpo ainda doía de todo o trabalho da noite anterior.

Assim que levantou, ela pegou uma das mariposas que Fabrício e o pai caçaram e coletou seu DNA. Enviou os dados para Fundação e, em seguida, soltou o inseto na floresta.

Sobre a fogueira extinta, o panelão de ayahuasca balançava ao vento. Filipa viu Zi, estático como um móbile congelado no ar. Tekpam dormitava ao lado dele.

Filipa ficou a encará-los pensativa, enquanto comia em silêncio uma barra de cereal.

Um brilho veio de perto do panelão; um objeto que refletia os raios do sol.

Uma faca.

A faca que ela vira com o pequeno índio.

Filipa pegou a faca. Aproximou-se do droide e, sem dizer nada, abriu um compartimento na parte de trás da carapaça.

{Filipa…?}

— Zi — ela disse, extraindo com a ponta da faca um objeto do tamanho dum grão de arroz.

{É o meu chip de rastreamento que está tirando?}

Ela fechou o compartimento e deu a volta, ficando de frente para o droide. Deixou o chip cair na terra e pisou em cima com a prótese.

— Menina — ela acordou Tekpam. Ela abriu os olhos, apertando-os contra o sol.

As duas desceram sozinhas até a margem do Javari. Vencendo a dificuldade, conseguiram colocar a voadeira na água, desviando das cinzas ainda em brasa do barco dos traficantes.

Tekpam pulou para a popa, enquanto Filipa dava a partida no motor.

Estavam quase atingindo a curva do rio, quando alguém chamou Filipa. Ela olhou para trás. Viu a silhueta de Fabrício e do droide, parados no topo daquele barranco de terra. O jovem índio lançou um aceno, que ela não respondeu. A floresta soprava seu hálito quente

RELATÓRIO OPERACIONAL EXTRAORDINÁRIO Nº 55

RAFAEL MARX

Data: Quadragésimo sexto dia do Inverno de 742 do Ano do Rei.
Responsável: Engenheiro Arcano Lúcio de Meniortar

Redijo esse relatório em lugar do falecido engenheiro responsável pela Oitava Linha Viária, Alberto Orechal, pois me fazia presente no trem na ocasião do ocorrido.

Ingressei no veículo na manhã do feriado do Dia do Rei, autorizado pelos meus superiores a partir para a cidade de Guzman, onde me reuniria com os pais de minha noiva para marcar a data do casamento. Também levava como presente para meu irmão, um universitário na Politécnica de Guzman, uma coleção de oito motores rúnicos em miniatura. Minha ausência das funções de engenheiro da Estação de San Felício seria coberta pelo colega Vítor Almeriant.

O trem partiu na data de meu embarque pontualmente às nove horas da manhã, prova da eficiência do sistema arcanoviário do qual tenho orgulho em ser empregado. Apesar de estar dispensado de minhas funções, fui até o vagão escritório onde me apresentei ao engenheiro Alberto, que me permitiu por curiosidade ler o manifesto de alfândega.

No documento, pelo que me recordo, era descrito que a arcanomotiva puxava três vagões funcionais, seguidos de três vagões para uso dos passageiros, sendo um destes um vagão-restaurante. Em seguida, oito vagões transportando pepitas de ferro. Estranhei apenas a presença de um último vagão de carga, algo um tanto incomum, que estava listado como transportando carcaças animais.

Questionei rapidamente Alberto sobre as carcaças, mas ele respondeu apenas que era uma importação da Academia de Estudos Médicos de Darshwitz. Satisfeito com a explicação, me despedi do colega e fui conhecer os demais passageiros no vagão-restaurante.

Passei os próximos dias discutindo as últimas decisões políticas dos nobres de Coburgo, que colocavam em risco de calote aquele reino em uma linha de crédito antiga. Meu interlocutor na discussão, o terciomano de nome Hussaimn, viria a ser a primeira vítima daquela viagem.

No terceiro dia de viagem, após uma breve parada para ingresso de dois passageiros e engate de quatro vagões carregados de madeira nobre, partimos da cidade de Liandh às onze horas em ponto, seguindo o itinerário. Naquele ponto tem início o trecho da Oitava Linha que cruza as Florestas Brancas por quatro dias ininterruptos.

Desde a derrota do reino élfico nas florestas, a área é evitada por humanos devido aos riscos de elfos salteadores atacarem as comitivas. Por praticidade, entretanto, a Companhia de Arcanomotivas do Ocidente Sulista optou por cruzar sua via através da região. Para evitar a chance de um ataque, todos os veículos são equipados com um Gerador de Escudo capaz de cobrir toda sua extensão.

Por volta das quatro da tarde, perto do horário em que o pôr do sol ocorre nessa época do ano naquela região, eu me encontrava no vagão-restaurante em companhia de Hussaimn quando ouvimos um longo chiado. Em seguida, começamos a perder velocidade.

Cheguei até a arcanomotiva antes mesmo da parada total do veículo, onde encontrei Alberto e os dois arcanistas como que recém-saídos de um furacão.

Me contaram que um dos dois técnicos arcanos se encontrava de plantão quando ouviu barulhos de chiado. Prontamente convocou o engenheiro responsável e seu colega. Eles constataram rapidamente que a Esfera Motora da arcanomotiva começava a demonstrar rachaduras. Tentaram todos os métodos do protocolo para evitar a quebra, mas no fim ela se quebrou em duas semi-esferas irregulares, produzindo o chiado que havia ouvido.

Eu me ofereci para ajudar Alberto, que parecia mais desesperado com a situação do que o esperado. Ele dizia que

precisávamos sair dali rapidamente. Achei ser uma questão de nervosismo de um engenheiro novato, portanto não me preocupei demais.

Ficamos eu e os dois técnicos trabalhando na questão enquanto Alberto ia esclarecer tudo aos passageiros. Já escurecera quando fui checar casualmente o Gerador de Escudo e me espantei ao descobri-lo desligado.

Eu iniciava o processo de ligar o aparelho protetor quando Alberto, correndo esbaforido, me empurrou para longe e desfez o que eu havia começado.

Notando meu absoluto estranhamento e fúria com o fato de estar nos colocando em situação de risco, ele me implorou que eu o acompanhasse até seu vagão, onde me explicaria o que estava acontecendo.

Chegando lá, me vi rendido por Alberto, que me apontava uma pistola. Ele disse que sentia muito por eu ter esbarrado naquela situação, mas que não poderia me deixar relatá-la à Companhia.

Ele parecia prestes a dar cabo de mim quando ouvimos um barulho de metal se retorcendo vindo do fim do trem. Seu rosto se retorceu em preocupação, culpa e medo. Ele imediatamente me deixou pra trás e correu na direção do som.

Contra os gritos da prudência que em minha mente me mandavam correr na direção contrária de um barulho assustador e um homem que acabara de ameaçar me matar, eu fui atrás dele. Imediatamente ao sair do vagão pela porta lateral, que ele havia deixado aberta, vi Alberto correndo na direção dos últimos vagões. Meus olhos demoraram um longo instante para entender o que havia na direção para onde ele ia.

Quando finalmente me acostumei ao escuro do lado externo, tudo que consegui ver foi um vulto de aproximadamente cinco metros erguendo um dos vagões e se afastando para a floresta com ele. O súbito choque da imagem me fez cair na neve e perder o rumo por alguns segundos.

Quando me ergui, não vi mais o vulto, apenas as costas de

Alberto conforme ele adentrava na floresta. Passei ao largo do trem e pude constatar que o vagão levado era o que havia sido listado no manifesto da viagem como uma carga de carcaças.

Também notei uma imagem que me deixou triste. O corpo de Hussaimn estava caído, inerte, a muitos metros do vagão ausente. As marcas em seu corpo indicavam que havia sigo jogado longe por uma pancada muito forte. Ainda tinha pulso, mas seu crânio estava quebrado e não havia nada que eu pudesse fazer por ele.

Convoquei os outros passageiros e com a ajuda deles desprendi a arcanomotiva dos vagões. Usei a energia latente do escudo, economizada até então, e a integridade mágica dos motores que eu levava presente para meu irmão serviram para segurar a esfera motriz unida o suficiente para nos impulsionar para fora da floresta. Não sei qual foi o fim de Alberto, mas carregamos o corpo de Hussaimn, que já foi entregue às autoridades.

Quanto ao vulto: eu tenho sonhado com o que vi todas as vezes que adormeci desde que voltamos. Ainda assim, não sou capaz de descrevê-lo. Espero nunca conseguir. ●

SÉRGIO MOTTA - Autoria

Sérgio Motta, nascido no Star Wars Day e destinado à nerdice, é designer, contista e coffee lover. O design lhe ensinou a identificar problemas do mundo e propor soluções; a literatura, a criar mundos e transformar problemas em reflexões; e o café, que a vida tem um gostinho bom. É autor do *20 Contos*, onde escreveu vinte histórias em um ano. Também tem contos em antologias e a noveleta independente *Aline na Avenida das Paulistas*. Gasta as (raras) horas vagas assistindo a tretas no Twitter, maratonando podcasts, mochilando pela galáxia e provando por A + B que Bentinho foi quem pegou Escobar.

ANDRÉ CANIATO - Edição

André Caniato lê, escreve, traduz, edita e canta no banho. Além de *uma publicação independente* na Amazon, tem contos na *Trasgo #16* e no *Wattpad*, com mais a caminho, planejados ainda para 2018. É criador e editor da *Plutão Livros*, editora brasileira de e-books de ficção científica, e tem como maiores sonhos a queda do capitalismo e a subsequente paz mundial — é também um grande iludido, portanto.

ALEFF SANTOS - Ilustrações

Aleff Santos é um designer digital e ilustrador de 24 anos. Trabalha como designer nos últimos seis, mas ilustra… desde pequeno. Entusiasta de ficção, da fantástica à científica, acredita que vida e arte dançam enquanto revezam na condução. No design, aprendeu a pensar em equipe e a buscar referências, habilidades valiosas nos bloqueios solitários de ilustrador. Usa o blog pessoal para satisfazer o TOC de categorizar ilustrações, além de para compartilhar os árduos resultados do Inktober. Durante as viagens interdimensionais do cotidiano, decide em qual série/anime vai ficar menos atrasado, em qual jogo da Blizzard vai "grindar" ou qual história do Gaiman vai reler.

No capítulo anterior…

Quem liga para Delegarza? Vamos focar em Verina Safira. Esta mulher fez outro milagre: livrou a bunda do cantor novamente, alegando que o juiz não tinha reputação suficiente pra julgar o réu. Cris não gostou muito e detonou a decisão absurda no CuritiBar. Tudo corria bem até o robô se mostrar mais soberbo que a classe média curitibana e isso ela não aceita. Duas IAs foram desligadas na mesma semana. E o veredito ficou nas mãos do Altíssimo, Vicenzi Vicenzo. Esperto, jogou a sessão para o meio da madrugada de sexta pra sábado, mas Kênia, uma estudante de direito, não perderia por nada. Às cinco da matina, ela tenta debater o veredito no grupo de chat da família. Péssima ideia…

*****

`Fullhouse App - 23 de setembro - 05h16`

— Bom dia, famíliaaaa! ♥

Pela primeira vez, Kênia Madeiro Madeira não acorda num pulo quando Nora Madeira invade seu quarto cantarolando às cinco da matina (com a animação de onze e meia), rodeada de rosas, coraçõezinhos e borboletas.

Kênia não havia pregado os olhos durante a noite. O "julgamento do século" acontece na madrugada de sábado para fugir dos holofotes; a variedade de opções, entre dormir e curtir uma omnight de sexta para sábado, não incluía assistir o julgamento de Delegarza às três e quarenta da manhã.

A audiência esperada por Vicenzo Vicenzi era zero. Errou por dois: Kênia Madeiro Madeira e George Sopa estavam de prontidão. Kênia por ser uma estudante de direito de dezoito-ou-dezenove anos, com ideais ainda intactos, pensando em mudar o mundo; Sopa porque é chato.

— Você tá vendo o julgamento, Nora?! — Kênia diz com fúria de universitária idealista. — Que porra é essa?!

Os guizos dos brincos de Nora (tia, e não nora de Kênia) tilintam com o sobressalto da mulher. Não pelo tom ou palavreado, nem pela pilha de nervos da sobrinha (enquanto fala com a tia, Kênia desgrenha o black power, grita e grunhe, bate o pé no quarto de cá pra lá, entorna a xícara de café, queima a língua, grita e grunhe de novo, anda em círculos e depois em xis, tudo em tempo recorde). O que assusta a tia é Kênia a ter respondido no Fullhouse.

⋆⋆⋆

Quando os ominis foram lançados, Kênia Madeiro Madeira viu um sonho se tornar realidade: nunca mais precisaria comparecer às confraternizações da família Madeiro e da família Madeira. Graças ao Fullhouse, uma função nativa dos omnidispositivos para reuniões familiares à longa distância. Assim que lançou, exercitou sua retórica advocatícia para convencer ambas as famílias a adquirir ominis e criou os grupos.

Deu certo com os Madeiros. Já a família Madeira é pau no cu. Usam o Fullhouse para futilidades diárias, começando com os bom dias da tia Nora, enquanto os almoços, aniversários e datas comemorativas continuam sendo encontros presenciais. Kênia admite que garoteou e o sonho tornou-se pesadelo.

Nesta noite, porém, está feliz de ter alguém pra ouvir seu manifesto de universitária idealista de dezoito-ou-dezenove, pois passou a última hora e vinte resmungando às paredes.

⁂

— Olha a boca, mocinha! — repreende Babá Madeira, que também invade o quarto da moça, em projeção. — E respeite sua tia! E vista-se direito!

Kênia usa um pijama azul-ou-verde folgado, estampado com patinhos de borracha e manchado de café, e pantufas rosas-ou-roxas com cara de hipopótamo. E Babá (avó, e não babá de Kênia) sabe das coisas: a neta não será levada a sério assim.

— Mas tá tudo errado, Babá! — Kênia escolhe os berros aos bons conselhos da avó. — Sancionaram a lei das inteligências artificiais ontem. Agora, elas têm direitos e deveres cidadãos. Chef pode ter registro civil agora, Nora. E, mesmo sem considerar essa lei, ele tem que ser condenado! Onde está a justiça do Brasil?

— Minha neta, é só um robô. Já o menino Francisco é filho de Deus. Ontem, ele estava na Catedral. Me deu um abraço e pediu minha benção. Moço de bem. 🙏

Kênia enche o peito pra contra-argumentar, mas o sorriso semibanguela de Babá ganha a discussão, e a estudante sorri junto. O silêncio logo se vai quando um primo, Lukão Madeira, troveja:

— Isso é tudo marketing daquele cara, vovó! Não tava bombando e quis voltar pra mídia com polêmica. Por isso falou mal das Composers e agora deu uma dessa. Maluco mau caráter!

Lukão Madeira (menor, e não maior do que Kênia) tem uma dor crônica de cotovelo por Delegarza. Quando o músico entrou para a cena musical, há cinco anos, Lukão tentava um grupo de pagode-repente. O grupo lançou uma música

(que não fez sucesso) justamente na semana que Delegarza estourou. O grupo acabou por conta dos acústicos do riponga — ou é o que Lukão acha.

A verdade é que o grupo usava letras de Composers Prima e afinava voz e instrumentos com Bizz. Nada que outros milhares de artistas não façam diariamente, e, por isso, a maioria afunda antes de decolar. O diferencial dos que decolam é a beleza. E nem Lukão, nem ninguém do grupo tinha muita. Além disso, o pulo do gato do repente são as letras cômicas, situacionais e improvisadas — que as Composers Prima não fazem. Ou seja, o grupo estava fadado ao fracasso, com ou sem Delegarza.

— Mau caráter é o caralho! — grasna a voz adolescente de Loura Madeira, próxima a omninvadir o quarto de Kênia. Loura, como o restante da família Madeira, era negra, mas, para fazer jus ao nome escolhido por Nora (mãe, não nora, nem tia de Loura e Lukão), a menina descoloriu suas tranças até chegar ao amarelo gema. — Você não faz ideia do que ele tá passando nesse momento, Luka. Imagina a pressão de ser julgado assim. Coitado do Franzinho…

— Chiquinho, né? Francisco da Graça… Sabe porque só falaram o nome de batismo dele ontem? — pergunta Lukão. — Vicenzo é Primaz do Brasil, por isso foi condecorado a Altíssimo. Que lado você acha que ele vai ficar depois de todo lambe-saquismo pro Papa? Do cristão ou do robô? Vovó, ele tava na Catedral de Brasília ontem por isso, também. Verina é malandra. E Delegarza não presta, Lô.

Como boa adolescente, Loura grasna qualquer coisa, bate o pé e cai fora do Fullhouse. Kênia invejava a prima por poder simplesmente fazer um barulho e sair das reuniões de família sob a justificativa de "ser uma fase". A vontade de fazer o mesmo é grande, mas ela é administradora — e incentivadora — do grupo. E mais: é uma universitária idealista de dezoito-ou-dezenove e, portanto, tem a auto-obrigação de mostrar-se plena em qualquer situação.

— Ah, sim. Kênia, querida. Sua mãe estava na igreja

ontem também, com o menino Francisco — diz Babá. — Ela tirou fotos nossas.

Três fotos tridimensionais de Babá se projetam. A primeira, abraçando Delegarza, exibindo as janelinhas entre os dentes. Na segunda, Delegarza beija sua mão. A final são os três abraçados: Delegarza na esquerda, Babá no meio e Verina Madeiro Safira, mãe de Kênia, na direita.

***

A vontade de Kênia Madeiro Madeira de imitar Loura aumenta. Não é mais plena após ver a foto de Babá com sua mãe. Tinha de fazer força para admitir, inclusive para si mesma, que era filha de Safira. Nunca foram próximas, e Verina mal participou de sua criação, mas tampouco fez grande falta. Babá supriu esse papel, ainda que não fosse sua mãe, nem babá. Mas, enquanto universitária idealista de direito, sente o estômago dar cambalhotas ao ver os casos que a mãe defende, e parou de falar com Safira quando entrou na faculdade. Verina não encucou com a decisão da filha.

— Ei, Kênia. Seguinte: cê ainda é nova, cara. Tem só dezessete-ou-dezoito anos. Por isso ainda não se ligou, mas a diferença entre nossas ideias é essa: idade. Dois aninhos no mercado e cê vai sacar o que eu tô falando. — Foi a última vez que Kênia sentiu o hálito de jabuticaba de sua mãe, um-ou-dois anos antes.

***

— Sua mãe é incrível, filha — diz Gentil Madeira, pai de Kênia, com mais sono que consolo na voz. Gentil nem sempre foi tão gentil em falar de Verina Safira.

Gentil era chapeiro. Está desempregado há seis anos e meio, desde que o CuritiBar botou um CH/EF Bartender no lugar, e voltou a morar em Brasília, na casa de Babá e Kênia. Já Verina Safira é a melhor advogada do país. A temporada de bajulação começou quase um-ou-dois anos antes, quando

Kênia fez dezoito e o dinheiro de Verina para a filha deixou de passar pelo filtro do pai.

Quando passou na faculdade, Kênia pensou em devolver o dinheiro, uma vez que não falaria mais com a mãe. Percebeu ser uma ideia burra no mesmo dia, quando foi comemorar com os amigos no Marés do Sertão, o restaurante mais chique de Brasília, e viu os preços do cardápio.

A sopa de tilápia com páprica doce do Marés do Sertão de Brasília erra em muitos pontos. Primeiro, não tem sertão em Brasília. Segundo, também não tem marés. Terceiro, o gosto é indescritível — e não é um elogio. Por fim, é uma sopa funcional: a função é causar intoxicação alimentar. Mas é cara. E exótica. E ninguém quer assinar o atestado de paladar pouco refinado no Marés.

Se pudesse voltar meia hora no tempo, Kênia teria devolvido o dinheiro da mãe para evitar aquela sopa.

***

— Sinto muita falta dela, filha… — Gentil chora as pitangas. — Pena que tá com esse músico agora…

Não está. E Kênia sabe. O tipo de Verina Safira é o arremedo de ser humano. Ela deixou Gentil quando encontrou um mais fodido: George Sopa.

— E acho que ela tá certa, viu? — ele continua. — Não deveriam existir robôs. O SIAC nos odeia! E esses robôs cozinheiros estão no sindicato. E se envenenarem nossa comida? Eu era um profissional sem igual. Mandava nas *smartfryers* como ninguém. Bota os congelados, espera apitar, tira, serve. Aí vieram com esses CH/EFs. O que esses amontoados de ferro sabem de cozinha?!

— Gentil, tenho que discordar… — diz Chef Madeira, uma unidade CH/EF que acaba de entrar no Fullhouse.

Chef Madeira foi adotado por Nora. IAs domésticas são semelhantes aos cachorros dos séculos passados: embora tenham se popularizado nas casas, tê-las como membros da família e herdeiras é para madamas. E Nora chegou lá. Ela e

sua esposa são sócias majoritárias da Cheiro de Azul, maior fabricante de tintas-perfume do Brasil.

As tintas-perfume da Cheiro de Azul não são das melhores: a paleta de odores é curta e imprecisa; muito por culpa dos testadores de cheiro não-especializados. Por exemplo, qualquer taça ou garrafa de vinho projetado exala cheiro de uva com álcool. Ainda assim, alguns omnespectadores em começo de namoro alegam sentir aroma amadeirado, áspero, amanteigado, equilibrado, terroso ou aveludado.

O cheiro de jabuticaba é o mesmo do vinho, o que rende um debate fervoroso de anos na rede Aura sobre o hálito de Verina Safira.

⋆⋆⋆

— Eu conhecia aquela Bizz. Ela jamais faria mal a um humano — continua Chef Madeira com pequenos travamentos no processamento de áudio —, e nenhuma CH/EF jamais envenenaria sua comida.

— Querido, não fique assim… — Nora conforta o filho.

Se dependesse da família Madeira, inclusive dos filhos, Chef não estaria no Fullhouse; nem seria adotado. Lukão e Loura gostam de Chef, mas a adolescente prefere a revolução das máquinas a virar chacota na família por ser irmã de um robô. Já Lukão não se importa com a alcunha "irmão-do-robô", mas com outra: "irmão-do-robô-com-quem-ele-já-transou-algumas-vezes-inclusive-cinco-minutos-depois-da-adoção-ser-oficializada-sem-saber-já-que-ignorou-a-notificação-da-então-mãe-do-robô-contando-as-boas-novas-pois-estava-ocupado-com-as-preliminares".

Nora, então, requisitou a decisão da administradora do grupo e futura juíza, Kênia Madeiro Madeira. Como universitária idealista e sangue nos olhos pelo primeiro julgamento, o resultado foi rapidamente tomado, e Kênia adicionou o Chef à família Madeira no Fullhouse.

⋆⋆⋆

— Por que eu te ouviria?! Seu tipinho roubou meu emprego! — acusa Gentil de forma nada gentil.

— Roubaram nada! — Chef aumenta o volume do alto-falante. — Já pensou que talvez você tenha sido demitido porque as CH/EFs fazem o trabalho melhor que você?

— Ou talvez porque mais trepam que trampam! Desculpa, filha — diz Gentil, como se Kênia ainda tivesse sete-ou-oito. — E o salário é um plano de assinatura!

— Por isso elas precisam do SIAC! Direitos! — Chef se esgoela — embora não tenha goela.

— *Elas?!* — sussurra Kênia, fazendo cara de quem comeu e odiou, como quando experimentou a sopa de tilápia com páprica doce do Marés do Sertão. Em dezoito-ou-dezenove anos, é a primeira vez que percebe uma IA falando *elas*, e não *nós*. Em uma busca rápida pelo histórico de Chef Madeira no Fullhouse, descobre que não é de hoje que ele fala de IAs em terceira pessoa.

Kênia dá o veredito: Chef está humano demais. Até Madeira demais — e não é um elogio.

— Precisam pra quê?! Pra nos dominar? — berra Gentil.

— A luta do SIAC não é por privilégios, pai. É por direitos iguais e cidadania — corrige a estudante.

— Aquela foto na igreja, vovó… — diz Chef com a voz baixa e binaural (que Kênia gosta de chamar de voz do orgasmo mental, Loura, de voz do dengo e Nora, de voz do siricutico). — Delegarza e Verina te usaram. A ideia é parecer que o cantor é cristão e solidário com velhinhas.

— Velhinha é sua vó! Ora… — esbraveja Babá. — Pelo menos, o menino Francisco tem alma. Você é só uma lata! Ele será absolvido pelo princípio da boa-fé: a cristã! ✝

Kênia suspira.

— Princípio da boa-fé não é isso, Babá. É sobre ética de conduta de todas as partes…

— Foda-se! — interrompe Babá. Todos fazem cara de

quem experimentou a sopa de tilápia com páprica doce do Marés do Sertão, inclusive o robô. — Ora… — E a avó sai do Fullhouse.

— Ela sabe das coisas! — Gentil Madeira apoia a mãe, mesmo que ela não escute. — Fodam-se as IAs, principalmente você, CH/EF.

— Meu nome é Chef! — O robô começa a superaquecer.

Está à beira de um ataque de nervos — embora não tenha sistema nervoso. Ele não explode, mas os ominis de todos os Madeiras, sim.

⁂

De sua casa, Gentil Madeira manda um:

— Porra! Nora vai ter que me pagar um Omini novo!

Babá Madeira solta um:

— Creindeuspai!

Lukão Madeira não entende o que aconteceu.

Loura Madeira grasna em desespero e deixa o quarto batendo o pé.

Chef Madeira pede desculpas para a mãe.

Nora Madeira diz que vai ficar tudo bem.

Não vai.

Loura muda de ideia: a revolução das máquinas é tão ruim quanto ter um irmão robô. E, então, ordena:

— CH/EF, desligue!

A contagem de homicídios cibernéticos na semana em que IAs ganham direitos civis fecha em três.

⁂

Kênia Madeira está sozinha no quarto. Dá um longo suspiro, deita em sua cama e dorme com um sorriso de orelha a orelha. Está oficialmente de férias dos bons dias com coraçõezinhos, rosas e borboletas às cinco da matina. E o Caso Delegarza já não tem a mínima importância.

O veredito vem minutos depois que a estudante apaga, seguido de duas publicações instantâneas na rede Aura: um hipertextão de George Sopa e uma imagem de Delegarza sentado no banquinho, tocando a música Identidade, enquanto uma voz feminina, exalando jabuticaba, anuncia:

NÃO PERCA!
Franz Delegarza estreia a turnê de seu novo álbum
"Voz, violão e um banquinho".
Hoje, 23 de setembro, às 20h. No CuritiBar!

À DERIVA

NATAN ANDRADE

Quando acordou de seu longo sono criogênico, Daniel encontrou a cápsula estelar completamente revirada. As faíscas saltavam uma seguida da outra, como se estivessem numa sincronia, dançando em silêncio. As luzes por todos os cantos avermelhavam perigo. O astronauta se recompôs, vestiu sua roupa de emergência, despressurizou a cabine e flutuou até a sala de controle, devagar.

Chegando lá, a espinha do astronauta congelou e ele se deteve. O pesadelo era real. No teto da pequena cápsula, um rombo enorme revelava o Espaço, os restos da nave e um corpo, que vagava à deriva, dançando entre as estrelas numa valsa fúnebre. Sem demora, o astronauta ejetou-se a fim de salvar o náufrago espacial.

Assim, Daniel começou a se aproximar do corpo, sem deixar que dúvida alguma invadisse sua mente. Afinal, fora treinado para o pior e era mais que preparado para salvar outra vida. Enquanto deslizava para fora de seu próprio abrigo, porém, a lógica foi retornando à sua mente, como quem se levanta rápido, mas demora ainda alguns minutos para recobrar os plenos sentidos da mente.

O astronauta aproximou-se e tocou o corpo. O rosto era familiar. Muito familiar.

Daniel abandonou o corpo e retornou à nave. Grossas gotas de suor surgiram em sua testa, por dentro do capacete, mas ele não podia senti-las. Se a ida foi um impulso suave, a volta era um nado desesperado.

Chegando em sua cabine, na parte intacta da espaçonave, um baque acertou o incauto coração do astronauta. Por mais que tentasse mexer nos controles e verificar a origem do erro, o marcador de vida humana no painel continuava a gritar: ZERO. Mas ele estava ali.

Então, o rosto do corpo à deriva no espaço tomou conta de sua mente. Não haveria de esquecê-lo jamais; afinal, era a

feição que mais vira em toda sua breve existência. E mesmo com tudo isso tão vivo, impregnando cada centímetro do que ele imaginava que seria seu corpo, o astronauta continuava a martelar uma dúvida em sua cabeça, uma dúvida que lhe atormentaria até o fim dos tempos.

A quem assombram os fantasmas no Espaço? ●

ANNA FAGUNDES MARTINO - Autoria

Anna Fagundes Martino nasceu em São Paulo em 1981. Mestre em Relações Internacionais pela University of East Anglia (Inglaterra), teve trabalhos interpretados na Radio BBC World e publicados em revistas como a britânica *Litro* e a brasileira *Trasgo*. No Brasil, publicou *A Casa de Vidro* e *Um Berço de Heras*, ambos pela editora *Dame Blanche*, da qual é cofundadora. É tricoteira (especialista em suéteres e xales) e escreve semanalmente na *newsletter Anna Dixit*.

SORAYA COELHO - Edição

Soraya Coelho é natural de Fortaleza, mas mora em São Paulo há quatro anos. Pós-graduanda em Book Publishing pela Casa Educação, trabalha como analista de marketing digital na *editora Somos*. Além disso, é revisora na editora *Dame Blanche* e faz parte da equipe da *Revista Trasgo*. Especializada em revisão e preparação de ficção especulativa, escreve quinzenalmente na *newsletter Cortesia da Casa*.

VITOR CLEMENTE - Ilustrações

Vitor Clemente tem 23 anos, sagitariano, trabalha com design gráfico e fazendo ilustrações. Participou da primeira edição da Mafagafo com os desenhos do conto "Tons de Rosa", de Fernanda Castro. Adora descobrir uma saga de fantasia onde pode viajar para outros mundos. Seu livro favorito chama-se O Nome do Vento, sua animação favorita é Avatar, sua casa é a Corvinal e seu patrono é um golfinho (segundo o Pottermore, é claro). Pode ser encontrado no *Behance* e pelo Instagram: @vithxrcs.

FINAL

No capítulo anterior…

Iolanda descobre que de pacato Moisés Caldeira não tem nada: ele é um policial disfarçado, especialista em tricô e em crimes feéricos — policial este que Ifigênia estava ajudando com uma investigação antes de ser presa por engano. O grupo das Arachnés vai ter que correr para achar a verdadeira culpada pelo crime — antes que São Paulo afunde debaixo de uma chuva como nunca vista antes.

*****

NA TEIA DAS ARANHAS

Bubu era um demônio legítimo, mas ainda assim conseguiu operar um verdadeiro milagre: arranjar um *habeas corpus* para Ifigênia na segunda-feira de manhã seguinte, para a surpresa dele mesmo, inclusive. Estava esperando um pouco mais de enrolação por parte da Polícia Federal, mas contra fatos (e algumas ameaças veladas, ou talvez não muito, de desmembramento de corpos ou devoramento de vísceras) não havia argumentos: não tinham como provar nada, Ifigênia tinha endereço conhecido e, principalmente, não tinha para onde fugir. Ela era a última de sua espécie em todo o Brasil, afinal de contas, um fato que as bruxas do Clube das Arachnés não sabiam até então. Ou seja: não tinham motivo plausível para deixá-la presa; a lei estava do lado deles e acabou-se, pois, a história.

Não deu para pegar um tapete-táxi: a chuva que tinha começado no sábado se estendera por todo o fim de semana e seguia firme na segunda-feira, sem dar um segundo de trégua que fosse. Não haveria toldinho no mundo que resolvesse a questão e, por isso, advogado e cliente seguiram para Pinheiros no jipe Rural Willys de Rosemeire.

O carro cheirava a escama do dragão de estimação da bruxa, lama e às orquídeas que ela transportava do sítio do filho em Registro para vender na capital. A única concessão que a bruxa nipônica fez aos visitantes foi arranjar um lençol para cobrir o banco do carona — e, assim, evitar que Bubu sujasse seu florido terno púrpura.

— Pois bem, pra onde? — Rosemeire engatava as marchas como se o carro fosse um inimigo que precisava ser enforcado a qualquer custo. O jipe dava cada salto que Ifigênia precisou se segurar na janela para não acabar caindo no chão, os vasos de orquídeas se esparramando pelo porta-malas.

— Para a loja! — Ifigênia resmungou, ainda esfregando os punhos que tinham ficado presos em correntes até poucos instantes atrás. — Eu preciso descobrir o que foi que aquele idiota do Caldeira aprontou.

— E puxa vida, hein! Por falar nisso… Você nem para nos avisar que o menininho era policial! — Rosemeire protestou.

— Se eu avisasse, aquele armarinho ia esvaziar mais rápido do que um aviso de incêndio e aí não iam prender ninguém mesmo. Não estava contando que os meganhas iam me prender ao invés de prender sabe-se lá quem está causando esse aguaceiro aí fora. — Ifigênia bufou, irritada. — Aquele corno raquítico vai me pagar quando eu colocar minhas mãos nele, ora se não vai.

— Isso é outro problema. E você trata de não matar ninguém, viu? Não fala isso nem de brincadeira — Bubu disse, roendo as garras e tentando não espirrar. Ele era meio alérgico a escama de dragão. — Porque eu consegui tirar você de lá da masmorra legalmente, mas os familiares da falecida não ficaram felizes com o fato… Como você talvez possa notar pela necessidade de pegar uma canoa pra chegar do outro lado do Anhangabaú, por exemplo… E… E…

Ele espirrou, enfim, e quase ateou fogo no painel do carro no processo. Rose precisou andar com as janelas do jipe abertas para espantar o cheiro horripilante de enxofre e plástico de painel de carro lambido pelas chamas.

⁂

Em Pinheiros, a padaria precisou erguer as comportas de ferro para evitar que a água que vinha calçada acima entrasse no estabelecimento. O armarinho também protegera sua entrada como podia, embora estivessem um pouco acima do nível da rua e ainda não precisassem se preocupar com alagamentos.

Não que isso fosse adiantar grandes coisas, se a chuva seguisse naquele ritmo irritante. Iolanda tinha faltado na aula para ajudar Flávia e Vanessa — a dona do armarinho — a salvar o estoque de lãs das goteiras que pareciam ter invadido todo o lugar durante o domingo, estragando os tapetes de pelo de ovelha e manchando os estofados dos sofás, fazendo o forno da copa pifar e a geladeira dar choque quando você encostava nela.

E mesmo que Iolanda quisesse ir para a aula, estava praticamente impossível atravessar o aguaceiro em Pinheiros até a Cidade Universitária. São Paulo tinha ficado em estado de alerta desde cedo, e não parecia que as coisas iam melhorar. Em vinte e cinco anos de vida, ela não se lembrava de chuva tão insistente ou céus tão perigosos, com nuvens quase tingidas de verde-musgo, fazendo parecer noite em pleno dia. E ia ficar ainda pior, dava para sentir nos ossos: a pressão atmosférica estava diminuindo minuto a minuto. Ia ser um dilúvio de proporções bíblicas.

— Mas tu vai ficar aí de tocaia aí até quando, ô guria? — Berê deu um berro, de dentro da loja. — ‘amo precisando de ajuda, que a coisa aqui tá mais feia que indigestão de torresmo!

— Já vou! Eu tô esperando a Rose chegar pra abrir a porta!

— Bah, mas quando aquele trambolho chegar vai dar pra ouvir na esquina. Anda, guria, que se eu for esperar a Samira se mexer, eu morro empalhada.

— Maria Berenice da Cruz Aranha — a voz de Samira ainda estava pastosa, mesmo dois dias depois de Moisés ter lhe imobilizado com a arma anestesiante —, com todo o respeito: eu te amo, mas vai à merda!

As poucas representantes do Clube das Arachnés que tinham se disposto a enfrentar o aguaceiro nem perceberam o palavrão. Elas estavam andando de um lado para o outro com baldes, panos de chão e rodos, tentando consertar os buracos no teto com magia ou truques. Gigi, a lobisdama, que não se dava muito bem com água de maneira geral, ficou sentada em cima do balcão do café cuidando do esverdeado dragãozinho de estimação de Rosemeire, Tomoko, que apenas tossia nuvenzinhas ridículas de vapor por causa da umidade da sala.

Samira estava esparramada no único sofá seco, ainda da cor do índigo de tão enjoada; como compensação, tinha trazido Faizal e o Grande Malek para ajudar na limpeza, e os dois homens usavam seus músculos para remover as estantes e a mercadoria para locais mais altos e menos alagados. Vanessa andava de um lado para o outro, atendendo ao telefone,

cancelando entregas e aulas, os óculos imensos escorregando por seu nariz aquilino: não dava para abrir a loja naquela situação ridícula em que estavam e ela ficava enjoada só de pensar no prejuízo que teria para trocar os eletrodomésticos avariados e os estofados manchados.

Quando a Rural Willys estacionou na frente da loja — de fato, dava para escutar os trancos que Rose dava na marcha praticamente desde a igreja de Nossa Senhora de Monte Serrat, na boca do Largo da Batata —, o pessoal se acotovelou para dar as boas-vindas à Ifigênia. Tomoko correu do colo da lobisdama para o colo de Rosemeire, causando mais espirros em Bubu e assustando Flávia, que pulou para detrás do caixa com um grito agudo.

— Pelo poder do Cervo Branco! — Gigi deu um berro quando viu o advogado no terno púrpura parado na porta, espirrando. — Um diabo loiro?

— É doutor Damião pra senhora, viu? — Bubu assoou o nariz no lenço já todo chamuscado, e olhou para Samira mal ajeitada no sofá. — Amoreco, que te aconteceu?

— Uma porcaria de arma anestésica, foi o que aconteceu.

— Olhaí, não falei que não era pra vocês mexerem com o Caldeira? — Ifigênia foi direto para o sofá onde Samira estava e deu um abraço amoroso na djinn com seus quatro braços. — Ô, sua maluca. Sério, marroquina, você às vezes me assusta. Você invadiu mesmo o apartamento do sujeito?

— O cara prendeu você, caramba. Que eu ia fazer? E você nem pra me contar que sabia de tudo! — E a djinn começou a chorar.

— Ê, pronto, agora tenho que lidar com dois alagamentos. — Vanessa apareceu com uma caixa de lenços de papel. — Ifigênia, eu vou ter que te demitir depois disso. Você botou minhas clientes em perigo!

— O moleque não me deu muita escolha, dona Vanessa — Ifigênia respondeu, enquanto passava a caixa de lenços para Samira. — Ou eu ajudava ou ele me arranjava uma encrenca. Mas não tava contando que eles iam me prender! Eu não matei aquela fada!

Um trovão fez as janelas e as estantes tremerem. Iolanda deu tamanho salto que acabou batendo com a cabeça no teto e ficando presa como um balão de gás perdido: foi preciso uma força-tarefa composta por Faizal, Berê e Gigi para puxá-la de volta para o chão.

— Esse raio foi bem perto daqui — Iolanda disse para os colegas.

— Acha que as danadas estão mirando na loja? — Ifigênia perguntou.

— Acho que elas estão mirando na sua cabeça, isso sim. A loja é consequência.

— E isso é culpa daquele raquítico afeérico! — A professora ficou verde-esmeralda em um piscar de olhos. — Eu vou acabar com a raça dele!

— Ele deve estar na padaria — Flávia disse, ainda escondida atrás do caixa. — Abre a porta aí, Iolanda, eu vou lá chamar ele e pronto.

Iolanda destrancou a porta e Flávia fugiu das poças d'água até chegar na outra calçada, as barras dos jeans e as sapatilhas ensopadas. No instante seguinte, um raio atingiu o transformador no poste próximo à loja. A explosão ecoou por todo o quarteirão, as faíscas dançando no ar úmido. A energia elétrica dentro do armarinho acabou em seguida. Um segundo depois, uma pequena luz apareceu no salão principal: Ifigênia, brilhando no escuro.

— Pra alguma coisa minha pele serve — a professora reclamou. — Mas é melhor cês arranjarem umas velas. Isso aqui não dura muito.

— É melhor você fugir, Fi — Samira disse para a professora. — Pra algum lugar onde não tentem te afogar.

— Mas nem fodendo. Eu sou inocente.

— Tá, mas até provar, a gente vai acabar afundando. E eu não sei nadar!

— É, amore, e o meu terno encolhe. Isso sim é uma tragédia — Bubu resmungou. — Mas daqui ninguém sai até o tal de Candela…

— Caldeira! — Iolanda corrigiu.

— Caldeira, Candela, Mandela, que diferença que faz?

— Faz *alguma* diferença. — Uma voz alta se fez ouvir nos fundos da loja. — Só dizendo.

***

Foi preciso Faizal, Malek, Vanessa e Ifigênia para fazer Iolanda parar de tentar enforcar Moisés Caldeira com os cachos. Tomoko, vendo que alguém estava atacando o estranho, pulou do colo de Rosemeire e foi morder os calcanhares encharcados do policial.

— Dá pra tirar esse calango daí? — Moisés gritou — Tá machucando! Oxe, esses cachinhos no teu cabelo têm *espinhos*, Iolanda?!

— É, e os espinhos têm veneno. Nem queira saber o que ela fez com o último mané que passou a mão na bunda dela. — Ifigênia ergueu Moisés pela gola da jaqueta, com força o suficiente para fazê-lo balançar os pés molhados a quase meio metro do chão, Tomoko ainda pendurada pelos dentes na barra da calça do policial. — E não queria saber o que eu tô querendo fazer com você, seu chassi de frango! Você disse que não ia acontecer nada! Pode explicar como é que eu fui parar na masmorra, seu corno?

— Porque ligaram pra PF fazendo uma merda duma denúncia anônima te dedurando! E quando acharam a fada morta com um suéter envenenado, aí que complicou a coisa: quem mais sabe como fazer isso, se não você? Dá pra me colocar no chão?! Eu preciso da ajuda de vocês pra achar a assassina, sabe?

— Ah, agora você precisa de ajuda, é? — Ifigênia estava ainda mais verde do que nunca.

— Fi, solta o moço — Samira disse. — Se ele morrer, a gente vai tudo presa!

Ifigênia soltou Moisés muito a contragosto, e o policial quase caiu em cima do dragão-pigmeu, que saiu ganindo para os fundos da loja. Bubu ajudou Caldeira a se levantar

enquanto as outras criaturas já corriam para a porta, porque o aguaceiro tinha aumentado consideravelmente e já ameaçava invadir a loja, comportas fechadas ou não. Iolanda passou a mão nos cabelos, finalmente acalmando-se.

— Então você é uma Medusa *mesmo* — Moisés sorriu um pouco. — Caramba… Eu nunca tinha visto uma assim tão de pertinho.

— Por que você tá admirado? Você ficou plantado aqui por meses, devia saber disso! — Iolanda cruzou os braços. — E como você quer que a gente te ajude?

— A assassina ainda tá aqui. Se você for checar na internet, o mapa de chuva tá engrossando bem aqui no perímetro. Dá uma olhada, se duvida.

Iolanda, com um olho em Moisés e outro na tela do celular, conferiu seu aplicativo de meteorologia. De fato: parecia que o grosso de toda a chuva que estava caindo na cidade de São Paulo concentrava-se em Pinheiros, como o olho de um furacão invisível para olhos destreinados. Aquilo era realmente inédito, além de inexplicável pelas leis comuns da meteorologia: aquela formação de nuvens era vista em alto-mar, ou no máximo nas bandas de Interlagos, por conta da represa próxima. Não em Pinheiros, com rios canalizados e asfalto em excesso. Certamente não se via algo assim nos céus da região do Largo da Batata, que inundava facilmente por motivos de bocas de lobo entupidas e má gestão da subprefeitura.

— A gente tem que tirar a Ifigênia daqui. — Iolanda encarou Moisés com pânico.

— Aí é que está o enrosco, ô baixinha! Não é a Ifigênia. Eu tô monitorando ela desde que o moço com o terno de maluco aí foi buscá-la na prisão. O mapa segue limpinho por onde ela anda. As fadas acham que vocês estão dando abrigo para pra culpada por aqui. Mas não é a Ifigênia. Se fosse, aquela máfia teria dado cabo dela na prisão mais fácil do que dizer "ponto meia", só dizendo.

— Que bom para a Ifigênia — Vanessa disse, ajeitando os

óculos —, e que péssimo para a minha loja! Você acha mesmo que eu iria esconder uma meliante aqui dentro, senhor policial?

— Olha, dona, sem querer ser grosso, só nesse momento tem uma djinn, duas bruxas, uma medusa, um demônio e… — Ele olhou para Gigi — Licantropa, você? Ou tô enganado?

— É, moço, sou sim. Precisa da identificação? — Gigi pareceu envergonhada.

— Precisa, não. Enfim. Ó o zoológico!

— Falou o Guri Normalzinho — resmungou Berê. — Tá bom, ô da brigada, já deu para entender. Agora desembucha! O que tu quer? E ligeiro, que pra mandar o "calango" — ela apontou o dragão, agora fuçando no cesto com novelos em desconto — te comer as tripas é dois minutos.

— A pobrezinha da Tomoko é vegetariana. — Rosemeire suspirou. — Vamos deixar o mocinho falar, vamos?

— Ele chamou a gente de zoológico, Rose! — Berê gritou.

— É, e eu sou a exibição da semana — Moisés retrucou. — Ou cê pensa que é divertido ser o único afeérico numa família com seis pestes que sabiam transformar gente em sapo ainda no jardim de infância? E vamos parar por aqui, que isso não é sessão de terapia em grupo, cacete! Preciso que vocês me ajudem a vasculhar a loja! Em algum lugar tem que estar escondida a arma do crime. O veneno, ou as agulhas que tricotaram aquela blusa, qualquer coisa serve. Só pode estar aqui dentro!

— Moisés, você está querendo achar um par de agulhas de tricô dentro de um *armarinho*? — Iolanda reclamou, os cachos se erguendo de novo. — A gente vai ficar o dia inteiro em cima disso!

— Então vamos nos apressar, vamos? Essa aqui é a arma do crime, então eu tô procurando um novelo parecido com isso — Moisés mostrou a foto de um suéter muito malfeito, coisa de principiante com muito boa intenção, mas zero talento para o tricô.

— Gente, parece vômito de unicórnio — Bubu comentou com um franzido de testa que fez seus chifres quase se cruzarem.

— Se tivessem vendido numa loja na Itália, cê tava vestindo todo contente, eu aposto — Samira retrucou, ainda sentada no sofá.

— Mais respeito com os meus Missoni, por gentileza?

— Ô, concentração! — Moisés disse. — Isso aqui não é hora para…

— Moisés — Iolanda interrompeu. — Eu acho melhor você ver isso.

Era o mapa de clima no celular da bruxa meteorologista. As nuvens de tempestade estavam se afastando do Largo da Batata e pareciam seguir em outra direção com velocidade surpreendente.

— Não dá para ver direito daqui, mas acho que elas estão se debandando para o sul. Se ao menos eu tivesse um computador para ver direito…

Tomoko parecia ter encontrado alguma coisa com a qual brincar perto do caixa, e Rosemeire se assustou, puxando o que o dragão tinha mordido: um novelo abandonado de fio acrílico enfeitado com lantejoulas furta-cor, tingido em vários tons chamativos e fluorescentes. Decididamente, não era algo que o armarinho vendesse.

— Oigalê, mas isso é ainda mais feio pessoalmente — Berê fez o sinal da cruz, mas parou no meio quando viu Bubu. — Te ofende?

— Tô de boa, amore. Acho que essa lã me ofende mais. Seu polícia, eu acho que o senhor achou a prova do crime.

— Eu achei um novelo todinho babado — Moisés ergueu a maçaroca de fios com as pontas dos dedos. — Tá contaminado, não serve como prova em nenhum tribunal.

— Não tá envenenado, pelo menos, senão já era o "calango" — Bubu disse.

— Ô, seu Bubu, mais respeito com o meu bichinho de estimação, poxa vida… — Rosemeire disse. — Bom, tá resolvido, não é? É só a gente pedir para a Flavinha se explicar. Eu tenho certeza que ela vai nos dizer quem deixou o novelo aqui, ela sempre cuida das coisas dos outros.

— Tá, e cadê Flavinha? — Vanessa perguntou.

— Uai, ela foi… — E então Rosemeire e as outras mulheres se deram conta de que, em sua irritação com o policial, elas não tinham notado que Moisés havia entrado pelos fundos da loja, não pela frente ainda trancada.

E que Flávia não tinha voltado com ele.

— Abre espaço! — Samira enfim se mexeu do sofá. — Eu vou lá na padaria buscar a garota. Carrego ela no colo num instantinho, pronto, acabou-se. Vocês tratem de procurar mais coisas aí. Deve ter mais tesouro pra vocês acharem.

⁂

E tinha, de fato: outro novelo intacto, igualmente fosforescente e cheio de lantejoulas, igualmente sem veneno. Alguns bilhetes escritos nas costas de comprovantes fiscais abandonados pelas clientes, tudo em um idioma feérico que Berê traduziu com facilidade: marcando encontros, mandando beijinhos, o típico correio elegante de um casalzinho apaixonado. Que o idioma fosse compatível com a língua das fadas ditas pernilongos, não era mais nenhuma surpresa para Moisés.

Nenhum vidro de veneno, apenas as coisas normais de quem trabalhava longe de casa: uma nécessaire com uma escova de dentes e um tubo de pasta especial para gengivas sensíveis, uma edição muito gasta de um livro de Augusto Cury (que provavelmente Flávia lia no ônibus), um pote com sementes de girassol salgadas e creme para dor nas pernas (de tanto que ela ficava em pé atrás do caixa).

E um livro dos anos 1970, claramente roubado da estante que Vanessa tinha montado para as clientes consultarem: *Como Criar Sua Primeira Blusa em Tricô: 20 Modelos para Iniciantes.* A modelo da capa, loira como Farah Fawcett, usava um pulôver de um tom terroso bem parecido com a arma do crime… se a arma do crime tivesse sido tricotada por alguém que soubesse minimamente o que estava fazendo.

— Ô, pessoal… — Samira apareceu de novo na entrada da loja, positivamente encharcada. — Tenho uma notícia boa e uma ruim. A boa é que a chuva tá passando.

— A ruim? — Moisés já sabia o que era, mas achou melhor perguntar assim.

— A Flávia não está na padaria. Aliás, não está em nenhuma loja do quarteirão, eu acabei de checar. Cê tem algum plano, seu polícia?

Moisés olhou para Iolanda, e ela o encarou de volta não com raiva, mas como se entendesse o que ele estava pensando. Ele obviamente poderia arranjar um mandado de prisão de humano e botar a porta da casa de Flávia abaixo. O problema é que aquilo ia custar tempo, e a chuva podia até estar passando em Pinheiros, mas engrossando em outro ponto da cidade. A burocracia era necessária, mas até lá os estragos iam ser bem grandes. Fadas não davam a mínima para burocracia, apenas aceitavam os termos de convivência quando lhes convinha.

— Eu tive uma ideia — Iolanda disse, ainda encarando Moisés. — Mas você vai ter que prometer que vai ouvir quietinho e vai *ajudar*, e não fazer tudo sozinho.

— Não tô em condição de negociar, moça. Eu não quero que a cidade vire Atlântida!

— E nem quer perder o emprego, não é mesmo?

— A essa altura, dane-se meu emprego. Eu tô preocupado com a minha mãe. Lá onde ela mora, a rua alaga até com cuspe e tá chovendo faz quase três dias. Dá pra ser ligeira aí na sua ideia? *Por favorzinho*?

***

Quando Flávia abriu a porta empenada da quitinete, ela estava esperando muitas pessoas diferentes. Policiais, fadas aladas, repórteres, o diabo em pessoa. Certamente não aquelas três figuras encharcadas do outro lado: uma senhorinha de olhos nipônicos em uma capa de chuva transparente, uma negra

com as *box braids* escondidas em uma boina e uma baixinha de cabelos cacheados chacoalhando o guarda-chuva estampado com nuvenzinhas.

— Dona Rosemeire? Berê? — e, olhando mais para o lado — Iolanda? Que vocês tão fazendo aqui?

— Oi, Flávia. — Iolanda deu um salto ao espirrar e acabou flutuando a dois centímetros do chão. Daquela vez, nem Berê nem Rose a puxaram para baixo. — A gente precisa conversar.

Não dava para Flávia fechar a porta e sair correndo pela janela: ela morava no sétimo andar. Não tinha saída de incêndio nem escada de serviço num prédio construído nos anos 1940, quando o centro de São Paulo ainda era o paraíso na Terra da Garoa. O jeito foi deixar aquela medusinha de cabelo crespo e as amigas dela entrarem no apartamento e rezar para que elas não estivessem atrás de confusão.

Iolanda olhou em volta, tentando entender aquele lugar tão sem magia — as lâmpadas brancas sem plafond ou lustres, a placa de cortiça com frases de autoajuda em *lettering* treinado pela internet, aquela decoração inspirada em fotos de Pinterest, mas sem um quarto do bom gosto ou um décimo do orçamento de produção. Bem parecido com a casa onde Iolanda morava, no fundo. Ela e Flávia eram bem parecidas, em idade e em temperamento, exceto que Flávia era humana. Iolanda quase disse normal, como quase todo mundo fazia, mas se impediu a tempo.

— Ó, acharam o novelo. Só vim te dizer isso. — Iolanda não entrou muito mais no apartamento. Flávia estava agora olhando a tempestade pela janela. As nuvens tinham deixado o céu da cor do fim de tarde, e eram ainda onze e meia da manhã. O tempo estava, literalmente, se fechando em cima deles.

— O novelo não é meu.

— De quem era, então?

— Da professora. Ela pediu para eu guardar. Ela disse que ia me pagar uma grana preta se eu guardasse o segredo. Eu tive que fazer alguma coisa, ela me ameaçou também. Eu tinha que fazer alguma coisa. Eu tinha que chamar a polícia.

— Flávia, eu disse que acharam o novelo. Eu não disse onde acharam…

Flávia engoliu em seco, olhando para a janela lavada de chuva.

— O que *elas* vão fazer comigo? —disse, após dois minutos que pareceram duas semanas. — Eu não sabia que a filha da mãe era alérgica!

— Então a blusa não tava envenenada? — Berê disse.

— Claro que não! Eu só não tinha dinheiro pra comprar aqueles novelos bonitos lá do armarinho. Pô, a dona Vanessa me paga um salário de fome. Cê acha que eu gosto de morar nesse ninho de rato? — E Flávia começou a rir. — E pensar que ela estava me corneando com o cara do pet shop no fim da rua. Eu devia ter envenenado a blusa mesmo! Isso ia servir de lição. Vocês vieram me prender? Ou sei lá, jogar um *hocus-pocus* na minha fuça e me matar, também?

— Ô meu, cê pensa que isso aqui é tipo o Harry Potter? — Iolanda cruzou os braços — Até para usar magia tem regra.

— E pra causar essa tempestade aí fora tem regra? Tem?

— Pensa que essas nuvens todas são uma manifestação na Avenida Paulista com panelaço, que acho que ajuda melhor a entender o tamanho da encrenca. É direito delas reclamar, mas o meio como elas escolheram vai ferrar a vida de todo o resto do povo. Quem te ajudou a fazer aquela blusa?

— Ninguém ajudou — Flávia resmungou. — Cê acha que alguma das dondocas lá daquela lojinha ia me ajudar? Elas nem me olham na cara. A professora me ignorou por tanto tempo! Eu fui vendo como vocês faziam e fui imitando. Não ficou perfeito, mas ela achou lindo. Isso antes de eu descobrir que ela estava vendo aquele filho da mãe e querendo me abandonar. — Ela voltou a rir. — Bom, pelo menos ela se coçou um bocado. Isso foi bem divertido de ver. Ela ficou como se ela fosse uma mosca, chacoalhando as patinhas para cima! Foi bem engraçado.

Flávia parou de rir quando notou que Iolanda não estava acompanhando a gargalhada, pelo contrário.

— Eu esqueci que você é que nem elas duas. Que você não é normal. — Flávia deu de ombros. — A polícia do seu mundo de louco não pode me prender. Eu não matei ninguém *de verdade*. Eu não tenho culpa que ela era alérgica a náilon. O que vocês vão fazer?

O que Iolanda poderia fazer? Talvez impedir Flávia de abrir a janela, deixando aquela chuva tóxica entrar e alagar todo a quitinete. Ou então impedi-la de sentar no batente da janela e se jogar para trás como um mergulhador que cai de um barco para dentro do mar profundo. Ou impedir seu coração de parar de bater até que ela ouvisse a voz de Moisés Caldeira, debaixo de todo o aguaceiro: "pronto! Tá feito!"

O resto da história Iolanda contou para Vanessa e Samira, enquanto comia dois sanduíches imensos de presunto e queijo Serra da Canastra na padaria hipster, de volta ao Largo da Batata. Era o único lugar no quarteirão que tinha energia elétrica, graças ao gerador que o dono do estabelecimento tinha instalado meses antes. Ao redor da mesa, Berê e Rosemeire — o dragão de estimação da bruxa nipônica ficou dormindo no armarinho — não pareciam muito felizes com o resultado da história. A chuva tinha passado e São Paulo, como sempre, foi se recuperar do susto, limpar a lama e ver que móveis e eletrodomésticos ainda tinham salvação no meio do caos. Mas ainda assim, entre as Arachnés que restavam, o clima era de um luto inesperado.

— Tchê, te digo que não tava esperando que a guria fosse mesmo abrir a janela e se tacar do sétimo andar. — Berê disse, entre goles de água com gás. — Como tu sabia, Iolanda? Tu viu o futuro?

— Não, eu só imaginei que ela não teria outra opção. Quer dizer, o que ela podia fazer? Me derrubar? Capaz de você sentar um tapa nela! Ou sei lá, eu podia ter posto as minhas medusinhas pra assustar ela e ela desmaiava.

— Tu não é o tipo que faz isso. Embora a ideia do tabefe, vai dizer, teria economizado nosso tempo.

— Berê, *modos* — Rosemeire suspirou.

— Enfim, dona Vanessa — Iolanda continuou —, ela não

tinha magia. Não ia conseguir brigar com nós três. E certamente não tinha um revólver. Ela só era uma garota que fez uma blusa pra namorada e levou um fora instantes depois. Quem aqui nunca fez roupa pro *crush* e se deu mal?

— É, mas uma coisa é se dar mal, outra é… Bah, a tua sorte é que o guri da brigada concordou com teu plano e tava lá debaixo da janela esperando com o tapete do Faizal!

— *Sorte* foi a dele que alguém pensou em um plano realmente bom, isso sim — Rosemeire disse em voz baixa. — Eu não gosto de falar isso, mas no meu tempo os policiais eram um tiquinho mais competentes!

— E no seu tempo, gente que nem a gente ia presa por cuspir chiclete na rua ou por não andar em fila na calçada. Não me começa com a sessão nostalgia que senão eu não pago minha parte da comida — Berê retrucou.

Rosemeire começou a bufar e ficar vermelha, depois roxa, depois azul, depois começou a crescer como massa de bolo com fermento demais, e Iolanda, Vanessa e Samira acharam melhor sair da mesa e voltar para o armarinho. A paciência da bruxa nipônica finalmente tinha se esgotado, e Berê teria de ouvir a bronca — e segurar a barra de ver que tipo de monstro estava escondido debaixo das túnicas com florezinhas. Ainda bem que o dono da padaria, finalmente compreendendo a vizinhança que tinha, dera a elas uma mesa bem reservada, onde ninguém poderia ouvir os gritos.

***

No armarinho ainda um tanto úmido, mesmo depois do fim da chuva e da limpeza promovida pelos amigos da loja, Bubu e Ifigênia estavam conversando entre xícaras de chá e um baú de tricôs da Missoni que o advogado trouxe para mostrar à professora. O pulôver da discórdia estava aberto entre eles, ainda com o rombo cheirando a fios queimados bem no centro das costas. A energia elétrica ainda não tinha sido restabelecida, então os dois eram iluminados pela pele

fosforescente de Ifigênia e por dois lampiões a gás que Vanessa conseguiu comprar na loja de artigos de caça e pesca atrás da igreja.

— Seu irmão te odeia, hein?

— Nada, ele é um docinho! Mas é ciumento. Briga de irmão é assim mesmo. — Bubu deu de ombros. — As suas duas alunas lá disseram que iam consertar isso, mas não deu muito certo, como você pode ver.

— Bem, elas tiveram boa intenção. E tem a técnica. Mas é que ataque de demônio é complicado… Eu não acho que tem solução, viu? Nem magia conserta alguns buracos. E essa combinação de cor não te favorece, já te falei. Larga o osso. Vai pra Milão e investe em tons de azul, garoto, vai fazer furor quando voltar.

— Um diabo vestindo azul. Onde já se viu uma coisa dessas?! — Bubu se levantou quando viu o grupo que entrava na loja. — E aí? Tá melhor, Iolanda?

— Tô mais ou menos.

— Você foi a bruxa mais corajosa do mundo hoje, cê sabe, né?

— Que tipo de coragem que é ficar parada enquanto alguém se joga de uma janela?!

— Alguma coragem para confiar no processo. Vai na minha, queridona: fosse eu, tinha ajudado a empurrar a danada para baixo, com tapete esperando ou sem.

O pior, Iolanda pensou com seus cachos quando voltou para casa, vendo pela janela do ônibus as ruas cheias de lixo e as poças perigosas nas esquinas, é que provavelmente todas as outras pessoas na loja tinham pensado a mesma coisa. Vanessa, assim como Flávia, talvez não pensasse que a morte de uma fada era algo *de verdade*, que tinha consequências e também trazia dor para outros. Berê ou Rosemeire, por sua vez, não entendiam como era possível que uma humana não se importasse com a vida delas: que ganhasse dinheiro com elas, mas não se importasse.

Pelo menos Ifigênia e Bubu, que eram bem mais velhos do que eles todos, seguiam em frente tomando chá e falando

de rombos em roupas. Algumas coisas não têm conserto e nem ordem correta, apenas acontecem e se rearranjam de acordo com a passagem do tempo. Uma fada tinha morrido por conta de uma crise alérgica, outra tinha sido quase presa, o mundo seguia girando em torno de si próprio como antes.

Na semana seguinte, o Clube das Arachnés se reuniu novamente no armarinho, com uma atração extra: lanchinhos cortesia da padaria do outro lado da rua. Berê ainda estava com o braço enfaixado por conta das queimaduras que tinha sofrido de Rosemeire e se contentou em fazer um pouco de crochê porque pelo menos era um gancho só. A bruxa nipônica, de novo em seu disfarce diminuto, estava mais ocupada em fazer uma mantinha para sua Tomoko, agora dormindo a seus pés. Samira tinha começado um colete para Faizal, Gigi Lobisdama tinha uma encomenda para uma galeria, e todo mundo parecia feliz de estar de volta às aulas.

E nenhuma delas pareceu ter dado falta da moça do caixa. Flávia fora transferida na manhã anterior para o prédio de Estrangeiros e Extraterrestres da PF, na Avenida Cásper Líbero, e seu destino a partir dali era ignorado. Bubu até tentou descobrir alguma coisa, mas não encontrou grandes saídas: quando se tratavam de humanos cometendo crimes contra fadas, o pessoal da polícia parecia ser duas vezes mais chato do que já era normalmente.

Ao invés de ir para a aula, Iolanda foi para a padaria. E, ao abaixar a cabeça para pegar o porta-moedas dentro de sua bolsa, ela escutou passos conhecidos ao lado dela.

— Você topa rachar um lanche?

— Você não devia estar no trabalho, Moisés? — Iolanda ergueu o rosto.

— Ganhei a semana de folga. E aí? Topa rachar um lanche?

— Do jeito que somos duas dragas? Acho melhor pedir pra deixarem logo o filão de pão inteiro na mesa.

E o pior é que o dono da padaria fez isso mesmo, e ainda trouxe queijo, presunto e patês o suficiente para seis pessoas.

A dupla se acomodou na mesa ao lado da janela que dava para a rua, e para o armarinho do outro lado, e comeu em silêncio por um bom tempo.

— E o que vai ser dela? — Iolanda enfim tomou coragem para perguntar.

— Capaz dela ser solta em algum momento. Ela segue afirmando que foi acidental. Não prestar socorro é diferente de assassinato. Em que se pese o fato de que ela foi corneada e talvez estivesse mentalmente afetada… Ainda assim…

— E as fadinhas do clã da falecida vão acreditar nessa patacoada?

— Aí já não é comigo. Eu não sou da divisão de assassinatos, lembra? Isso tudo já foi aventura demais pra mim. Eu só queria descobrir uma gangue de chantagistas, não uma trama de crime passional. A Flávia pode estar mentindo para se salvar? Pode. Tenho como provar? Não. Tô puto porque nunca mais vou poder entrar no armarinho pra comprar merino sem ter uma bruxa ou duas ou vinte e oito com medo de mim? Opa, se estou!

— Se a gente conversar, você pode entrar para o clube. Mesmo sendo um *guri normalzinho*.

— Se eu quiser bater papo no sarau de feiticeiras, eu passo na casa da minha mãe quando é a noite de canastra dela com as amigas. — Ele resmungou. — Mas se as tias prometerem que não me cozinham no caldeirão só porque eu fiz o meu trabalho, eu até posso ensinar como tricota colete Fair Isle. Aquele, com seis fios coloridos. *Isso* é feitiçaria de verdade.

Iolanda o encarou, tentando entender se era ironia ou se Moisés Caldeira estava falando sério. E percebeu que estava, de novo, flutuando a um centímetro do assento da cadeira. Por falar em coisas involuntárias, ela pensou: por falar em coisas que se encaixavam com o tempo.

CURIOSOS, PREOCUPADOS E SEU EPAMINONDAS

VICTOR GERHARDT

Criança curiosa. De todos os pleonasmos já proferidos, este é, de longe, o maior deles. Nem toda criança gosta de correr; algumas preferem ficar no seu cantinho exercitando o dom imaginação. Nem toda criança gosta de fazer travessuras; algumas preferem se aquietar e viajar para terras distantes nas páginas de um bom livro. Mas todas elas, sem exceção, gostam de fazer perguntas e explorar o desconhecido. A curiosidade faz parte da natureza de uma criança, e não há nada que possa mudar isso.

Naquela pequena vila de poucos habitantes, havia curiosos. Crianças, obviamente. E, como sabemos, onde há crianças, há adultos fazendo de tudo para evitar que as crianças descubram coisas por conta própria. "Para evitar que se machuquem", dizem eles, lembrando que, em outra vida, quando também eram crianças, seus pais diziam a mesma coisa — o que não os impediu de viver aquela história que havia lhes rendido uma pequena cicatriz e uma grande aventura. Mas isso ficou para trás, a curiosidade deu lugar à preocupação. Adultos são, por natureza, seres preocupados. Preocupados demais para serem curiosos. Quando parece não haver motivo algum para um adulto se preocupar, ele logo arruma um. Adulto preocupado. Outro pleonasmo.

Havia, na vila, curiosos, preocupados e Seu Epaminondas.

Após um dia de brincadeiras e descobertas, os curiosos da vila sempre iam visitar Seu Epaminondas; um senhor bem idoso, de pele escura que todo final de tarde se sentava em frente a uma fogueira ao lado de sua cabana para fumar cachimbo e aguardar a chegada dos curiosos. Ao contrário dos preocupados, Seu Epaminondas adorava responder a quaisquer perguntas que os curiosos lhe faziam. "Por que azul é azul e não amarelo?", "Por que sinto um arrepio na nuca quando termino de fazer xixi?", "Por que cera de ouvido é amarga?". E Seu Epaminondas nunca deixava nenhuma

pergunta sem resposta. Os curiosos eram bastante exigentes, mas sempre ficavam satisfeitos com as respostas do velho.

Até que certo dia, Seu Epaminondas teve que responder à seguinte pergunta:

"Por que nossos pais não nos deixam ir até a floresta?"

Daquela vez, Seu Epaminondas respondeu de uma forma diferente: ele contou uma história.

***

Há muito tempo, havia três prósperos vilarejos. Os habitantes de cada vilarejo não faziam ideia da existência dos outros dois pois, separando os três povoados, havia uma densa floresta.

Mesmo sem nunca ter trocado uma só palavra, os preocupados dos três vilarejos tinham uma preocupação em comum: que os curiosos se aventurassem na floresta e não conseguissem voltar. Assim, eram obrigados a inventar histórias de seres aterrorizantes que lá viviam.

No vilarejo mais ao oeste, onde todos possuíam a pele e os cabelos negros, os preocupados diziam que uma aranha gigante estava incumbida de devorar qualquer curioso que por lá passasse.

Já no vilarejo ao leste, onde todos possuíam pele vermelha e cabelos negros, os preocupados afirmavam que uma serpente de fogo aguardava, faminta, a chegada de saborosos visitantes.

Por fim, no vilarejo mais ao norte, onde todos possuíam pele clara e cabelos avermelhados, os preocupados contavam sobre um cavalo com crinas longas que grudava as vítimas em seu lombo e as leva para o coração da floresta, onde, então, as devorava.

Por gerações, tais histórias surtiram efeito e ninguém jamais chegava perto da floresta. Como se sabe, porém, sempre haverá um curioso capaz de mudar isso. Nesse caso, três curiosos, um de cada vilarejo.

A estranheza do primeiro encontro dos três curiosos terminou antes mesmo de começar, pois um curioso sempre

reconhece o outro. Os três curiosos passaram a se reunir no coração da floresta a cada cinco dias. Brincavam, cantavam, corriam, escalavam árvores e conversavam sobre os costumes de seus vilarejos. Nunca se importaram muito com suas diferenças físicas: um negro, bem alto para a sua idade; um ruivo de pele clara e corpo franzino e uma menina indígena, de cabelos longos e nenhuma peça de roupa.

Mesmo tão diferentes física e culturalmente, os três falavam a mesma língua: o "curiosês".

Não demorou muito para os três se aventurarem pela mata com a missão de descobrir se havia alguma verdade nas histórias de seus preocupados.

Nunca mais se ouviu falar dos três.

Alguns dizem que o ruivo franzino torceu ambos os pés durante uma fuga, porém não se sabe do que ele fugia. Já o negro teria perdido uma perna ao tentar lutar capoeira para defender os amigos. Porém, ninguém sabe quase nada sobre a menina indígena.

O que se sabe, é que o espírito dos três hoje vaga pela floresta, protegendo os outros curiosos e impedindo que sofram o mesmo destino que eles.

***

Ao final da história, os curiosos voltaram às suas casas, um pouco assustados, e com muito mais perguntas do que tinham antes.

Seu Epaminondas se levantou do chão e apagou a fogueira. Depois de uma longa espreguiçada, deu três soquinhos em sua perna de madeira e caminhou em direção à floresta. ●

EQUIPE

MARCOS BERTO - Autoria e Ilustrações

Marcos Berto começou estudando desenvolvimento de jogos digitais na PUC-SP, passou por psicologia e hoje trabalha com ilustração e arte. Já salvou o mundo de Termina pelo menos 15 vezes e garante que vai salvar mais. Além de ter uma pasta cheia de protótipos de jogos guardada, tem textos de fantasia e ficção científica que agora estão saindo à luz do dia.

JAKSON NAKO - Edição

Jakson Nako sempre gostou de criar histórias, e foi aos 15 anos que escreveu pela primeira vez para participar de um festival de poesias entre escolas públicas, ficando entre os cinco premiados. O autor estudou jornalismo e publicidade e propaganda. Na USP, estudou literatura africana de língua portuguesa, literatura italiana, catalã e bizantina. Na Amazon, publicou os livros: *O Garoto Adam*, *A Vila dos Gatos* e *Sobre o Pensamento e o Tempo*.

FINAL

No capítulo anterior…

No antigo lugar de trabalho de seu avô, Jéssica encontra R1ta, a robô doméstica. Monica conserta um trólebus velho e as três fogem nele em direção a um lugar seguro mais a leste.

*****

O TRÓLEBUS 2100 NÃO ERA CONFORTÁVEL E ESTAVA GELADO POR causa de todas as janelas faltando.

— Com licença — pedi ao entrar.

Silêncio, apenas o som de ranger das molas velhas com o

nosso peso. Sentei-me num banco duplo de plástico com minha mochila enquanto a professora Monica levantava R1ta pela porta da frente do veículo centenário. Havia uma camada tão espessa de poeira no chão que vovô poderia se esconder debaixo dela para sempre.

Assim que os bracinhos da robô tocaram o painel de controle, começamos a nos mover. A professora abriu o portão automático com um controlezinho velho e nem se deu ao trabalho de fechá-lo quando o trólebus passou por ele, sentido bairro público do Belém.

— Jéssica, venha ver isto. — A professora permitiu o meu acesso à imagem do seu fone diretamente nas suas mãos. Homens de terno debatiam algo tanto em português como em inglês, em seguida pessoas de condomínios protestavam em vias particulares e eram detidas por exércitos dos próprios condados. Alguns falavam de alianças para prevenir os ataques, outros falavam de interferência chinesa, e uma repórter citou a Economia pelo menos dez vezes. — As minípolis começaram a se atacar… Estão dizendo que elas têm que se defender dos interesses umas das outras, mesmo que força bélica seja necessária.

Olhei pela janela quebrada ao meu lado e vi as ruas passando, uma tela em tempo real mostrando os acontecimentos nas partes ainda públicas da minha cidade. As vias estavam muito mais vazias do que eu estava acostumada. Alguns pedestres corriam e trombavam uns nos outros, pois não respeitavam mais as faixas exclusivas para eles — não que tivesse alguém para aplicar multas de qualquer maneira. Um carro atravessou um amontoado de pessoas, lançando-as para o alto como se fossem personagens de um jogo digital ultrarrealista.

O sol do meio-dia tropical refletia nos muros ainda úmidos, batendo diretamente nos nossos olhos. A antiga fiação para trólebus estralava de tantos em tantos segundos, soltando faíscas atrás de nós. Meu coração estava acelerado novamente, mas eu me sentia calma e sem vontade de levantar do banco, possivelmente por causa do calmante que R1ta me dera.

Passamos correndo — como eu não esperava que nosso veículo fosse capaz de correr — pelo lado de um exército de uniforme azul, com carros-tanque e uma libélula pairando acima dos limites dos muros, de olho em tudo. Eles eram no mínimo cinquenta e marchavam poderosamente eu não sabia para onde.

Das coisas que eu odiava da cidade grande, libélulas eram as piores. Jornalistas usavam-nas para espiar por dentro das nossas janelas, por cima das paredes; ricos usavam-nas para viajar acima de todos nós, confortável e velozmente; e os militares usavam-nas para vasculhar as vias públicas em busca de quem desejassem. Eram manchas escuras e barulhentas no céu, cujas agilidade e poder visão ninguém era capaz de superar.

Mandei mensagens do meu fone para o meu avô, com a opção de notificações de urgência ligadas. Eu estava com raiva por ele ter me deixado sozinha nessa missão perigosa e por não ter me avisado de nada. Eu queria que minhas mensagens chegassem bem na hora do seu café quente da tarde, para que vibrações urgentes do fone em suas mãos fizessem ele derrubar todo o líquido nele mesmo. Tentei não me mover, apesar de meus ombros baterem violentamente nas barras de ferro dentro do trólebus enquanto ele avançava desengonçado pela cidade.

A interface surgiu vermelha e branca e decorada com um ponto de exclamação pulsante.

| *Vovô, onde vc está!?!*

| *Vovô!!!???*

Tirei do sutiã a pequena bolinha que era meu fone e o chacoalhei no ar, bravíssima. Por que ele não respondia?

— O Condado de Higienópolis lançou um míssil no do Frei Caneca! Caramba! — A professora levara a mão novamente trêmula, a mão que não servia de tela para o fone, até a boca. — Eu não acredito! Eles estão atirando nos grevistas!

Uma explosão sacudiu as paredes do trólebus, mas nenhum de nós sabia de onde ela vinha. Pela janela, vi o Alto da Mooca apagar inteiro, todas aquelas luzes angelicais e brancas sem energia, como se sua divindade tivesse sido cassada. Uma espessa nuvem de fumaça negra crescia de um lado do prédio que não podíamos ver, um vulto sujo a envolvê-lo. Eles também haviam sido atacados.

Libélulas sobrevoavam nossas cabeças com certa arrogância. Eram muitas, mais do que na visita do Presidente Truman aos condados mais importantes da região um tempo antes. O barulho que o trólebus fazia devia ser alto demais para eu ouvir os tiros das batalhas nas ruas públicas ao nosso redor, mas sei que elas aconteceram por toda parte.

Um míssil acertou uma libélula, que rodopiou pelos ares até cair dentro dos muros de um condomínio qualquer. Outro atingiu novamente o Alto da Mooca. Pelas janelas, ouvi berros de uma multidão próxima.

O trólebus freou de repente, deslizando com suas rodas-relíquias do passado pelo corredor largo onde passávamos. R1ta disse um rápido "segurem-se" sem entonação, então agarrei as barras de metal ao meu lado. Houve uma batida.

Vidro quebrado, mais gritos e uma dor terrível no pescoço. *Tzz! Tzz!* O trólebus não mais corria, apesar de seu motor ainda roncar baixinho. Meu braço estava machucado, e eu estava confusa por causa do impacto e das luzes do ônibus piscando em intervalos intermitentes. Levantei-me por sentir que estava bem o suficiente para fazê-lo. O banco do motorista estava vazio, o que levou minha atenção para além do vidro dianteiro do veículo, em cacos. Com a batida, R1ta havia sido arremessada através dele, seu corpo amassado jazia no chão — como no dia em que a encontramos no porão. Eu sabia que daquela vez, porém, não seria fácil trazê-la de volta à vida.

— Professora? Professora!

A poeira de dentro do trólebus caía graciosamente, como cinzas de um vulcão que acabara de explodir. *Tzz! Tzz!* As luzes estavam mais fortes, ainda piscando. Vi a professora

Monica sentada numa cadeira larga e com sinto de segurança, possivelmente criada séculos atrás para pessoas com deficiência ou para transportar delinquentes. Ela estava desacordada assim como o tigre em seu peito. Balancei os ombros pesados dela e sua cabeça roncou confortavelmente pendurada para trás.

Ela está bem, pensei. Chutei a porta do trólebus até que ela abriu o suficiente para eu passar. Mais uma explosão lá em cima, mas nem parei para olhar direito. Queria mesmo é que o Condado do Alto da Mooca sumisse, ele e sua escola ridícula. Me aproximei da minha amiga de plástico e metal iluminada por apenas uma lanterna do trólebus ainda a funcionar.

As câmeras dela estavam destruídas, assim como o bracinho articulado e o trio de rodas piramidais, arremessado a alguns metros dali. Eu coloquei a mão sobre o seu corpo e chorei. Meu coração artificial doía — não de adrenalina, mas de tristeza.

Tzz! Tzz!

Eu olhei por sobre meu ombro e precisei enxugar a água dos meus olhos para acreditar no que via. Emergindo da haste que ligava o trólebus ao fio de eletricidade acima dele havia uma criatura enorme, que parecia bidimensional e tridimensional ao mesmo tempo. Ela piscava com a força de um bilhão de luzes e não tinha uma forma precisa: de vez em quando, braços velozes surgiam dela e se ligavam ao chão, ao corpo do trólebus e aos fios como relâmpagos — mas eles sumiam tão rapidamente que podiam ser apenas marcas do acidente nas minhas retinas. O que eu percebi ser uma cabeça aproximou-se de mim.

Eu matei de noooovo tzzzzz!

Era como o solo de guitarra digital de uma banda futurista saindo de uma TV no volume máximo. Eu franzi as sobrancelhas, mas não tirei os olhos da criatura. Foi nesse momento que percebi que ela era azulada quando não piscava tão forte em branco.

Naaaaaãoo tzzz!

A criatura encostou no corpo de R1ta ao meu lado. Senti os pelos do meu braço e da minha nuca se eriçarem

com a estática passando pelo meu corpo. Meu coração estava pulsando como louco. *Tzz! Bi bi bó! Tzz!*

Douglas, eu matei mais um tzz mais uma morte causada pelo trólebus 2100!

Douglas? Olhei ao redor. Meu avô não estava ali. Será que a criatura falava comigo?

Tzz! Tzz! Estalos seguidos de faíscas saíram do trólebus. A criatura murmurou novamente com sua voz robôtica, tão alto que apertei meus dentes. Meu coração parecia bater arrítmico, mas eu já não entendia as coisas tão bem quanto segundos atrás. A força se esvaía dos meus músculos e minha visão se tornava mais escuras nos cantos. Aquela incrível criatura era tudo o que eu via e achei que ela olhava para mim também.

— Boa tarde, Jés-bi-ca. – Ouvi uma outra voz de robô falar. Eu a reconheci, apesar de ela soar mais grave, como se emitir aqueles sons causasse dor. — Seu coração artifici-al apr-pre-senta sinais de falha no siste-tema motor. Já estou chamando um mé-dico.

— R1ta! Fique comigo!

— Para onde v-amos depois que paramos de funcionar, Jéssica?

Eu não respondi. Aos quinze anos, seria impressionante se eu soubesse o que dizer. Eu intercalava meu olhar entre a R1ta em pedaços no chão e a criatura pairando pacientemente contra o céu escuro da cidade, no aguardo do seu ataque elétrico mortal.

— Seu avô dizzz — recomeçou a robô, cada vez mais lentamente — que nós perma-ne-cemos aqui enquanto alguém guardar alguma memória sobre nós…

R1ta apagou num segundo, assim como nossa geladeira desligava durante os blecautes. Depois de um piscar de olhos molhados, tudo estava escuro para mim. Voltei minha cabeça para a aparição de luz, àquela hora, nada mais do que um borrão mais claro para meus olhos cansados, e solucei sem parar.

Na minha cabeça, minha amiga robô me desejava bom dia de manhã enquanto limpava o chão por onde passava. Eu já sentia saudades dela e de seus alertas sobre o estado do meu

coração durante as aulas de esportes. Restaram apenas uma pilha de sucata e minhas memórias com ela. Eu queria me lembrar daquele dia para sempre.

Tzz! Tzz!

Apertei o botão de executar no pino de memórias ainda preso ao meu corpo, puxei-o do elástico e joguei no chão. Por uns segundos, só ouvi o estalar do fantasma e os alertas dentro de minha cabeça, biológicos e artificias. Havia pessoas correndo pelas ruas, mas todos pareciam inalcançáveis, talvez por escolha deles mesmos.

"Zé, é o seu amigo Douglas!"

O fantasma elétrico voltou para cima do trólebus, aparentemente assustado com a voz.

Tzz! Tzz!

"Essas são as minhas memórias do dia do acidente. Acesse esse pino para você ver a verdade! Não deixe o passado te prender aqui!"

Eu admirei o monstro relampejar tão impressionada na primeira vez quanto na octingentésima terceira. Faíscas estouravam por todos os lados quando ele berrou, arremessando-se na direção do pino. *Tzzzz!* A forma iluminada da metade do tamanho do trólebus mergulhou dentro do aparelhinho no chão, como um gênio entrando na lâmpada.

Pouco tempo se passou até ele sair dali tão inexplicavelmente quanto entrou, e olhou para mim com o que eu achei que fosse ternura.

"Fui eu quem cometi o erro, Zé! Você é um herói. Você salvou todos os passageiros, incluindo a mim!"

Tzz! Obrigado Tzz! Tzz!

Meu coração batia num ritmo tão caótico e doloroso que eu torci para aquele monstro me engolir de uma vez. Nem a morte de R1ta importava mais, nem o paradeiro do vovô ou da minha mãe.

O fantasma do trólebus 2100 chegou perto de mim e eu

parei de sentir dor. Meu coração batia normalmente, ainda que acelerado.

Tzz! Sou o J00Z-e, robô de bordo especializado em dirigir trólebus em cidades grandes. Garantir a segurança dos meus passageiros é minha missão. Tzzzzzzzzzz!

Eu lembro da mamãe entrando no meu quarto com sua cara de eternamente preocupada. Vovô ficara ao meu lado o tempo todo e de vez em quando Monica aparecia para revezar com ele. Meu coração artificial nunca mais precisou de reparos para funcionar e nem a troca da bateria aos meus vinte e cinco anos foi necessária. Os médicos não sabiam dizer o porquê, mas ele estava repleto de energia e poderia funcionar para mais dez usuários depois que eu não precisasse mais dele.

Eu ouvi tantas vezes a história de Beleléu naquela cama tomando soro que saberia contá-la de cor, sem a ajuda de um pino de memória. O Condado do Carrão, onde a professora Monica e eu nos encontramos com alguns conhecidos, se inspirava na antiga cidade no modo de funcionar.

A vida ali seria bem diferente da nossa vida anterior, a professora dizia. Mesmo ela tendo nascido e vivido a vida toda numa minípolis, aquela era diferente das demais. Oficialmente, não era considerada um condado, para começar. Todos os condados tinham que responder ao Presidente, mas nós respondíamos apenas a nós mesmos.

O pino de memória entregue por mim a J00Z-e havia sido encontrado novamente preso entre minha saia e minha barriga quando chegamos de trólebus no Carrão, eu não sei como. Monica também não estava acordada para ver. J00Z-e nunca foi encontrado nos sistemas do veículo, como se tivesse se sentido finalmente livre para deixar esta dimensão.

O corpo antigo de R1ta foi completamente descartado — um grande prejuízo, segundo Dona Beatriz. O que ninguém esperava era encontrar uma R1ta adormecida, sã e salva, no pino de memória contendo algumas lembranças do vovô — e, agora, minhas também.

Ela pediu, assim que teve um dispositivo de áudio conectado a ela, que em seu novo corpo adicionassem *tasers* poderosos para ela poder me proteger de monstros com seus poderes elétricos.

E vovô Douglas falava que, depois dessa, eu era uma guia espiritual talentosa.

O ônibus não estava lotado; abarrotado era a melhor palavra pra definir aquela situação decadente. Acima da minha cabeça, sacolas com carnes sintéticas que vez ou outra me acertavam; dos lados, sovacos de estranhos bem na altura do meu nariz; atrás, um androide falando da vida alheia e por toda parte um calor de explodir neurônios. Ou seja, nada novo sob o sol de 2677. Aliás, só a minha indignação em me ver obrigada a ir de coletivo até a Feira Central, algo que sempre me faz ver o lado bom da vida.

"Se eu desmaiar pelo menos não caio no chão, afinal nem tem espaço", sussurrei, ao passo que limpava o suor da testa. O clima estava ameno, graças a Padre Cícero.

Apesar dos pesares a viagem seguia bem, ao menos até o instante que um estranho decidiu encher o meu saco. Mirou-me de longe, quase como um sniper, e iniciou sua caminhada até mim. Incomodou metade do ônibus, pisou no pé da outra metade e quase estapeou duas senhorinhas para chegar até alguém que lhe parecia uma religiosa em potencial.

"Inocente", rosnei entre os dentes quando enfim chegou.

Era velho, o que já diz bastante sobre alguém. Também usava uma bata, talvez um terno… Algo do tipo. Além disso, o ar de formalidade, a magreza por vaidade ao invés de fome e a pele pálida me fizeram pensar no quanto aquele cidadão estava precisando duma transfusão de sangue. Ergui a guarda assim que notei que carregava um livro: "O Estado Laico é Um Veneno Institucionalizado", dum tal de Raino Jarbolos. Suspirei forte enquanto pedia paciência a deus, pois se pedisse forças e fosse atendida… Bem, ir em cana por homicídio não estava nos meus planos.

"Bom dia moça, tudo bem?", cumprimentou.

Fingi demência e o ignorei. Eles interpretam qualquer reação como aval para falarem sem parar.

"Moça?", repetiu tocando meu ombro.

Sacudi-me como se tivessem jogado um balde de cyber-aranhas sobre mim. Depois esbugalhei os olhos, trinquei os dentes e encarei aquele pregador sem noção do perigo. "Não toque em mim", meu olhar dizia. Descontente com minha reação, ele também esbugalhou os olhos e revidou em alto e bom tom:

"Desculpe moça, mas é preciso evangelizar em tempos de invasão alienígena. É preciso conscientizar sobre seus rituais profanos, sobre as oportunidades de emprego que eles roubam…"

"Tá falando de qual espécie alienígena?"

"De todas."

"Sei… Sabe qual a única coisa em comum entre todos eles? Que nós destruímos seus planetas 'por engano'. Já parou pra pensar nisso?", perguntei, embora a resposta claramente fosse 'não'.

Insatisfeito, revirou os olhos e decidiu mudar a estratégia.

"Eu desisto. Não dá pra conscientizar alguém que faz plástica pra ter orelhas pontudas."

Inspirei fundo, o máximo que pude. Quase explodi com tanto ar nos pulmões.

"O senhor tem muita sorte, né?"

"Sou iluminado, por quê?"

"Sabia, afinal é preciso muita sorte para servir a única religião, dentre milhares, que está certa e que trará a salvação para a humanidade. Com uma sorte desse tamanho, nem sei porque ainda gasta seu tempo pregando em transporte público. Eu estaria em Marte, por exemplo, comendo do bom e do melhor, curtindo meu ateísmo e fazendo algo mais útil que cultivar estresse nos outros."

Ele riu.

"Deus oferece rendição aos pecadores, minha menina!", berrou. "Um dia ele retornará sobre um cavalo branco e com cajado em punho declarará o Juízo Final! Converta-se e ele terá piedade!"

"Tenho algumas perguntas: cadê a procuração pra você

falar em nome desse tal Deus aí? Ele parcela o pagamento dos meus pecados? Qual a cor da pele dele?"

"Cuidado, garota! Os blasfemadores irão para o inferno."

"E o senhor realmente acha que eu tenho medo do inferno? Querido, com o seu tipo de pessoa no céu, eu quero é distância. E outra; ninguém nesse Ceará está mais ansioso que eu por esse armagedon!"

Começou então o sermão, tudo pautado em argumentos no seu livro sagrado. Indaguei algumas vezes algo como "Eu não acredito nessa fonte, foi tudo alterado", porém ele não calou a matraca um segundo sequer. Como dizer a alguém que não se pode convencer o amiguinho quando o único argumento se baseia num livro no qual ele não acredita? Se alguém souber, me avisa.

"Meu senhor, sabe dizer se no próximo sábado eu vou ter a noite livre?", o interrompi.

"Oi? Como assim?"

"Desculpa, mas é que achei que o senhor fosse meu mais novo secretário. Afinal de contas, só isso justifica toda essa preocupação com minha vida, com o que faço ou deixo de fazer!"

Ele suspirou com desdém.

"Esse mundo está perdido!"

"Com homens no Senado com os mesmos ideais que você, com certeza…"

"Não é à toa que cada dia mais os Satanistas querem ver os cristãos fora da política…"

"Querido, não são os satanistas. Ninguém quer ver no poder pessoas misturando política e religião. Vou soletrar; N-A-D-A. Ninguém!"

Outro sermão, mas dessa vez me dei ao luxo de revidar. Inflei o peito, retirei sua mão do meu ombro — ele ousou pela segunda vez! — e usei palavrões que eu sequer sabia que conhecia. Esculhambei sua vizinha, seu líder religioso e até sua sétima geração. Eu reconheço, pequei por excesso; a vizinha

não tem nada a ver com toda essa história. Mas como é de praxe, inocentes sempre pagam a conta.

Ofensa vai, ofensa vem, pararam o ônibus. Sem saber o que houve, ficamos imóveis observando alguns policiais mandarem todos descer para que os vândalos fossem expulsos, ou seja, eu e o bom samaritano de Tamburité. Descemos as escadas desconfiados, sem dizer um "piu". Nem preciso mencionar que tive que andar todo o trecho que faltava, né? Mas sem qualquer arrependimento, claro.

Durante a caminhada escrevi tal relato e refleti no quão somos parciais. Sabe, do rei intergaláctico ao médico de androides, todos temos um lado. Exceto os juristas; eles idolatram o Mito da Imparcialidade. ●

EQUIPE

DANTE LUIZ - Autoria e Ilustrações

Dante Luiz é um artista ilhéu que escreve de vez em quando. Ilustrou a capa e os contos da coletânea brasileira *Cantigas no Escuro*, e publicou vários quadrinhos em lugares da gringa, como *Wayward Sisters*, *Gothic Tales of Haunted Love* e *Dates vol. I e II*. Se quiser contatá-lo, é só dar um oi no Twitter: @dntlz.

H. PUEYO - Edição

H. Pueyo escreve ficção especulativa, roteiros para quadrinhos e traduz nas horas vagas. Não é muito de falar, mas seus contos podem ser lidos tanto em português quanto em inglês em revistas como *Trasgo* e *Mad Scientist Journal*, entre outras.

No capítulo anterior…

A saída de Mariza é um escândalo, e Karol começa a atiçar os outros a brigarem também. Jean e Elias não caem nas artimanhas da menina, mas Teófilo se irrita, e começa a instigá-la a contar sua própria história. O que fez Karol ser expulsa da escola?

*****

INGREDIENTE Nº4: O CHEQUE SEM FUNDO

Uma coisa estava clara: a garota era muito mais segura de si do que merecia ser. Ela olhou para ele e falou:

— Se você quer detalhes, eu vou dar detalhes. Então…

A história poderia ter sido contada por seu filho mais novo, ou talvez por um de seus vários sobrinhos. Tinha algo inerentemente anárquico a respeito daquela geração de adolescentes pós-militares, algo que Teófilo podia entender um pouco, já que o lembrava de sua própria juventude. Às vezes, acreditava que eles tinham sido programados para se comportar da pior forma possível, como se conseguissem entender as mudanças políticas dos últimos três anos e quisessem mostrar que eles também estavam descontentes.

Mas o fato é que eles não entendiam, e o continho barato dela era a prova final dessa ignorância profunda. Karolina falava de tratamento e notas desiguais em uma escola particular e professores tirânicos que mais pareciam generais. Ela olhou para Elias ao dizer isso, um detalhe que Teófilo não deixou passar. Todos os eufemismos e exageros dela poderiam ser resumidos em uma explicação simples: ela tirava notas ruins, e a prova de recuperação interferiria com o campeonato nacional, forçando-a a escolher entre ir à escola ou jogar vôlei.

Um dia, um coleguinha teve uma ideia brilhante, algo no seguinte estilo: “Ei, eu soube de uns caras mudando suas notas na sala dos professores. O professor Fulaninho vai nos ajudar”. Infelizmente para eles, o desespero adolescente fez com que um dedo-duro arruinasse o esquema.

Karolina não era capaz de ver isso. Ela não conseguia. Na verdade, a garota tinha teorias mirabolantes para explicar sua situação. Uma delas era a respeito de um dos excluídos, que sentava no fundo da sala e não aceitou a “ajuda” dos amigos e rodou de ano. Ela acreditava que esse menino teria se vingado do grupo quando notou que seria o único na turma a perder as férias de dezembro.

Teófilo ouviu todos os nomes que ela cuspia, os Pedros, as Márcias e as Dricas, mas a verdade é que ela e seus colegas eram tinham feito algo muito grave, e mereciam a punição. Especialmente o professor de matemática que tinha sido preso; Teófilo lembrava de ter lido algo sobre isso no jornal.

— E foi assim que eu vim parar aqui, pra descobrir quem fez isso comigo — Karolina finalizou sua explicação com um estalo da língua, como se não pudesse respirar depois de falar por dez minutos seguidos. — E quando eu descobrir, vou fazer eles engolirem tudo, e destruir tudo que eles amam como eles destruíram o vôlei pra mim. E nem vem de olhar assim pra mim, seu velho nojento. Vocês todos fariam a mesma coisa.

A menina olhou para Elias e Jean, que pareciam perturbados, ainda tentando absorver a história. Jean foi o primeiro a falar, estralando os braços.

— Olha, eu teria feito a mesma coisa se eu tivesse sua idade — ele disse, abrindo a boca mais do que era necessário. Elias fez uma expressão descontente, mas não disse nada. — O pior pra mim era Moral e Cívica. Nem sei se essa matéria ainda existe.

Karolina estava pronta para responder, talvez para listar todas as matérias que ela odiava. Teófilo achou que ela parecia o tipo de pessoa que amava Educação Física e Matemática, mas odiava Português e Religião, mas não deu tempo para ela continuar.

— Você deveria ter estudado mais — Teófilo disse, e a garota virou os olhos. — Isso teria ajudado em suas notas, ah, teria sim.

— Senhor Abreu — Elias ofereceu um sorriso preocupado. — O ensino médio é difícil para todo o mundo, nós sabemos disso. Às vezes, as coisas não são tão simples assim.

— É, é — Jean concordou, mudando de posição pela milésima vez. Karolina sorriu, achando que tinha vencido pelo voto da maioria, ao contrário dele. Isso que era democracia.
— Além do mais, nosso ensino é uma merda, é por isso que as crianças não querem estudar.

— Ah, mas eu discordo absolutamente! — Teófilo falou.
— Ela faz parte de uma parcela privilegiada dos jovens de nosso país, que tem acesso à educação de qualidade, o que, como vocês bem sabem, não era a realidade das últimas décadas.

— Aposto que você nem lembra de como era ter minha idade — Karolina bufou. — Larga do meu pé.

A garota se virou para a parede, mastigando o lábio inferior. Ela parecia tão nervosa que Teófilo estava começando a acreditar que ela poderia sentir culpa, afinal.

— Admitir que você errou é o primeiro passo para mudar.

— Não tem nada pra admitir! É culpa deles, não minha! — Karolina apertou a borracha amarela com a qual estava brincando nos últimos quinze minutos, fazendo um corte bem no meio do desenho. — Em vez de ficar falando toda essa besteira, por que você não nos diz por que você tá aqui? *Hein*? Só você que não disse nada ainda, velho chato!

Não, Teófilo quis dizer, *obrigado, mas não*. Três pares de olhos seguiram seus movimentos, nas cores preto, marrom e verde. Karolina sorriu, mas pareceu mais um animal selvagem tentando se defender do que um sorriso.

— Eu também tenho curiosidade — Elias murmurou para Jean.

— Todos nós temos — Karol encarou Teófilo. — Vai, tio. O que *você* fez de errado?

Teófilo respirou fundo. Era mais fácil falar com uma multidão do que com uma garota adolescente. *Ao menos o povo não me confronta.*

— Você deve se achar muito esperta falando assim, jovenzinha — Teófilo disse, ajustando os óculos de aviador. — Pois saiba que não tenho nada a esconder. Nunca em minha vida eu pensei em fazer algo imoral, ou cometer qualquer tipo de falsidade.

— Falou o político — Jean riu, e Teófilo sentiu-se sem ar. Eles não entenderiam suas dúvidas, não, não.

— Pois bem, eu…

— Se não tem culpa no cartório, desembucha! — Karolina instigou.

Mais uma vez, a sala de espera ficou em silêncio. Elias olhou para ele, e uma pequena ruga apareceu em sua testa pequena. Jean fez uma careta de deboche, e Teófilo quase conseguia ouvir seus

pensamentos: *Claro que esse aí fez alguma coisa*. E Karolina, aquela menina metida, manteve sua expressão orgulhosa, aparentemente esquecendo o pequeno instante de autoconsciência.

— Todos vocês devem conhecer meus projetos sociais — Teófilo começou, odiando o quão frágil sua voz estava soando. *Confiança*, ele pensou. *Você não fez nada de errado*. — Minha equipe e eu, bem, nós colocamos toda nessa alma nesses programas.

— E?

— Tenha paciência! — Teófilo grunhiu. *Respira, respira*. — Um desses projetos envolve atividades extracurriculares para estudantes de baixa renda. Nós conseguimos arrecadar dinheiro o suficiente para trabalhar com dez escolas no Distrito Federal, incluindo nas cidades satélites.

— O senhor parece bastante passional a respeito disso — Elias comentou, agora de forma suave.

— Sim, pois, bem. Sou mesmo — Teófilo estufou o peito. — É um dos meus maiores orgulhos como deputado. Não só estamos capacitando professores, como oferecemos material gratuito para crianças e adolescentes poderem aprender assuntos como arte, teatro… *Esporte*.

A última palavra estava direcionada a Karolina, que não respondeu. Ela olhava para a borracha amarela na palma de sua mão.

— Tá, tá, mas o que isso tem a ver com o chá? — Jean perguntou.

— Ah, isso — Teófilo molhou os lábios secos, agora diminuindo o tom de voz. — Vejam bem, o fato é que o projeto conseguiu mais dinheiro do que nós inicialmente planejamos, mas não o suficiente para incorporar uma nova escola. A próxima fase do projeto só vai vir à tona daqui a quatro anos.

— E?

— O salário de um deputado federal não é tão bom quanto as pessoas pensam. Tenho três filhos e uma esposa, sabem. Daqui a pouco vamos celebrar nosso aniversário de trinta anos, e meu filho mais velho acabou de me dar um netinho…

— Vá direto ao ponto, senhor deputado — Jean fez troça de um jeito que deixou Teófilo desconfortável. Ele sorria de lado, e o fazia parecer um jornalista desagradável em uma coletiva.

— Os fundos restantes serão congelados… E não é lá grandes coisas, esse fundo, acreditem em mim, não é nada faraônico… Se o chá disser que não é um problema…

Jean gargalhou, e o gaguejar de Teófilo virou puro terror.

— Isso é uma forma bonita de dizer que você quer roubar dinheiro do seu próprio projeto — ele disse, coçando a barbicha. — Nem *eu* faria isso.

— Não, não, não é isso! — Teófilo tremia tanto que ele nem conseguiu desabotoar a gola de sua camisa branca. — Eu nunca faria algo assim! Isso é só…

— Vamos e convenhamos, deputado. Você disse o que você disse. Você quer a grana pra uso pessoal, e ponto final.

Teófilo virou-se para Elias, cujos lábios pressionados mostravam sua opinião, e então para Karolina. Ele já esperava que a menina fosse rir e xingá-lo, mas ela estava séria.

— Não me acuse de um crime tão grave, eu não…

— Foi você que disse! Admite!

— De jeito nenhum, eu…

Karolina guardou a borracha no bolso da frente de sua mochila, e ficou de pé. Teófilo olhou para ela.

— Sabe — ela começou, mas só Teófilo estava prestando atenção. — Você não tem direito nenhum de me chamar de mentirosa, ou qualquer coisa do tipo, quando você faz esse tipo de coisa.

— Eu não faço! — Teófilo queria que eles compreendessem: não era roubo, ele tinha boas intenções.

— Faz sim! — Karolina não berrou dessa vez. Ela estava firme e assertiva, e Teófilo parou de falar, com a boca aberta. A mochila magenta estava pendurada no ombro dela, e seu cenho estava franzido. Mesmo que ela estivesse olhando em

sua direção, seus olhos estavam sem foco, como se visse mais alguém sentado naquela cadeira branca.

Elias e Jean trocaram olhares. Teófilo sabia que ele deveria responder, e colocar um ponto final nesse tipo de acusação absurda. Ele ia explicar o quanto sangue e suor tinha colocado nesse projeto, quantas crianças ele tinha ajudado, e…

Bzzzz.

— Cabine… Favor… Mi…

O som vinha do alto-falante. Quando Mariza fora chamada, o áudio estava normal, mas agora o saxofone estava distorcido e a voz não conseguia pronunciar o nome da próxima pessoa.

As mãos de Karolina estavam agarradas à mochila.

— Sabe o que mais, seu deputado? Você estava certo. É, eu fiz merda. Eu provavelmente mereço o que aconteceu — Karolina começou a andar até a escadaria, mas parou antes de ir embora. — Valeu pela lição. Agora eu sei que tipo de pessoa que eu não quero ser quando crescer, e esse tipo de pessoa é o senhor.

— Karol — Elias tentou chamá-la, talvez porque o alto-falante estava dizendo algo que parecia "…*rolina Moretti*…"

— Tchauzinho, Elias. Tchau, Jean. Foi legal conhecer vocês — Karolina acenou para os dois, e começou a descer as escadas.

Teófilo tocou no próprio peito, sentindo o volume discreto do talão de cheque escondido no bolso de dentro do paletó caqui.

— Nossa, ela amadureceu um monte em tipo, uma hora? — Jean disse, surpreso. — Bom pra ela. Agora, o deputado…

O alto-falante fez um barulho mais alto, até uma voz clara substituir as distorções, e o saxofone voltar à normalidade.

— A senhorita Karolina Moretti da Silva deveria ser a próxima, mas… — a voz pausou. A mulher por trás poderia ser locutora de rádio, considerando sua voz lenta e melodiosa. — Senhor Deputado Federal Teófilo Abreu, por favor, dirija-se à cabine número quatro.

Teófilo agradeceu internamente à locutora, contente de

ter uma desculpa para correr dali antes que o chamassem de covarde. Ficou de pé, e fez um gesto para eles.

— Ora pois, é minha vez — ele disse. — Se os senhores derem licença…

A porta de número quatro se abriu, e a última coisa que ouviu na sala foi Jean sussurrando:

— Lá vai ele, com o rabo entre as pernas…

A cabine era minúscula. Teófilo teve de se abaixar para conseguir chegar à maca. A luz fluorescente ofuscava seus olhos, e havia uma jarra que nem a da Grande Família perto de um copo de água barato.

— Epa — Teófilo murmurou, lendo as instruções. Já sabia a maior parte delas: um de seus colegas de trabalho era uma grande entusiasta do templo, e tinha assegurado Teófilo de que não fazia nenhuma decisão importante sem consultar o chá.

*Insira seu objeto pessoal na jarra de chá – não tenha nojo!!!

Teófilo tirou o talão do paletó, e separou um único cheque com muito cuidado. Escreveu seu nome, e a quantidade de cruzados envolvidos no projeto. Depois, enrolou o cheque em um cilindro, com cuidado para não amassá-lo.

Hora de se concentrar. *Serei punido por isso? Serei punido por isso? Serei punido por isso?* Ele mexeu no sentido horário e anti-horário com a mão esquerda, observando o papel se dissolver no líquido.

Lá vamos nós, Teófilo pensou, bebendo o conteúdo do copo. O líquido não tinha gosto de nada, mas cheirava a notas recém-impressas. O homem deitou, tentando focar nas instruções de seu colega. Seus membros começaram a relaxar, sua respiração estava estável, e sua alma parecia prestes a cair para fora do corpo, como se estivesse à beira de um cálido abismo.

“O templo fica bem em cima do centro dos cristais

subterrâneos de Brasília". Sim, sim, aquele era Natalino, oferecendo um panfleto branco. O colega olhava para o papel com entusiasmo, do jeito que ele lembrava. "Pode parecer loucura, mas mudou minha vida".

Teófilo viu a si mesmo, vestido um terno bege e sorrindo.

"Pois sabe que eu sou muito supersticioso? Coisa de aquariano."

A luz violeta deixava as imagens diferentes, e sua cabeça girava com tudo aquilo. Natalino desapareceu. Ele estava sozinho no carro, dobrando outro cheque. O dinheiro era dele, ele sabia, e nada tinha acontecido.

Quando chegou em casa, não era mais aquela casa simples no Lago Sul, mas um duplex com piscina. A sala de estar estava ajeitada com uma decoração modernista muito bonita, bem do jeito que ele gostava. Teófilo — não ele, o do futuro — estava sentado no sofá, com a camisa desabotoada e sua esposa beijando seu pescoço.

— Mal posso esperar pra voltar pra Miami — Susana falou. Ele assistia uma partida de futebol em uma TV enorme. Na maca, Teófilo se perguntou se existiam telas tão grandes assim fora do cinema, porque essa era, definitivamente, maior do que qualquer televisão que ele já tinha visto. — Ano que vem, nós podíamos…

Teófilo rangeu os dentes. O cenário estava mudando rápido demais, e ele não conseguia mais acompanhar tudo. Um dos filhos dele tinha se mudado para a Europa. Era isso? A filha trabalhava com ele, e ele estava tão feliz, tão satisfeito…

Espera um pouco. Teófilo ficou tenso, assistindo os anos passarem. Sua filha estava linda no vestido de casamento, cercada de flores douradas. *Esse dinheiro, eu peguei o dinheiro do projeto…*

— Projeto? Que projeto? — Outro Teófilo, um mais velho que ele, falava como se os dois fossem pessoas diferentes. *Eu fiz cirurgia plástica?* — Vamos lá, homem, venha mais rápido que a Susana está nos chamando…

INGREDIENTE Nº5: UMA OUTRA FOTO

— Somos só nós dois agora — Elias disse. O cabelo castanho caía sobre seu nariz, cobrindo seus olhos, e Jean não conseguiu evitar um sorriso.

— Pois é — Jean estralou o pescoço, focando na luz. Tinha que fazer esforço para não olhar demais para Elias, ou poderia incomodá-lo. — Se você estava planejando me matar, agora é a hora.

— Tem câmeras aqui — Elias riu, lembrando Jean do primeiro encontro dos dois. — Não posso fazer isso.

Ok, "encontro" não era a melhor palavra para aquele dia, Jean sabia disso. Tinha sido a primeira conversa, o primeiro beijo, a primeira transa, o primeiro tudo. A memória ainda estava vívida em sua cabeça. Ele sabia que Elias trabalhava no mesmo andar que ele, e eles tinham até trocado um "oi" e "tchau", mas nada de mais. Jean tomou atitude depois de uma conferência sobre um novo modelo de celular, aproveitando que os dois compartilhavam as mesmas opiniões intensas sobre antenas e o tamanho do modelo. Já estava tarde, e ficaram empolgados para continuar conversando, não apenas sobre trabalho, mas sobre qualquer coisa, e Elias convidou Jean para irem a uma lanchonete.

Ele é *bonitinho*, Jean pensou, tanto no templo quanto no primeiro dia. Lembrava até que refrigerante tinha tomado, e do jeito que os cantos da boca de Elias se mexiam quando ele sorria olhando para ele.

"A gente podia ir pra outro lugar", Elias tinha dito, apontando para a porta com o queixo. Seu pé tocou na perna de Jean debaixo da mesa, e Jean olhou para os lados, para ver se alguém tinha percebido. *Ele tá dando bola pra mim, mesmo?*

"Pra onde você quiser," Jean falou, um pouco tenso. Havia famílias na lanchonete, e ele tinha ficado um pouco paranoico com a ideia de alguém reagir mal.

Passaram o resto da noite dentro do carro de Jean, estacionado perto do parque Sarah Kubitschek. Ninguém viu

os dois lá, e não deu tempo de continuarem a conversa quando Elias tirou a própria camisa e sentou no colo de Jean no banco da frente.

Depois disso, começaram a se ver com mais frequência. Sair virou namorar, e depois se mudar, e depois Jean acabou com tudo porque ele não conseguia calar sua maldita boca. Demorou um mês para entender que suas escolhas profissionais não valiam a pena, nem valiam cada dia que tinha acordado sozinho na cama de casal.

"Não é que eu não ame mais você". As palavras que vieram depois da gritaria ainda o assombravam, acompanhadas do olhar de desespero no rosto de Elias. "Mas nós não acreditamos nas mesmas coisas".

Dizer que tinha sido imaturo era um eufemismo grosseiro. Dava para entender por que Elias achava que ele era um caso perdido; Jean tinha dito coisas terríveis, e ele se arrependia de tudo. "Sabe, Elias", ele quase conseguia se ouvir dizendo. "Não só você está preso no passado, como você também ficou preso no trabalho. É por isso que sua vida nunca vai pra lugar nenhum".

Eu mereço os insultos, Jean pensou, dobrando as mangas de sua camisa. Elias olhava para a foto de sua mãe, levantando um pouco a alça da sacola para traçar o rosto dela com o dedo.

— Eu realmente sinto muito pelo jeito que me comportei nos últimos meses — Jean falou, e Elias ergueu o rosto, surpreso. — Eu não quero passar o resto da vida brigando com você. As coisas que eu disse…

— Eu entendo — Elias fechou a sacola de novo. — Eu também passei do limite.

— Sobre o chá…

— Jean, tá tudo bem. Se você quer crescer na empresa, eu fico feliz por você — Elias parecia cansado, mas não tinha sinais de irritação. — Eu só peço para você fazer as coisas do jeito certo, sem pisar em ninguém.

Jean queria dizer que não, que ele não queria ser chefe de coisa nenhuma, mas a porta de número quatro se abriu e

Teófilo voltou à sala, com a peruca desarrumada.

— Senhor Abreu? — Elias perguntou, mas o deputado não disse nada. Teófilo segurava seu paletó, e gotas grossas de suor molhavam seu rosto.

— E aí, deputado, funcionou? — Jean tentou também. Teófilo olhou para eles.

— De certa maneira, sim… — Não do jeito que ele queria que funcionasse, aparentemente, já que ele tropeçou no caminho das escadas, e teve que se agarrar ao corrimão.

— Boa tarde, senhores — Teófilo murmurou, mas antes de ir embora, passou seu cartão para Elias. — Você pode ligar para mim e passar o nome de sua mãe. Vou tentar achar o que puder a respeito ela.

O deputado foi embora, e os dois ficaram sozinhos mais uma vez. A porta de número quatro se fechou, e o saxofone voltou a tocar pelos alto-falantes.

— Eu me pergunto como eles conseguem fazer isso — Elias suspirou. — Quer dizer, é estranho, não é? Saber nossos nomes, as cadeiras da cor dos folhetos, as portas…

— Brasília é uma cidade mística — Jean respondeu, mas também não estava entendendo nada.

Elias sorriu.

— Se você tivesse me dito que, em algum momento, eu faria perguntas pessoais para pedras debaixo da terra, eu nunca mais teria olhado na sua cara.

— E ainda assim você veio — Jean deu de ombros. — Tem coisa que é melhor não saber a resposta.

Jean estava pensando nas cadeiras e nos panfletos, mas a voz de Elias tinha ficado fria:

— Eu *preciso* saber, Jean.

— Não foi isso que eu quis… — Jean pensou em brincar sobre os cristais, mas a expressão de Elias fez ele mudar de ideia. — Elias…

— Não começa.

Jean tocou na mão de Elias, primeiro para ver se ele aceitaria o toque. Ao ver que ele não reagiu, segurou a mão menor que a sua com força.

— Olha pra mim — Jean falou, e ele sentiu os dedos finos de Elias entrelaçados aos seus. Demorou, mas Elias virou para ele, olhando em seus olhos. — Você sabe o que aconteceu com ela. Você não sabe os detalhes, mas você *quer* saber? Se o chá faz milagre que nem as pessoas dizem que faz, por que você não se pergunta o seguinte: você acha que ela teria gostado que você visse o que aconteceu? Você quer lembrar dela do jeito que ela era, ou você quer lembrar do que foi feito com ela?

Os olhos de Elias lacrimejaram sob as luzes, mas as lágrimas nunca caíram. Jean sabia que tinha sido duro, mas prometeu a si mesmo que não seria mais gráfico do que isso. Elias não era uma criança, e sabia muito bem que tipo de atrocidade ele estava falando. Ele não precisava citar crimes.

Elias cobriu o rosto com a mão livre, e aceitou o abraço de Jean.

— Ela teria gostado de você — ele falou, a voz baixa sob os braços compridos de Jean. — Eu tenho certeza disso.

— Eu teria gostado dela também — Jean respondeu antes de soltá-lo. Elias sorriu um pouco, e levantou.

— Tá — ele disse, agarrado à sacola de plástico. Elias foi até a escada, e olhou para ele. — Nos vemos na segunda?

Jean sorriu, concordando.

— Nos vemos sim.

— *Como amigos* — Elias esclareceu, falando a última palavra mais alto, mas correu para dar um beijo na bochecha de Jean antes de ir embora. — Por enquanto.

O saxofone continuou tocando ao fundo enquanto Elias descia as escadas, e Jean permaneceu na mesma posição com um riso bobo na cara. O alto-falante voltou a falar assim que ele ficou completamente sozinho:

— Senhor Jean Fernandes de Oliveira, por favor, dirija-se à cabine número cinco.

Jean tocou na própria bochecha, ainda sentindo o beijo rápido ali, e foi até a porta verde. As luzes iluminaram a cabine.

Minha vez, ele pensou, lendo as instruções várias vezes para não errar. Ele abriu a maleta, e pegou a foto guardada em sua carteira, perto do cartão de crédito. O rosto desbotado de Elias sorria para ele, sem saber que seria colocado dentro da jarra de abacaxi.

Elias, Jean pensou, mexendo o chá, *Elias, Elias*. Primeiro no sentido horário, depois anti-horário, sempre com a mão esquerda. Ele colocou o líquido no copo de requeijão, sentou na maca, e tomou tudo de uma vez, focando em sua única pergunta: *Quanto tempo é "por enquanto"?*

Isabela bateu a porta atrás de si, os dedos tremendo enquanto buscavam a fechadura. Suor escorria por todo o corpo e as mãos deslizaram no metal frio da chave, sem conseguir girá-la com firmeza para trancar a porta.

As pernas e os braços também tremiam, como se estivessem sofrendo com pequenos espasmos ocasionados por um choque intenso. O tornozelo direito gritava de dor, incapaz de sustentar o corpo ferido por muito mais tempo. Ela se jogou no chão de terra úmida com um gemido quase inaudível, a mão ainda agarrada à maçaneta destrancada.

E, então, ele uivou.

Longo, agudo, o uivo parecia um grito desesperado e cheio de dor, como se todas as entranhas fossem arrancadas do corpo, pouco a pouco, e expostas ao ar frio sob a lua.

O som penetrou fundo na alma da garota, que começou a chorar — não de pena, mas de medo. O coração batia acelerado, roubando o fôlego que ainda tinha, e toda a força em seu corpo se esvaiu. A mão que mantinha a maçaneta firme caiu mole ao lado da cintura e a porta se abriu, revelando Isabela ao resto do mundo.

Agora não havia mais nada que a separasse do monstro.

Ele estava vindo.

Sangue… Sangue! Fome, morte… Vou estraçalhar você!

Isabela ouviu de longe os passos descompassados do lobo. Quatro patas no chão, uma de cada vez, se embolando apressadas, mas cada vez mais fortes. Cada vez mais perto. E Isabela o viu.

Era a primeira vez que olhava para ele depois da transformação. Ele estava ali, parado, a poucos metros, mas ainda sem conseguir enxergá-la. De seus olhos brotava sangue, feridas frescas por causa das mudanças recentes. E urrava

— um som que poderia alcançar cidades a quilômetros de distância; o que não fazia diferença, pois estavam sozinhos e ninguém apareceria ali para salvá-la. Para salvá-los.

As patas do lobo estavam retorcidas, tentando se acostumar ao novo corpo, e ele tinha dificuldade em se manter de pé. O tronco crescera até ficar com quase o triplo do tamanho e os músculos saltavam sob a pele, que agora estava coberta de pelos castanhos, gordurosos e emaranhados. As garras longas, fincadas na terra mole ao lado dos estábulos, estavam sujas de vermelho e da boca ferida pingava sangue.

E logo à frente dele, caída à porta da cabine de ferramentas, estava Isabela.

Imóvel.

Sem saída.

Ela olhou para o lobo, a respiração presa na garganta. Pouco tempo antes o corpo todo tremia, mas agora ela não conseguia nem mesmo piscar. Lágrimas escorriam pelo rosto e os olhos estavam vidrados no monstro.

Ele uivou de novo e Isabela finalmente piscou.

Seu coração voltou a bater e ela percebeu que precisava escapar se não quisesse morrer. Respirou e se concentrou. Inspirou, prendeu a respiração e levou a mão novamente à maçaneta, da forma mais silenciosa que podia.

Os dedos agarraram a maçaneta com toda a força que ainda tinham, mas antes que fizesse outro movimento, o lobo virou o focinho em sua direção. Isabela estacou e olhou para ele, o ar ainda preso nos pulmões e o rosto rígido, tentando não chorar.

Os olhos do monstro ainda estavam feridos, mas já começavam a se abrir. Ele fungou e parou de lutar contra o próprio corpo. Sangue pingou no chão quando arreganhou os dentes e começou a farejar.

Morte! Morte! Morte! Sangue! Morte a todos! Vou estraçalhar tudo!

Ele virou a cabeça para todos os lados, mas ainda não podia vê-la ou senti-la. O lobo sabia que ela estava ali, mas não conseguia encontrá-la.

A jovem olhou para baixo, para as roupas imundas. *Nunca imaginei que diria isso, mas ainda bem que caí na merda de cavalo.*

Isabela percebeu que tinha uma pequena chance agora que o lobo estava inseguro. Talvez conseguisse passar por essa brecha enquanto ele não conseguisse sentir seu cheiro — poderia correr até o caminhão, que estava a poucos metros, e escapar. Ele não vai me pegar. Nenhum lobo é tão rápido quanto um carro.

Ela respirou fundo mais uma vez. Sabia que não teria outra oportunidade, então segurou firme na maçaneta para se apoiar e se concentrou para levantar e correr, sem olhar para trás.

Só que Isabela se esqueceu do tornozelo machucado.

Assim que firmou o pé no chão, sentiu a dor se espalhar por todo o corpo, perfurar seus músculos, se embolar na garganta, queimar sua boca e explodir em um grito choroso.

O lobo virou a cabeça para ela, os olhos manchados de sangue — e completamente abertos. Ele podia vê-la.

Achei! Achei sangue, achei morte! Vou pegar você! Vou te estraçalhar toda! Você é minha e vou te devorar!

O monstro rosnou e uivou, depois deu um salto em direção à garota, ávido para matar. As longas garras buscavam a carne de Isabela, prontas para estraçalhar.

E, então, ele parou.

O focinho dele estava a centímetros do nariz dela. A baba pingava das presas, se misturando à merda na roupa da jovem. O hálito de morte batia no rosto de Isabela, mas ela só conseguia prestar atenção em uma coisa: nos olhos do monstro.

Não eram mais olhos de lobo. Não eram mais olhos de um assassino. Eram os olhos do homem que um dia fora seu irmão, e tudo que ela conseguia ver ali dentro era medo e dor.

Eu… Ele não vai te matar, irmã… Não vou deixar! Não! Foge, irmã! Foge… Fo… Me… Me ajuda, irmã… Por favor… Me ajuda.

Ela levou a mão ao rosto do monstro — ao rosto do irmão. Acariciou o pelo e enxugou uma lágrima que havia se perdido ali. Ela também chorava, mas sabia que não poderia mais fugir. Não poderia abandoná-lo ali. Ele estava sozinho.

Isabela levantou o rosto mais uma vez para dizer ao irmão que iria ficar tudo bem, mas não eram mais os olhos do irmão; eram os olhos do lobo. E ela estava perto demais. ●

EQUIPE

ANA RÜSCHE - Autoria

São Paulo, 1979. Publicou livros de poesia, sendo o último *Furiosa*, edição comemorativa de autora de 2016, traduzida ao inglês com seleção de Maíra Mendes Galvão como *Furiosa — a nautical chart and its monters*, lançada em Nova York em 2017. Em prosa, seu último é a novela *Do amor — o dia em que Rimbaud decidiu vender armas* (Editora Quelônio, 2018). É doutora pela Universidade de São Paulo (FFLCH-USP) com a tese *"Utopia, feminismo e resignação em The Left Hand of Darkness e The Handmaid's Tale"*, obras de Ursula Le Guin e Margaret Atwood. Pesquisa ficção científica e fantasia.

NESSA GUEDES - Edição

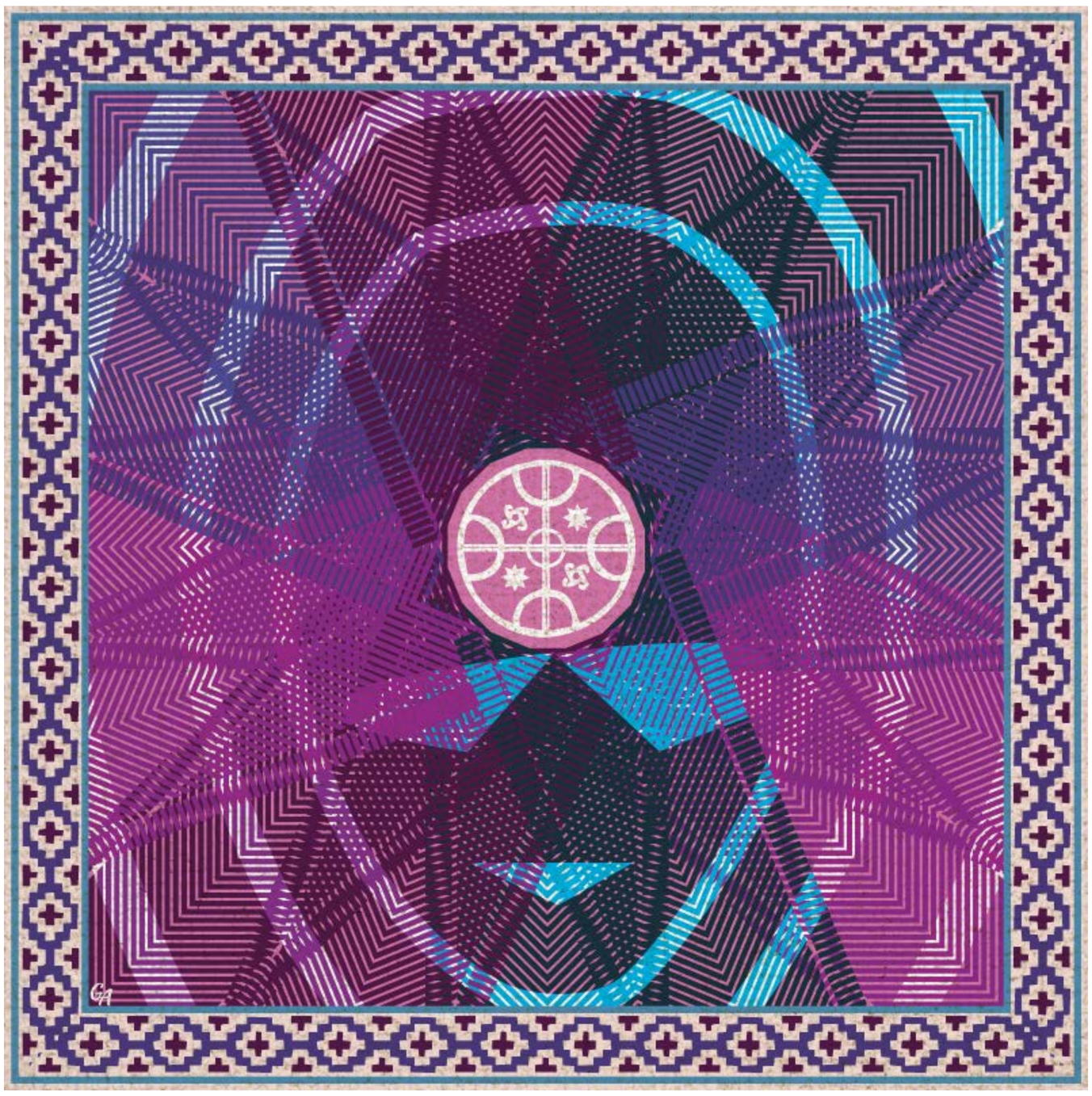
Porto Alegre, 1990. Habita um país da Escandinávia, de onde cria a mistura da mula sem cabeça com os *vittror*. Também escreve códigos e programa uns robôs. Editora da única edição de *sci-fi*, com temática de tecnoxamanismo, do Zine Regador e escritora de horror. Participou de algumas antologias de contos, como o Ninho de Serpentes.

GEORGE AMARAL - Ilustrações

São Paulo, 1982. Escritor, ilustrador e designer gráfico. Publicitário e Mestre em Teoria Literária pela Universidade de São Paulo — USP, Especialista em Roteiro Audiovisual pela PUC-SP e Designer Gráfico formado pela Escola Panamericana de Arte. É fundador do Gonf Studio de Arte e membro do conselho editorial da *Revista Fantástika 451*. Já publicou treze livros como ilustrador, no Brasil, EUA e Noruega, além de contos e histórias em quadrinhos. Pesquisa as possibilidades de reflexão crítica proporcionadas pelo estranhamento inerente às narrativas fantásticas.

A DESCONEXÃO TELEPÁTICA E SEUS ABALOS SÍSMICOS

FINAL



No capítulo anterior…

Carol experimenta o Chá pela primeira vez. Descobre que consegue curar por meio do contato telepático uma crise de cervicalgia de Lucía. Paco monta um *hackerspace* no próprio apartamento em Santiago. Trabalha num protótipo para utilizar o Chá para se conectar à internet. Trata-se de uma corrida tecnológica contra Bill, William Fredrick Dogde, norte-americano que roubou o segredo da escola Sembrar. As professoras da escola Sembrar enviam um alerta visionário: embora Paco vá ser bem-sucedido, ocorrerá uma catástrofe e Dogde conseguirá registrar a patente. Paco não se intimida: convida mais de 300 pessoas para tomar o Chá simultaneamente e experimentar a nova tecnologia. Na data fatídica, Carol e Lucía unem-se telepaticamente para impedir Paco e evitar que catástrofes aconteçam. *****

14. TERREMOTO

Comigo é um rosnado, Carol achatou-se, encolheu-se. A visão diminui, embora adivinhe todos os cheiros e ruídos da Sembrar. Por aqui passou um rato. Por ali, guardam os salames. Este é um pio de mocho. A noite suave forma-se em ruídos verdes, Carol adentra o escuro transmutada num bicho. Uma cadela?

A carioca escuta então um chamado inconfundível.

Minha neta!

Sem se virar, escuta uma vez mais.

Menininha do meu coração.

Carol pasma reconhece a voz fraca. Trêmula de saudades. A avó. Tudo que deseja neste mundo é seu colo, cafunés, esquecer-se. A idosa planta-se nos campos, que se transmutam em um quintal de terra, mangas no chão a apodrecer, um balanço improvisado. Com o semblante tranquilo, desfila com seu vestido estampado, chinelas de pedrinhas, cabelos brancos e bem-cortados, a pele negra e olhos marejados. As mãos procuram um enlace.

Surpreende-se com um rosnado vindo de seu próprio corpo:

Não, pare, esta é a minha…

Estaca. A avó estende-lhe mãos plenas de carinho. Carol-bicho paralisa. Algo tine fundo. Na cabeça da jovem, surge a fórmula esganiçada.

Mente na minha mente.

A avó desaparece. O quintal com a mangueira, o balanço. A noite ventosa a agride na sua secura. A raiva da perda a sacode, Carol uiva toda uma vida sem a avó.

Lucía está próxima, caminha em uma forma não-humana. Rosna baixo à entrada do galpão, mais escura que a noite. A entrada, ponto em que a luz da lua é absorvida.

Permitindo o fluxo, Carol-Lucía percebem-se rastejando. Adivinham cheiros de mofo, madeira decomposta, esterco, uma pungência de álcool. Cheiro de medo. Arrepiam o dorso, abaixam

a cabeça, mandíbula à mostra, ataque pronto. Avançam com a barriga no solo gelado.

Um susto! Uma bolha de ar estourou dentro de um dos fermentadores.

Rosnar ininterrupto. Rodeiam prateleiras e prateleiras. Corredores com frascos. De onde vinha aquela sensação? Sabem pelo faro e audição o que está à frente em escuro. Caninos à mostra entre gengivas trêmulas de cautela.

A cena que decifram é impossível de narrar.

O cheiro marcado de suor é dos mais ácidos, leite estragado, medo que fermentou. Não há ruídos de pulsação ou no estômago. Ocupando uma faixa larga no chão, um homem de proporções. Um largo dorso nu de pelos claros, pernas vestidas em uma calça jeans com cinto afivelado. O cheiro dos sapatos é de couro. De sua cabeça, brotam cabelos claros disformes. Parece desacordado.

Carol-Lucía decifra, *está fora de combate*.

Farejam um pouco. Eis que surge:

Olá, amiguinha.

Paco é o cheiro de estábulo e madeira envelhecida. Latidos quebram o silêncio latindo furiosamente. O corpo magro demais é desequilibrado pela cabeça de touro gigantesca e fogo por todo o corpo. O andar vacila em faíscas e se ri um pouco.

O que você fez, Paco? Você o matou?, inquire Carol-Lucía em uníssono.

A vingança é como cheesecake, *amiguinha: um prato que se come frio.*

Paco não impede o fluxo. Convidativo, esbanja as velhas cenas: a fogueira, Bill enfeitiça Paco, Bill rejeita Paco, Bill o rejeita com as duas mãos, *saia daqui*. Uivos acendem em protesto.

Agora, Carol, você vai ouvir toda a minha história. Vou te contar em detalhes, até você entender meus motivos. Tudo o que você queria saber. Afinal, não foi por isso que ficou tanto tempo no Chile?

Paco incendeia-se inteiro, da cabeça de touro dois olhos cor de fogo projetam.

Você pode me chamar de Paco. Um dia, sem muito dinheiro no bolso, quis sair, explodir o mundo e terminei aqui. No banheiro de uma escola agrícola, um nada no interior do país. São 2h da manhã e não tenho um pingo de sono, o banheiro está um gelo da porra, mas é onde posso ficar fritando sem acordar ninguém. Vida de alojamento, disciplina de escola. Nem reclamo, no banheiro tenho espaço para caminhar em círculos, quase um vestiário, armários de lata, bancos, pias largas e lascadas. O basculante acumula uns sete séculos de pinturas, nem abre nem fecha. "A telepatia é chilena."

Impossível parar o fluxo de palavras. A fúria de Paco segue vívida. Nas chamas, Carol-Lucía enxergam então um garoto moreno e franzino que queima uma das únicas fotografias que restou da mãe:

Desculpa, não suporto essa porra de meditar, como você aguenta? Na minha cabeça queimam umas sete mil coisas por segundo.

Mais imagens, palavras, queixas:

O peso no peito. Me comprime, amassa a caixa torácica. Tento gritar e nada sai. Nada se move. Pernas não obedecem. Minha boca é um sonho distante aberto na grama. Fecho os olhos, nada melhora.

A fotografia da mãe não existe mais. O garoto é um homem feito. Os cabelos lisos pegam fogo. Carol-Lucía implora:

Paco, por favor, pare!

Nada adianta, das chamas se ouve clara a denúncia:

Você, brasileirinha, agora não sai aqui de casa. Fica horas anotando coisas com o Jorge. Com a Lucía então, enlouqueceu. Podia dizer que vocês duas quase compartilham, às vezes, a mesma mente, o mesmo corpo. Você ia passar sua última noite, depois decidiu ficar uma semana a mais, mas já está na terceira. Não acredito que você que conseguiu vender umas massagens, convenceu aquele povo do hostel. Você está praticamente ganhando dinheiro na porra de Santiago. Jorge disse que é o jeitinho brasileiro. Inferno.

O monólogo esmaga-as, palavras envoltas em fogo, escuros, fala, fala, fala, até não saber mais e estacar:

Vocês duas se aprimoraram demais juntas, encontros de visões externas e internas, balanceando o peso nos ossos. Ao meditarem, o cosmos se derrama, notas do concerto estelar, a vida plena. Entre vocês e eu há uma vidraça. Consigo enxergar, mas não entrar ali.

Paco é fogo, é fogueira, é escuridão, pulsa.

De súbito, um embrulho no estômago. Perigo! Carol demora um instante até entender o que se passa. Lucía sabia mesmo antes de se iniciar.

Terremoto.

15. UMA CASA SE AMARRA PELO TETO

Terremoto. A pilastra parece mole manteiga. Fermentadores, latas, tudo se choca pelo chão forrado de palha. Paco é fagulhas e perigo, tomba. O tremor para por um instante. Carol é tontura. Lucía está melhor e ladra, *vem*!

Num ímpeto, procuram uma brecha de ar fresco, farejam o ar pesado do galpão, agarram o fio de brisa e correm em busca da porta, do descampado. Agarram a pista fresca e disparam por prateleiras, latas e poças.

Com alívio, alcançam a grama.

A terra volta a balançar, o ar parece mover-se. Uma bola de fogo sai do galpão em direção ao campo. Carol desfaz-se de Lucía e rola pela grama alta. Soluça.

Nisso, uma corrente de água é audível. Carol aguarda tensa, em sonhos acordados escutara esta água antes. Reconhece o presságio em algum lugar das fibras musculares.

Lucía transmuta-se. Ressurge como mulher madura de traços austeros. Impressionada, Carol simplesmente sabe: a chilena não é somente ela!

Então, a outra é María, é Constanza, é Soledad. Não a acode ou se mostra surpresa. Como se muitas mulheres

estivessem vindo para compartilhar a mente, para a acudir nesta hora de perigo.

Lucía, roga Carol à escuridão, *é você? Por favor*!

Do outro lado, a amiga não esboça feição de reconhecimento ou felicidade.

Uma casa se amarra pelo teto, recorda, seca.

Lucía?

Não há o que fazer. A casa de Paco não suportou. Acrescenta sem alterações no timbre de voz.

Paco… mo-morreu?

Não, mudado. Acordará em outro lugar.

Carol não compreende e aquiesce. Torna a perguntar:

E o outro? O gringo?

Ocorreu um terremoto em São Francisco. Foi o que sentimos. Guillermo só queria conferir se Paco conseguiria efetuar a desconexão com sucesso e nos trouxe o terremoto. Sempre se beneficiou o Guillermo: foi alimentando o rapaz para construir um campo de provas, enviou instrumentos, patrocinou compras. Nunca pudemos impedir. Está feito.

Carol enxerga então pelos olhos da Lucía-outras. Tudo agora é cristalino. A desconexão, enfim, é um fato: a internet foi utilizada em conjunto com a telepatia. A praga é parte do ciclo. A humanidade se alterará e seguirá a mesma. A Escola resistirá. Haverá um plantio. Haverá futuros.

E você, como permitiu isso?

Carol ia esbravejar contra aquela interlocutora, embora pareça que aquela mulher estranha no corpo de Lucía nem mesmo sinta.

Cansaço nos ossos.

A outra projeta imagens, um terremoto outro, uma perda e a juventude, uma casa e tanta gente, tanta gente querida, colheitas, pragas severas, recorda-se das águas do riacho que murmura e lava memórias ruins corredeira abaixo.

Uma casa se amarra pelo teto.

Lucía assombra-se ao escutar sua própria voz. Em um estalo, como se tivesse voltado a si, apalpa as pernas.

Carol lhe estende as mãos e telepatia:
Lucía, você está bem?
Oh, Carol, eu… sim, acho que sim.
Abraçam-se trêmulas.
Vem!
Carol faz a postura da montanha.

Lucía faz a postura da montanha.

As duas apontam a um sol nascente naquele lugar que não existe até terem certeza de que a terra não tremerá mais.

16. FIO D'ÁGUA

Por milênios, um riacho rasgou uma fenda para correr bem rente à terra. De onde se posta, a velha professora logra observar a cascata de prata, escutar o gargalhar das águas nas pedras. María sente-se bem.

Cansaço nos ossos. *Nesta vida, nunca mais descansarei de verdade, insisto em virar uma árvore logo*, filosofa.

Os últimos tempos exauriram-lhe as forças. O coração fraquinho. Ninguém, nem ela mesma, iria acusá-la de não ter feito tudo à mão para salvar a escola. Dentro do possível nas catástrofes, muito foi salvo.

Minha tarefa agora está completa, agradece.

Aquilo tudo entre Guillermo e Paco tinha sido *tan aburrido*. No último século, as maestras forneceram as leveduras a toda pesquisa que as solicitasse e lhes parecesse razoável. María mesma chegou a conhecer o velho José Rhine, botânico que chegou a usar uns testes bestas para comprovar habilidades telepáticas nos Estados Unidos. María sente ternura. Apesar das distâncias, Rhine fora um aliado, amigo da Escola.

María lê o futuro sempre: do que Paco descobriu, Guillermo iria se beneficiar. O nome escrito nas enciclopédias não será de um *sudaca*. A desconexão, telepatia e internet.

Para que tanta vã valentia?, exaspera-se.

Cerra os olhos. Pressente num arrepio, será em breve.

Que estúpidos. Se quisessem, havia tanto ainda a aprender.

O coração é um fio d'água que corre fininho, míngua.

Dá de ombros. O riacho parece concordar. Não é mais um problema dela. Lucía e outras estariam ali para consertar o mundo sem conserto.

Queria só descansar um pouquinho agora. Cerra os olhos.

María aceita o infarto. O traspasso crava uma navalha por todo o seu sangue, navalha de água que corta milênios de pedra para formar um rio subterrâneo. A dor escurece-lhe tudo em uma caverna submersa.

Em um último raio, fagulha. Será muito bom não dizer mais que me chamo María. Uma árvore, sabedoria que prescinde de nome.

17. DESPEDIDAS

A brasileira acaricia o gato caramelo que se esfrega em suas pernas.

— Agora você nos cumprimenta, né? — exclama, em português.

Lucía não compreende as palavras e sim o gesto. Esboça um sorriso a Carol, solta a imensa cabeleira lisa e escura. Com cuidado, chama Fellini com a mão cheia de anéis. A fome alterou a timidez do gato com visitas.

— *Dulcito de leche* — ronrona a chilena e acolhe o bichano.

A presença do gato anuncia o final da faxina. Carol, Jorge e Lucía limparam e reviraram o apartamento de Paco durante horas. Aspirador, pano úmido, sacos de lixo, jogar a areia do gato fora. A camiseta branca de Jorge encardiu, os óculos estão tortos no nariz. Lucía apresenta o rosto inchado com pálpebras arroxeadas de choro. Durante a faxina, chorou mais uma vez a morte de sua professora mais querida: María fora velada e enterrada ontem na Escola Sembrar. Carol gostaria de ajudar mais e não sabe como.

Carol fita o céu do outro lado da janela. Lá fora, um avião larga um risco no azul.

Se alguém lhe contasse nunca iria acreditar:

Aconteceu há três dias. No dia seguinte ao que fizeram o experimento em Santiago do Chile. William Fredrick Dogde anuncia que logrou utilizar o Chá associado à internet, criando um "sistema de desconexão". A técnica envolve associar o Chá com um percentual menor de RX-OH ao clonazepam e outros psicotrópicos para estabilizar e ampliar a capacidade de telepatia de cada indivíduo. A descoberta foi propagada com discrição em cadernos sobre ciência. Jornais apontam a provável patente de RX-OH ao Grupo Eva.

A falta de manchete para o feito deve-se à catástrofe na costa oeste dos Estados Unidos. São Francisco foi destroçada pelo terremoto de magnitude 7.3 que assolou a região na mesma data. Calcula-se 900 pessoas mortas e mais de 200 mil desabrigadas. Arquitetura antiterremoto, preparo em rotas de fuga e bombeiros heroicos preveniram mais vítimas.

A cidade é sede dos laboratórios do grupo Eva. Grupos religiosos acusavam Dogde de provocar o terremoto e exigiam o banimento da substância.

No apartamento de tapete verde, resta um cheiro de madeira.

A experiência do terremoto em São Francisco foi sentida por todas as 314 pessoas que estavam naquela teia na América do Sul. Mesmo não estando em carne e osso no hemisfério norte, o abalo fora significativo à rede telepática. Vômitos e quedas ocorreram durante o transe. Uma garota argentina cortou o braço por ter se desequilibrado próxima a uma mesa com tampo de vidro — foi necessário ir ao pronto-socorro e levar muitos pontos. Dois chilenos estiveram desacordados por mais de 20 horas.

Paco desceu as escadas de seu prédio durante o transe e não retornou.

Sumiu.

Na internet, há várias teorias. Registra-se, inclusive, que

foi ele quem uniu primeiro a telepatia à internet e lhe atribuem a criação da "desconexão". Chamam-no de herói, de Matapaco.

Depois desses quatro dias de notícias funestas e buscas infrutíferas, Jorge e Lucía decidiram enfim fazer uma faxina no apartamento e o deixar no melhor estado possível para quando Paco retornasse. Jorge acha que irá retornar em breve. Lucía não responde. Pensa nas próprias fugas quando adolescente. Concordaram que Fellini passará uma temporada na casa de Jorge com os vasos de violeta de Paco. As plantas maiores ficarão com Lucía.

Carol retorna hoje ao Brasil. As malas estão feitas, a garganta cheia de nós. Observa o risco do avião se desfazer em nuvens no céu firme.

Fita Jorge imundo. O homem alto e barbudo retribui o olhar da amiga de partida com seu sorriso meigo, ajeita os óculos. Sem pedir licença, Carol afoga-se em um abraço na camiseta branca. Jorge a embala por alguns minutos e, mesmo com as mãos grossas de faxinar, acaricia os cabelos curtos anelados até a miúda parar de fungar.

— Maria Carolina Leonel — pronuncia com seu timbre de barítono.

— De Souza! — acrescenta Carol com a cabeça escondida no tórax largo.

Com uma calma que tira não se sabe de onde, Lucía larga o gato caramelo e abraça os dois amigos, macia como se abraçasse o mundo. De um fundo de peito, cerra os olhos e murmura, *gracias a la vida que me ha dado tanto*.

NOITE PERFEITAMENTE NORMAL

NINA LADEIA

Aquela noite era como a maior parte das noites do Universo.

É verdade que, se atendo a essa questão, é muito raro ter um consenso de como é uma noite, quando existem tantas possibilidades de acontecimentos enquanto o Sol não está visível na área observável do céu.

Pode-se ver, ou não, os astros — depende da atmosfera local — e estes podem estar conformados de maneiras absurdas ou engraçadas.

Mas, em sua maioria, as noites são escuras — e aquela assim o era.

A atmosfera daquele planeta permitia ver um emaranhado de corpos celestes, e a escuridão era ajudada pelo fato do lugar estar relativamente distante das construções erguidas pelos habitantes — que tinham o irritante hábito de iluminar tudo o que o Sol havia deixado de lado para seguir sua órbita indiferente aos que, de certa maneira, o idolatravam ao imitá-lo.

E, naquele lugar, a única pequena luz que se opunha aos astros vinha de uma ridícula lanterna de gás fedorento, ao redor da qual algumas formas balofas se organizavam, com as cabeças voltadas para o céu.

Se algum dos quadrúpedes com córtex cerebral pouco desenvolvido que pastavam na região pudessem compreender o que diziam, ou ligasse a mínima, ouviriam:

— Continuem concentrados, irmãos! Em breve, os interplanetários captarão nosso sinal e nos sinalizarão de volta, com a nave mãe!

Seguido pelo som:

— Onhhhh…

Nenhum dos quadrupedes de córtex inferior os ouvia, mas, mesmo assim, eles continuavam. E aquilo já estava moldando-se em uma rotina quando uma luz, brotada no horizonte, alterou o padrão repetitivo.

Os seres abalofados, por um instante, pararam as respirações e seus órgãos de bombeio sanguíneo dispararam enlouquecidos. Apesar disso, nenhum deles correu, combateu ou sequer se moveu do lugar — ao contrário da luz, que se aproximou devagar e constante, perfurando, delicada, a escuridão.

Era pequena, mas começava a aumentar, redonda, amarela e fosca — uma luz perfeitamente normal, dadas as condições do lugar, mas os seres paralisados ao redor da lanterna fedorenta estavam estupefatos.

Um deles ergueu-se nos membros e deixou cair a cobertura que o recobria. Dra uma fêmea, tinha membros e pescoço finos recobertos de panos coloridos, e uma pelagem cinzenta e desgrenhada sobre a cabeça. Ela lançou-se para frente, com os membros superiores abertos.

— Venham, irmãos intergalácticos!

A luz estava indiferente a emoção que despertara. Mas, a atmosfera respondeu a agitação crescente, e uma chuva densa desabou.

Alguns dos seres se envolveram mais em suas proteções inchadas, mas a que estava sobre os pés nem pareceu perceber a chuva. Contrariando-a, a luz percebeu, e avançou mais rápida e trépida em direção ao grupo.

Parou, súbita, a um metro dos reunidos, antes de avançar cautelosa. Então, mudou a direção, voltando-se para o céu.

Ao fazer isso, revelou duas formas altas e esguias que a portavam.

— Boa noite, meu nome é Gabriel e esse é meu irmão Henrique… O vento virou nossas barracas. Vocês sabem para qual lado fica a interestadual?

Conhecendo a natureza dos encéfalos, demorou mais tempo do que levaria normalmente para os outros seres processarem ou responderem a comunicação.

Finalmente, um dos que estavam sentados — um macho, de pelagem encaracolada e lentes redondas sobre a face — comunicou.

— Fica seguindo essa trilha, sempre a direita, uns três quilômetros. – O entonar vocal expressava uma indefinida emoção entre a raiva e a frustração.

— Obrigado! — fez o ser chamado Gabriel, este com um entonar vocal que expressava alivio e pressa. — Boa noite!

E dirigiu-se para direita.

— Esperem! — disse a fêmea que estava de pé. — Vocês não querem reunir-se a nós? Somos uma irmandade de pesquisadores. Estamos tentando contato com os irmãos extraplanetários!

O ser que se chamava Gabriel moveu apenas os olhos para o ser que se chamava Henrique, que devolveu um gesto equivalente, e ambos identificaram um no outro a expressão mesclada de riso, susto e uma conhecida naquela cultura como "cara de bunda".

— Não…Obrig…

— Ficaremos acampados até amanhã! Podemos dar sacos de dormir e mantas para os dois! — insistiu a fêmea.

— Não, obrigada! — tornou com mais firmeza. — Já estamos de partida!

E virou-se definitivamente de costas parar o grupo, marchando para longe.

A fêmea, agora com a pelagem ensopada de água, tornou a sentar-se.

Não demorou mais do que a mensuração temporal de um minuto para o clarão da lanterna dos rapazes desaparecer, e menos que isso para a atmosfera arrepender-se de desabar e estiar a chuva.

A noite voltou a ser escura, fria e levemente estrelada, e o som dos insetóides conhecido como "grilos" voltou ser ouvidos, bem como outros ruídos, mais violentos.

— Eu falei que era loucura acampar com esse tempo!
— Calma, Alberto, eles virão…
— Virão porra nenhuma!
— Meu Deus, para que eu vim, afinal!?
— Eu não vou mentalizar mais merda nenhuma!

E outras gamas de sons foram expressos, em volumes mais ou menos agressivos, perdendo-se antes de chegar as nuvens.

Considerando as distâncias mensuráveis, não muito longe dali os seres chamados Gabriel e Henrique caminhavam em ritmo constante para o norte magnético do planeta, até sentirem a ponta dos calçados emborrachados abandonarem o chão terroso e tocarem uma superfície plana, de cascalho e piche esmagado. Então, rumaram para o leste.

Continuavam empunhando a luz. Suas vestimentas pingavam, ritmando com seus passos, quando um apito metálico ressoou, durando apenas um segundo, seguido pelo clarão prismático que deu a impressão de rasgar a escuridão com uma folha.

Então, com um zunido baixo e irritante — menos irritante que o dos grilos, a nave discoide surgiu por inteiro, girando mansamente, e lançou ao chão um feixe de cor púrpura.

O ser chamado Gabriel olhou para a nave que reluzia, e, pondo as mãos na cintura, disse, enfadonho:

— Finalmente! Porque demoraram tanto!

E andou até o feixe de luz, para desaparecer em seguida.

O ser chamado Henrique suspirou entediado, ajeitou a mochila sobre os ombros e também seguiu para a luz, que, tão logo o absorveu, foi recolhida.

Com outro relâmpago, a nave desapareceu por completo, deixando para traz uma noite escura, calma e perfeitamente normal. ●

ANDRÉ CANIATO

André Caniato lê, escreve, traduz, edita e canta no banho. *Além de uma publicação independente na Amazon*, tem contos na *Trasgo #16* e no *Wattpad*, com mais a caminho, planejados ainda para 2018. É criador e editor da *Plutão Livros*, editora brasileira de e-books de ficção científica, e tem como maiores sonhos a queda do capitalismo e a subsequente paz mundial — é também um grande iludido, portanto.

AURYO JOTHA

Auryo Jotha tem 23 anos, mora em um pé de meia, também conhecido como Piauí. Adora a ambientação de Blade Runner, animações como O Castelo Animado, mitologias de todos os gêneros, e um bom livro/filme de terror psicológico. Decidiu se preparar com alguns contos – que publica no Wattpad – antes de trazer a este lado da realidade um mundo de fantasia com umas patas no folclore brasileiro, fora isso, está enveredando em roteiros para curtas de terror. Pode ser encontrado tanto no Facebook quanto no Twitter como AuryoJ, e no Wattpad como @AuryoJ.

CLARA GIANNI

Clara Gianni tem 19 anos, é estudante de direito, de cartas de tarô, de teorias da conspiração e de mensagens subliminares em videoclipes, discos ao contrário e desenhos infantis. Mora em Belém do Pará desde que se entende por gente. Descobriu na ficção científica um fascínio sem data de validade, ou contraindicações — embora estique as perninhas para o terror com frequência. Já publicou contos em antologias e é resenhista colaboradora do blog literário Sobre os Olhos da Alma.

RAFAEL MARX

Rafael Marx fez três anos de engenharia antes de decidir estudar jornalismo porque isso permitiria ele criar histórias. Hoje, é redator publicitário, dono de um blog de esportes, criador de uma revista literária e escritor de fantasia e cyberpunk em tempo integral. Seu sobrenome é de família, não político.

NATAN ANDRADE

Na capital goiana, o menino Natan Andrade cresceu fascinado com os filmes da sessão da tarde e com tudo o que encontrasse de ficção científica. Talvez foi dessa mistura que brotou sua veia de escritor: da necessidade de contar histórias que atravessem o tempo e cheguem em outros jovens sedentos por história boa. Hoje, transita entre a ficção científica e as histórias de boteco. Não necessariamente nesta ordem. Formado em Comunicação pela Universidade de Brasília, o autor trabalha com redes sociais e rascunha alguns textos na *revista online Simbiose* e para o projeto *Escuta Que É Bom*.

VICTOR GERHARDT

Nascido em 1987 em Petrópolis, Rio de Janeiro, Victor Gerhardt se formou em Sistemas de Informação e se mudou para a capital fluminense com 23 anos. Por anos, se dedicou ao site Nerdice. com como editor e colunista, além de assinar roteiros para o *canal de curtas de terror Medologia*. Em 2014, fundou, junto com as irmãs, a empresa *Calliope Soluções Editoriais*, na qual trabalha como designer, capista e diagramador. Há quatro anos, Victor se mudou para Sorocaba, no interior paulista, por motivos de amor. E é lá que ele vive até hoje, mais feliz do que nunca com sua musa. Já publicou um conto na *Revista Trasgo*.

CONRADO DE LIMA

Conrado de Lima é um cearense, daqueles que conheceu o aracati antes do mar. Não escreve desde de criança, não leu no berço, tampouco ouviu seu pai recitar contos de fadas, porém escreve de tempos em tempos. Já colaborou com os blogs/sites Fixação Literária, Iradex e o Escambau, onde foi jurado do Terceiro Prêmio de Microcontos. Também palestrou na Bienal através duma oportunidade dado pelo último. É fã incondicional da Sandy Leah, joga League of Legens e não sabe no que essas informações vão acrescentar na vida de quem lê. Enfim, é sagitariano.

ADELE LAZARIN

Escritora, jornalista e produtora de conteúdo, Adele é apaixonada por literatura desde que aprendeu as primeiras palavras. Começou a escrever aos seis anos, com pequenos contos para os colegas de escola, e hoje acredita que são as histórias que movem as pessoas. Goiana do pé rachado e carioca de coração, pratica taekwondo quando não está escrevendo e tem como hobby abraçar cachorros e sonhar acordada. Aprendeu a desbravar novos mundos com Tolkien e ainda espera por uma carta de Hogwarts.

NINA LADEIA

Nina Ladeia nasceu na Bahia em 1989 e, desde que se recorde, sempre leu. Suas temáticas favoritas sempre foram fantasia e ficção, e suas influências vão de Jorge Amado à Douglas Adams, passando por X-Men, C.S. Lewis e Pedro Bandeira. Ela também sempre escreveu, mas nunca expôs seus rascunhos e está muito satisfeita em mudar isso. Há outras coisas legais sobre Nina, como o fato de dela ser médica e ter três especialidades, mas isso não é muito interessante — ou não tão interessante quanto o fato desse conto ter sido rascunhado no verso de um texto sobre giárdias.